

DEUS
&
SOBERANO

A. W. PINK

Deus é Soberano

Direitos Autorais © 2022 Legado Reformado.

Título original: *The Sovereignty of God*

Originally published in English by Grace Gems!

Legado Reformado em Parceria com Legado Puritano

Legado Reformado

www.legadoreformado.com

Produção Editorial:

Editor: Henrique Curcio

Tradução: Silvio Dutra

Revisão: Henrique Curcio e Jacqueline Moura

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo qualquer indicação específica. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer maneira sem permissão por escrito, exceto nos casos de breves citações contidas em artigos ou revistas. Direcione sua solicitação ao editor no seguinte endereço: permissões@legadoreformado.com.

Siga nosso Instagram:

www.instagram.com/legadoreformado/

Audiobooks do Legado Reformado

Link do nosso Spotify

<https://spoti.fi/3FXSzEH>

Link do nosso canal no Youtube

<https://www.youtube.com/@legadoreformado6520>

Mídias Sociais e outros Links

Link do nosso Site:

<https://www.legadoreformado.com>

Link do nosso Instagram:

<https://www.instagram.com/legadoreformado/>

Link dos nossos livros na Amazon:

<https://amzn.to/3PFijjN>

Como ajudar nosso ministério

Nosso foco é glorificar a Deus e abençoar nossos irmãos em Cristo com nossas traduções. Por esse motivo decidimos fazer todo o nosso conteúdo digital de maneira gratuita. **Caso você deseje ajudar o nosso ministério, você poderá:**

1. Seguir nosso Instagram:
www.instagram.com/legadoreformado/
2. Comprar uma cópia física;
3. Fazer uma doação para o Pix: CNPJ 47.268.109/0001-78;
4. Traduzir, Revisar ou Narrar
(contato@legadoreformado.com)
5. Deixar uma avaliação no site da Amazon, para que outras pessoas possam saber sobre esse conteúdo gratuito.

Oremos para que Deus possa usar esse conteúdo para edificar a Sua Igreja.

Que Deus o abençoe.

ÍNDICE

AUDIOBOOKS DO LEGADO REFORMADO	1
MÍDIAS SOCIAIS E OUTROS LINKS	1
COMO AJUDAR NOSSO MINISTÉRIO	2
ÍNDICE	3
PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO	6
PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO	11
PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO	15
PREFÁCIO DA QUARTA EDIÇÃO	18
INTRODUÇÃO	20
A SOBERANIA DE DEUS DEFINIDA	37
A SOBERANIA DE DEUS NA CRIAÇÃO	54
A SOBERANIA DE DEUS NA ADMINISTRAÇÃO	63
A SOBERANIA DE DEUS NA SALVAÇÃO	92
A SOBERANIA DE DEUS NA REPROVAÇÃO	108
A SOBERANIA DE DEUS EM OPERAÇÃO	118
A SOBERANIA DE DEUS E A VONTADE HUMANA	150
A SOBERANIA DE DEUS E A RESPONSABILIDADE HUMANA	182
A SOBERANIA DE DEUS E ORAÇÃO	223

DEUS É SOBERANO

A SOBERANIA DE DEUS E A NOSSA ATITUDE	249
DIFICULDADES E OBJEÇÕES	274
O VALOR DESTA DOCTRINA	313
CONCLUSÃO	343
QUEM FOI A. W. PINK?	370
OUTROS TÍTULOS PRODUZIDOS POR NÓS	378

“Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos.

Amém!”

(1 Tm 1:17)



Prefácio da Primeira Edição

Nas páginas seguintes foi feita uma tentativa de examinar novamente à luz da Palavra de Deus algumas das questões mais profundas que podem envolver a mente humana. Outros têm lutado com esses problemas poderosos em dias passados e de seus trabalhos nós somos os ganhadores. Embora não reivindicando originalidade, eu me esforcei para examinar e lidar com este assunto de um ponto de vista totalmente independente. Estudamos diligentemente os escritos de homens como *Agostinho, Aquino, Calvino,*

*Melanethon, Jonathan Edwards, Ralph Erskine, Andrew Fuller e Robert Haldane*¹. E triste é pensar que esses nomes eminentes e honrados são quase totalmente desconhecidos para a geração atual. Embora, é claro, não endossemos todas as suas conclusões, ainda assim reconhecemos com prazer nossa profunda dívida com seus trabalhos. Nós nos abstinemos propositalmente de citar livremente esses teólogos profundamente ensinados, porque desejamos que a fé de nossos leitores não se apoie na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. Por esta razão, citamos livremente as Escrituras e procuramos fornecer textos-prova para cada declaração que apresentamos.

Seria tolice esperarmos que este trabalho tenha a aprovação geral. A tendência da teologia moderna se é que pode ser chamada de teologia, é sempre em direção à deificação da criatura em vez da glorificação do Criador, e o fermento do

¹ Entre aqueles que lidaram de maneira mais útil com o assunto da Soberania de Deus nos últimos anos, mencionamos os Drs. Rice, J. B. Moody e George S. Bishop, de cujos escritos também recebemos instruções.

Racionalismo atual está rapidamente permeando toda a cristandade.

Os efeitos malévolos do *darwinismo* são mais abrangentes do que a maioria está ciente. Muitos daqueles entre nossos líderes religiosos que ainda são considerados ortodoxos, tememos, seriam considerados muito heterodoxos se fossem pesados na balança do Santuário. Mesmo aqueles que são intelectualmente claros sobre outras verdades raramente são sãos na doutrina. Poucos, muito poucos, hoje, realmente acreditam na completa ruína e total depravação do homem. Aqueles que falam do “livre arbítrio” do homem e insistem em seu poder inerente de aceitar ou rejeitar o Salvador, apenas expressam sua ignorância da real condição dos filhos caídos de Adão. E se há poucos que acreditam que a condição do pecador é totalmente sem esperança.

Além dos efeitos generalizados do ensino antibíblico, também temos que levar em conta a superficialidade deplorável da geração atual. Anunciar que um certo livro é um tratado de teologia, é suficiente para fazer os membros da igreja e também a maioria de nossos pregadores se afastarem de tal livro. O anseio

hoje é por algo leve e picante, e poucos têm paciência; menos ainda, desejo, de examinar cuidadosamente o que exigiria tanto de seus corações quanto de suas faculdades mentais.

Lembramos, também, como está se tornando cada vez mais difícil nestes dias extenuantes para aqueles que desejam estudar as coisas mais profundas de Deus, encontrar o tempo que tal estudo requer. No entanto, ainda é verdade de que onde há uma vontade, há um caminho, e apesar das características desencorajadoras mencionadas, acreditamos que ainda há um remanescente piedoso que terá prazer em dar a este pequeno trabalho uma consideração cuidadosa, e tal, confiamos, encontrará nele alimento em seu devido tempo.

Não esquecemos as palavras de um há muito falecido, a saber, que “a denúncia é o último recurso de um oponente derrotado”. Para descartar este livro com o epíteto desdenhoso, o “Hiper-Calvinismo” não será digno de nota. Para controvérsias não temos gosto, e não aceitaremos nenhum desafio para criar embates contra aqueles que desejam debater as verdades discutidas nestas páginas. No que diz respeito à nossa

DEUS É SOBERANO

reputação pessoal; deixemos que o nosso Senhor cuide disso. A Ele agora entregamos este volume e qualquer fruto que possa dar, rogando-Lhe que o use para a iluminação de Seu próprio povo querido (na medida em que esteja de acordo com Sua Santa Palavra) e que Ele perdoe o escritor e preserve o leitor dos efeitos prejudiciais de qualquer falso ensino que pode ter se infiltrado nesse livro. Se a alegria e o conforto que vieram ao autor enquanto escrevia estas páginas são compartilhados por aqueles que podem examiná-las, então seremos devotamente gratos Àquele cuja graça somente nos permite discernir as coisas espirituais.

Junho de 1918 Arthur W. Pink.



Prefácio da Segunda Edição

Já se passaram dois anos desde que a primeira edição desta obra foi apresentada ao público cristão. Sua recepção foi muito mais favorável do que o autor esperava. Muitos o notificaram da ajuda e bênção recebidas de uma leitura atenta de suas tentativas de expor o que é reconhecidamente um assunto difícil. Para cada palavra de apreço, agradecemos sinceramente a Ele, em cuja luz nós podemos ver mais luz. Alguns condenaram o livro em termos não qualificados, e estes nós recomendamos a Deus e à Palavra de Sua graça,

lembrando que está escrito: “O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada” (Jo 3:27). Outros nos enviaram críticas amigáveis e estas foram cuidadosamente ponderadas, e confiamos que, em consequência, esta edição revisada será para aqueles que são membros da família da fé, mais proveitosa do que a anterior.

Uma palavra de explicação parece ser necessária. Vários irmãos respeitados em Cristo sentiram que nosso tratamento da Soberania de Deus era muito extremo e unilateral. Tem sido apontado que um requisito fundamental na exposição da Palavra de Deus é a necessidade de preservar o equilíbrio da Verdade. Com isso estamos de pleno acordo. Duas coisas são indiscutíveis: Deus é Soberano, e o homem é uma criatura responsável. Mas neste livro estamos tratando da Soberania de Deus, e embora a responsabilidade do homem seja prontamente aceita, ainda assim, não paramos em cada página para insistir nisso; em vez disso, procuramos enfatizar aquele lado da verdade que hoje em dia é quase universalmente negligenciado.

Provavelmente 95 por cento da literatura religiosa da época é dedicada a expor os deveres e obrigações dos

homens. O fato é que aqueles que se propõem a expor a responsabilidade do homem são os mesmos que perderam ‘o equilíbrio da verdade’ ao ignorar, em grande parte, a Soberania de Deus. É perfeitamente correto insistir na responsabilidade do homem, mas e quanto a soberania de Deus? Ele não tem reivindicações, nem direitos! Seriam necessárias cem obras como esta, dez mil sermões teriam que ser pregados em todo o país sobre este assunto, para que o ‘equilíbrio da verdade’ fosse recuperado. O ‘equilíbrio da verdade’ foi perdido, perdido por uma ênfase desproporcional sendo lançada no lado humano, para minimizar, se não excluir, o lado Divino. Admitimos que este livro é unilateral, pois apenas pretende tratar de um lado da verdade, ou seja, o lado negligenciado, o lado Divino.

Além disso, a questão pode ser levantada: “O que é mais deplorável; uma ênfase excessiva no lado humano e uma ênfase insuficiente no lado divino, ou uma ênfase excessiva no lado divino e uma ênfase insuficiente no lado humano?” Certamente, há muito mais perigo de fazer muito do homem e muito pouco de Deus, do que fazer muito de Deus e muito pouco do homem. Sim, a tais perguntas podem ser feitas: “Podemos levar as

DEUS É SOBERANO

reivindicações de Deus longe demais? Podemos ser extremos demais ao insistir no caráter absoluto e universal da Soberania de Deus?”

É com profunda gratidão a Deus que, depois de mais dois anos de estudo diligente das Sagradas Escrituras, com o desejo sincero de descobrir o que o Deus Todo-Poderoso Se agradou de revelar a Seus filhos sobre este assunto, somos capazes de testificar que não vemos razão para fazer qualquer retratação do que escrevemos antes, e embora tenhamos reorganizado o material desta obra, a substância e a doutrina dela permanecem inalteradas. Que Aquele que condescendeu em abençoar a primeira edição desta obra tenha o prazer de abençoar ainda mais amplamente esta revisão.

Arthur W. Pink, 1921.



Prefácio da Terceira Edição

O fato de uma terceira edição desta obra ser solicitada é motivo de fervoroso louvor a Deus. À medida que a escuridão se aprofunda e as pretensões dos homens estão assumindo uma proporção cada vez maior, torna-se maior a necessidade de enfatizar as reivindicações de Deus. Como a Babel de línguas religiosas do século XX está confundindo tantos, o dever dos servos de Deus de apontar para o único ancoradouro seguro para o coração é o mais aparente. Nada é tão tranquilizador e tão estabilizador quanto a

certeza de que o próprio Senhor está no Trono do universo e que Ele “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:11).

O Espírito Santo nos disse que há nas Escrituras algumas coisas difíceis de serem entendidas; mas observe que é “difícil” e não “impossível!” Uma espera paciente no Senhor, uma comparação diligente de Escritura com Escritura, muitas vezes resulta em uma compreensão mais completa daquilo que antes era obscuro para nós. Durante os últimos dez anos, agradou a Deus conceder-nos mais luz sobre certas partes de Sua Palavra, e isso procuramos usar para melhorar nossas exposições de diferentes passagens. Mas é com gratidão não fingida que achamos desnecessário mudar ou modificar qualquer doutrina contida nas edições anteriores. Sim, com o passar do tempo, percebemos (pela graça divina) com força cada vez maior, a verdade, a importância e o valor da Soberania de Deus no que se refere a cada ramo de nossas vidas.

Nossos corações foram levados a regozijar-se repetidamente por cartas não solicitadas que chegaram de todos os cantos da terra, falando da ajuda e bênçãos recebidas por meio das edições anteriores desta obra.

LEGADO REFORMADO

Um amigo cristão ficou tão emocionado ao lê-la e tão impressionado com seu testemunho, que um cheque foi enviado para ser usado no envio de cópias gratuitas a missionários em cinquenta países estrangeiros, “para que sua gloriosa mensagem possa circundar o globo”; muitos dos quais nos escreveram para dizer o quanto foram fortalecidos em sua luta contra os poderes das trevas. Somente a Deus pertence toda a glória. Que Ele se use esta terceira edição para a honra de Seu próprio grande Nome e para alimentar Suas ovelhas dispersas e famintas.

Morton's Gap, A. W. P. Kentucky 1929



Prefácio da Quarta Edição

É com profundo louvor ao “Deus Altíssimo” que há uma demanda de mais uma edição deste livro valioso e útil. Embora seu ensino vá diretamente contra o que está sendo promulgado hoje por todos os lados, ainda assim estamos felizes em poder dizer que sua circulação está aumentando para o fortalecimento da fé, conforto e esperança de um número crescente dos eleitos de Deus. Entregamos esta nova edição Àquele a quem nos deleitamos em honrar, orando para que Ele tenha o prazer de abençoar sua circulação para a iluminação de

LEGADO REFORMADO

muitos outros, para o louvor da glória de Sua graça, e uma apreensão da majestade de Deus e Sua misericórdia soberana.

I. C. Herendeen. 1949.



Introdução

Quem está regulando os assuntos nesta terra hoje; Deus, ou o Diabo? Que Deus reina supremo no céu é geralmente concedido; que Ele o faça neste mundo, é quase universalmente negado, se não diretamente, então indiretamente. Cada vez mais os homens em suas filosofias e teorizações estão deixando Deus em segundo plano. Tome o reino material. Não só se nega que Deus criou tudo por ação pessoal e direta, mas poucos acreditam que Ele tenha alguma preocupação imediata em regular as obras de Suas próprias mãos. Para eles, tudo deve ser ordenado de acordo com as impessoais e abstratas “leis da Natureza”. Assim o

Criador é banido de Sua própria criação. Portanto, não devemos nos surpreender que os homens, em suas concepções degradantes, O excluam do reino dos assuntos humanos. Em toda a cristandade, com uma exceção quase insignificante, sustenta-se a teoria de que o homem é “um agente livre” e, portanto, senhor de suas fortunas e determinante de seu destino. Muitos afirmam que Satanás é o culpado por grande parte do mal que há no mundo, e embora tais homens tenham tanto a dizer sobre “a responsabilidade do homem”, muitas vezes negam sua própria responsabilidade, atribuindo ao diabo o que, de fato, procede de seus próprios corações malignos (Mc 7:21-23).

Mas quem está regulando os assuntos nesta terra hoje; Deus, ou o Diabo? Tente ter uma visão séria e abrangente do mundo. Que cena de confusão e caos nos confronta por todos os lados! O pecado é desenfreado; a ilegalidade abunda; homens maus e sedutores estão se tornando cada vez piores (2 Tm 3:13). Hoje, tudo parece estar fora dos eixos. Os tronos estão rangendo e cambaleando, antigas dinastias estão sendo derrubadas, as democracias estão se revoltando, a civilização é um fracasso comprovado; metade da cristandade estava

DEUS É SOBERANO

recentemente presa em uma luta mortal; e agora que o conflito titânico acabou, em vez de o mundo ter se tornado seguro em sua democracia, descobrimos que a democracia pode ser fonte de muita insegurança para o mundo. Agitação, descontentamento e ilegalidade são abundantes em todos os lugares, e ninguém pode dizer em quanto tempo outra grande guerra será desencadeada. Os estadistas estão perplexos e desconcertados. Os corações dos homens “desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo” (Lc 21:26). Por acaso, por meio desse tanto de coisas e mudanças, parece que Deus está no controle total?

Mas vamos limitar nossa atenção ao reino religioso. Depois de dezenove séculos de pregação do Evangelho, Cristo ainda é “desprezado e o mais rejeitado entre os homens” (Is 53:3). Pior ainda, Ele (o Cristo das Escrituras) é proclamado e engrandecido por muito poucos. Na maioria dos púlpitos modernos Ele é desonrado e repudiado. Apesar dos esforços frenéticos para atrair as multidões, a maioria das igrejas está sendo esvaziada em vez de engrandecida. E o que dizer das grandes massas de não frequentadores da igreja? À luz

das Escrituras, somos compelidos a acreditar que “muitos” estão no Caminho Largo que leva à destruição, e que apenas “poucos” estão no Caminho Estreito que conduz à vida. Muitos estão declarando que o cristianismo é um fracasso, e o desespero está tomando conta de muitos rostos. Não poucos do próprio povo do Senhor estão confusos, e sua fé está sendo severamente provada.

E o que dizer de Deus? Ele vê e ouve? Ele é impotente ou indiferente? Vários daqueles que são considerados líderes do pensamento cristão nos disseram que Deus não poderia evitar a vinda da terrível guerra que nos acometeu, e que Ele foi incapaz de trazer seu fim. Foi dito, e dito abertamente, que as condições estavam além do controle de Deus. Por acaso, parece que Deus está realmente governando o mundo?

Quem está regulando os assuntos nesta terra hoje; Deus, ou o Diabo? Que impressão é feita na mente daqueles homens do mundo que, ocasionalmente, assistem a um culto evangélico? Quais são as concepções formadas por aqueles que ouvem os pregadores que são considerados “ortodoxos”? Não é um Deus desapontado, Aquele em quem os cristãos acreditam?

Pelo que se ouve do evangelista hoje, por acaso, nenhum ouvinte sério é obrigado a concluir que ele professa representar um Deus cheio de intenções benevolentes, mas incapaz de realizá-las; que Ele está sinceramente desejoso de abençoar os homens, mas que eles não O deixam? Por acaso, por meio de tal pregação, os ouvintes não devem inferir que o Diabo ganhou vantagem, e que Deus deve ser compadecido em vez de culpado?

Mas tudo não parece mostrar que o Diabo tem muito mais a ver com os assuntos da terra do que Deus? Ah, tudo depende se estamos andando pela fé ou andando pela vista. Seus pensamentos, meu leitor, sobre este mundo e a relação de Deus com ele, são baseados no que você vê? Encare essa questão com seriedade e honestidade. E se você é um cristão, provavelmente terá motivos para inclinar a cabeça com vergonha e tristeza e reconhecer que é assim. Infelizmente, na realidade, andamos muito pouco “pela fé”.

Mas o que significa “andar pela fé”? Significa que nossos pensamentos são formados, nossas ações reguladas, nossas vidas moldadas pelas Sagradas Escrituras, pois “a fé vem pela pregação, e a pregação,

pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). É por meio da Palavra da Verdade, e somente por meio dela, que podemos aprender qual é a relação de Deus com este mundo.

Quem está regulando os assuntos nesta terra hoje; Deus ou o Diabo? O que dizem as Escrituras? Antes de considerarmos a resposta direta a esta pergunta, diga-se que as Escrituras predisseram exatamente o que vemos e ouvimos agora. A profecia de Judas está se cumprindo. Isso nos levaria muito longe de nossa pesquisa atual para amplificar totalmente essa afirmação, mas o que temos particularmente em mente é uma frase no versículo 8: “Ora, estes, da mesma sorte, quais sonhadores alucinados, não só contaminam a carne, como também rejeitam governo e difamam autoridades superiores”. Sim, eles “difamam” a Dignidade Suprema, o “único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores” (1 Tm 6:15). A nossa é peculiarmente uma época de irreverência e, como consequência, o espírito de ilegalidade, que não tolera restrições e deseja rejeitar tudo o que interfere no livre curso da vontade própria, está rapidamente engolindo a terra como uma gigantesca maré. Os membros da nova geração são os infratores mais flagrantes, e na decadência e

DEUS É SOBERANO

desaparecimento da autoridade paterna temos o precursor certo da abolição da autoridade cívica. Portanto, em vista do crescente desrespeito pela lei humana e a recusa de prestar honra a quem a honra é devida, não devemos nos surpreender que o reconhecimento da majestade, da autoridade, da Soberania do legislador Todo-Poderoso deva permanecer cada vez mais em segundo plano, e as pessoas têm cada vez menos paciência com aqueles que insistem nelas. E as condições não vão melhorar; em vez disso, a Palavra de Profecia mais segura nos faz saber que eles ficarão cada vez piores. Nem esperamos ser capazes de conter a maré; ela já subiu muito alto. Tudo o que podemos esperar fazer agora é advertir nossos companheiros santos contra o espírito da época, e assim procurar neutralizar sua influência fatal sobre eles.

Quem está regulando os assuntos nesta terra hoje; Deus, ou o Diabo? O que dizem as Escrituras? Se acreditarmos em suas declarações claras e positivas, não há espaço para incertezas. Elas afirmam, repetidas vezes, que Deus está no trono do universo; que o cetro está em Suas mãos; que Ele está dirigindo todas as coisas “conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:11). Elas

afirmam, não apenas que Deus criou todas as coisas, mas também que Deus está governando e reinando sobre todas as obras de Suas mãos. Elas afirmam que Deus é o Todo-Poderoso, que Sua vontade é irreversível, que Ele é o Soberano absoluto em todas as esferas de todos os Seus vastos domínios. E certamente essa é a realidade.

Apenas duas alternativas são possíveis: Deus deve governar ou ser governado; influenciar, ou ser influenciado; realizar Sua própria vontade, ou ser frustrado por Suas criaturas. Aceitando o fato de que Ele é o “Altíssimo”, o único Potentado e Rei dos reis, investido de perfeita sabedoria e poder ilimitado, a conclusão é irresistível de que Ele deve ser Deus de fato.

É em vista do que nos referimos brevemente acima que dizemos: As condições atuais exigem um novo exame e uma nova apresentação da onipotência de Deus, da suficiência de Deus e da soberania de Deus.

De todos os púlpitos da terra é preciso trovejar que Deus ainda vive, que Deus ainda observa, que Deus ainda reina. A fé está agora no cercadinho, está sendo testada pelo fogo, e não há lugar de descanso fixo e

suficiente para o coração e a mente, a não ser no Trono de Deus.

O que é necessário agora, como nunca antes, é uma apresentação plena, positiva e construtiva da Divindade de Deus. Doenças drásticas exigem remédios drásticos. As pessoas estão cansadas de chavões e meras generalizações; o apelo é para algo definido e específico. Xarope calmante pode servir para crianças rabugentas, mas um tônico de ferro é mais adequado para adultos, e não sabemos de nada que seja mais calculado para infundir vigor espiritual em nosso corpo do que uma apreensão bíblica do pleno caráter de Deus. Está escrito: “O povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo” (Dn 11:32).

Sem dúvida, uma crise mundial está próxima, e em todos os lugares os homens estão alarmados. Mas Deus não está! Ele nunca é pego de surpresa. Não é nenhuma emergência inesperada que agora O confronta, pois Ele é Aquele que “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:11). Portanto, embora o mundo esteja em pânico, a palavra para o crente é: “Não temas!” “Todas as coisas” estão sujeitas ao Seu controle imediato: “Todas as coisas” estão se movendo de acordo

com Seu propósito eterno e, portanto, “todas as coisas” estão cooperando “para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8:28). Deve ser assim, pois “d’Ele, e por meio d’Ele, e para Ele são todas as coisas” (Rm 11:36). No entanto, quão pouco disso é entendido hoje, mesmo pelo povo de Deus! Muitos supõem que Ele é pouco mais do que um Espectador distante, não interferindo imediatamente nos assuntos da terra. É verdade que o homem é dotado de poder, mas Deus é o Todo-Poderoso. É verdade que, falando de modo geral, o mundo material é regulado pela lei, mas por trás dessa lei está o Legislador e o Administrador da lei. O homem é apenas a criatura. Deus é o Criador, e eras sem fim antes que o homem visse pela primeira vez a luz o “Deus forte” (Is 9:6) existia, e antes que o mundo fosse fundado, fez Seus planos; e sendo infinito em poder e o homem apenas finito, Seu propósito e plano não podem ser resistidos ou frustrados pelas criaturas de Suas próprias mãos.

Reconhecemos prontamente que a vida é um problema profundo e que estamos cercados de mistério por todos os lados; mas não somos como os animais do

campo, ignorantes de sua origem e inconscientes do que está diante deles. Não! “Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética”, da qual se diz que fazeis bem em “atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração” (2 Pe 1:19). E é a esta Palavra de Profecia que de fato fazemos bem em “dar atenção”, a Palavra que não teve sua origem na mente do homem, mas na Mente de Deus, pois “jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1:21). Dizemos novamente, é a esta “Palavra” que fazemos bem em prestar atenção.

À medida que nos voltamos para esta Palavra e somos instruídos por ela, descobrimos um princípio fundamental que deve ser aplicado a todos os problemas: Em vez de começar com o homem e seu mundo e trabalhar de volta para Deus, devemos começar com Deus e ir até o homem. “No princípio, criou Deus” (Gn 1:1). Aplique este princípio à situação atual. Comece com o mundo como é hoje e tente trabalhar de volta para Deus, e tudo parecerá mostrar

que Deus não tem nenhuma conexão com o mundo. Mas comece com Deus, e d'Ele tente entender o mundo, e eu lhe garanto que luz, muita luz, será lançada sobre o problema. Porque Deus é santo, Sua ira arde contra o pecado; porque Deus é justo, Seus julgamentos caem sobre aqueles que se rebelam contra Ele; porque Deus é fiel, as ameaças solenes de Sua Palavra são cumpridas; porque Deus é onipotente, ninguém pode resistir a Ele com sucesso, ainda menos derrubar Seu conselho; e porque Deus é onisciente, nenhum problema pode dominá-Lo e nenhuma dificuldade frustrar Sua sabedoria. É apenas porque Deus é quem Ele é e o que Ele é que agora estamos vendo na terra; o início de Seus julgamentos estão sendo derramados. Em vista de Sua justiça inflexível e santidade imaculada, não poderíamos esperar nada além do que é agora espalhado diante de nossos olhos.

Mas deixe-me dizer muito enfaticamente, que o coração só pode descansar e desfrutar da bendita verdade da absoluta Soberania de Deus quando a fé está em exercício. A fé está sempre ocupada com Deus. Esse é o caráter da fé; é isso que a diferencia da teologia intelectual. A fé perdura “como quem vê aquele que é

invisível” (Hb 11:27), suporta as decepções, as dificuldades e os sofrimentos da vida, reconhecendo que tudo vem das mãos d’Aquele que é sábio demais para errar e amoroso demais para ser cruel. Mas enquanto estivermos ocupados com qualquer outro objeto que não seja o próprio Deus, não haverá descanso para o coração nem paz para a mente. Mas quando recebermos tudo o que entra em nossas vidas como de Suas mãos, então, não importa quais sejam nossas circunstâncias ou ambiente, seja em uma choupana, uma masmorra de prisão ou uma estaca de mártir, seremos capazes de dizer: “Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança” (Sl 16:6). Mas essa é a linguagem da fé, não da visão ou dos sentidos.

Mas se, em vez de nos curvamos ao testemunho das Sagradas Escrituras, se em vez de andarmos pela fé, seguirmos a evidência de nossos olhos e raciocinarmos a partir de tais evidências, cairemos em um atoleiro de ateísmo virtual. Ou, se formos regulados pelas opiniões e pontos de vista dos outros, a paz chegará ao fim. Admitindo que há muito neste mundo de pecado e sofrimento que nos amedronta e entristece; dado que

há muito nos tratos providenciais de Deus que nos assustam e cambaleiam; não é por isso que devemos nos unir com o mundano incrédulo que diz: “Se eu fosse Deus, não permitiria isso ou toleraria aquilo”. Muito melhor, na presença de um mistério desconcertante, dizer com um dos antigos: “Emudeço, não abro os lábios porque tu fizeste isso” (Sl 39:9).

As Escrituras nos dizem que os julgamentos de Deus são “insondáveis” e Seus caminhos “inescrutáveis” (Rm 11:33). Deve ser assim para que a fé seja testada, a confiança em Sua sabedoria e justiça fortalecida e a submissão à Sua santa vontade fortalecida.

Aqui está a diferença fundamental entre o homem de fé e o homem de incredulidade. O incrédulo é “do mundo”, julga tudo pelos padrões mundanos, vê a vida do ponto de vista do tempo e dos sentidos, e pesa tudo na balança de sua própria criação carnal. Mas o homem de fé traz Deus, vê tudo do Seu ponto de vista, estima valores pelos padrões espirituais, e vê a vida à luz da eternidade. Fazendo isso, ele recebe tudo o que vem da mão de Deus. Fazendo isso, seu coração fica calmo no meio da tempestade. Fazendo isso, ele se regozija “na

esperança da glória de Deus” (Rm 5:2).

Nestes parágrafos iniciais indicamos as linhas de pensamentos seguidas neste livro. Nosso primeiro postulado é que, porque Deus é Deus, Ele faz o que Lhe apraz, somente como Lhe apraz, sempre como Lhe apraz; que Sua grande preocupação é a realização de Seu próprio prazer e a promoção de Sua própria glória; que Ele é o Ser Supremo e, portanto, Soberano do universo. A partir deste postulado, contemplamos o exercício da Soberania de Deus, primeiro na Criação, segundo na Administração Governamental sobre as obras de Suas mãos, terceiro na Salvação de Seus eleitos, quarto na Reprovação dos ímpios e quinto na Operação sobre e dentro dos homens. Em seguida, mostramos a Soberania de Deus no que se refere à vontade humana em particular e à responsabilidade humana em geral, e mostraremos qual é a única atitude decente para a criatura tomar em vista da majestade do Criador.

Um capítulo foi separado para a consideração de algumas das dificuldades envolvidas e para responder às perguntas que provavelmente surgirão nas mentes de nossos leitores; enquanto um capítulo foi dedicado a um exame mais cuidadoso, porém breve, da Soberania de

Deus em relação à oração. Finalmente, procuramos mostrar que a Soberania de Deus é uma verdade revelada a nós nas Escrituras para o conforto de nossos corações, o fortalecimento de nossas almas e como meio de bênção para nossas vidas. A devida apreensão da Soberania de Deus promove o espírito de adoração, fornece um incentivo à piedade prática e inspira zelo no serviço. É profundamente humilhante para o coração humano, mas na proporção em que leva o homem ao pó diante de seu Criador, Deus é glorificado.

Estamos bem cientes de que o que escrevemos está em franca oposição a grande parte do ensino que é corrente tanto na literatura religiosa quanto nos púlpitos representativos da terra. Admitimos livremente que o postulado da Soberania de Deus com todos os seus corolários está em desacordo direto com as opiniões e pensamentos do homem natural, mas a verdade é que somos incapazes de pensar sobre esses assuntos; somos incompetentes para formar uma estimativa adequada do caráter e dos caminhos de Deus, e é por causa disso que Deus nos deu uma revelação de Sua mente, e nessa revelação Ele declara claramente: “Porque os meus pensamentos não são os vossos

DEUS É SOBERANO

pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos” (Is 55:8,9).

Em vista desse versículo, é de se esperar que muito do conteúdo da Bíblia entre em conflito com os sentimentos da mente carnal, que é inimizada contra Deus. Nosso apelo, então, não é para as crenças populares da época, nem para os credos das igrejas, mas para a Lei e o Testemunho de Jeová. Tudo o que pedimos é um exame imparcial e atento do que escrevemos, feito em oração à luz da Lâmpada da Verdade. Que o leitor preste atenção à admoestação divina de “julgai todas as coisas, retende o que é bom” (1 Ts 5:21).



A Soberania de Deus Definida

*“Teu, Senhor , é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, Senhor , é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos”
(1 Cr 29:11).*

A soberania de Deus é uma expressão que uma vez foi geralmente entendida. Era uma frase comumente usada na literatura religiosa. Era um tema frequentemente exposto no púlpito. Foi uma verdade que trouxe conforto a muitos corações e deu virilidade e estabilidade ao caráter cristão. Mas, hoje, fazer

DEUS É SOBERANO

menção à soberania de Deus é, em muitos lugares, falar em uma língua desconhecida. Se anunciássemos do púlpito comum que o assunto de nosso discurso seria a Soberania de Deus, soaria como se tivéssemos emprestado uma frase de uma das línguas mortas. Infelizmente, essa é a realidade em nossos dias. É uma coisa triste o fato de que a doutrina que é a chave da história, a intérprete da Providência, a urdidura e a trama da Escritura, e o fundamento da teologia cristã deve ser tão tristemente negligenciada e tão pouca compreendida.

A soberania de Deus. O que queremos dizer com esta expressão? Queremos dizer a supremacia de Deus, a realeza de Deus, a divindade de Deus. Dizer que Deus é soberano é declarar que Deus é Deus. Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é o Altíssimo, fazendo de acordo com Sua vontade no exército do Céu e entre os habitantes da terra, para que ninguém possa deter Sua mão ou dizer a Ele o que fazes (Dn 4:35). Dizer que Deus é Soberano é declarar que Ele é o Todo-Poderoso, o Possuidor de todo poder no céu e na terra. É dizer que ninguém pode derrotar Seus conselhos, frustrar Seu propósito ou resistir à Sua vontade (Sl 115:3). Dizer que

Deus é soberano é declarar que Ele é “quem governa as nações” (Sl 22:28), estabelecendo reinos, derrubando impérios e determinando o curso das dinastias como melhor Lhe agrada. Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é o “único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores” (1 Tm 6:15). Esse é o Deus da Bíblia.

Quão diferente é o Deus da Bíblia do Deus do cristianismo moderno! A concepção da Divindade que prevalece mais amplamente hoje, mesmo entre aqueles que professam dar atenção às Escrituras, é uma caricatura miserável, uma caricatura blasfema da Verdade. O Deus do século XX é um ser indefeso e efeminado que não merece o respeito de nenhum homem. O Deus da mente popular é a criação de um sentimentalismo exagerado. O Deus de muitos púlpitos atuais é um objeto de piedade e não de reverência inspiradora.

Dizer que Deus Pai propôs a salvação de toda a humanidade, que Deus Filho morreu com a intenção expressa de salvar toda a raça humana, e que Deus Espírito Santo está agora procurando ganhar o mundo para Cristo; quando, por uma questão de observação

comum, é evidente que a grande maioria de nossos semelhantes está morrendo em pecado e passando para uma eternidade sem esperança; é dizer que Deus Pai está desapontado, que Deus Filho está insatisfeito e que Deus Espírito Santo está sendo derrotado. Declaramos a questão sem rodeios, mas não há como escapar da conclusão. Argumentar que Deus está “tentando o seu melhor” para salvar toda a humanidade, mas que a maioria dos homens não permitirá que Ele os salve, é insistir que a vontade do Criador é impotente e que a vontade da criatura é onipotente. Lançar a culpa, como muitos fazem, sobre o Diabo, não remove a dificuldade, pois se Satanás está derrotando o propósito de Deus; então, Satanás é Todo-Poderoso e Deus não é mais o Ser Supremo.

Declarar que o plano original do Criador foi frustrado pelo pecado é destronar Deus. Sugerir que Deus foi pego de surpresa no Éden e que agora está tentando remediar uma calamidade imprevista é degradar o Altíssimo ao nível de um finito, errante, mortal. Argumentar que o homem é um agente moral livre e o determinante de seu próprio destino, e que, portanto, ele tem o poder de dar xeque-mate em seu

Criador, é retirar de Deus o atributo da onipotência. Dizer que a criatura ultrapassou os limites estabelecidos por seu Criador, e que Deus é agora praticamente um Espectador impotente diante do pecado e sofrimento acarretados pela queda de Adão, é repudiar a declaração expressa da Sagrada Escritura, a saber: “A ira humana há de louvar-te; e do resíduo das iras te cinges” (Sl 76:10). Em uma palavra, negar a Soberania de Deus é entrar em um caminho que, se seguido ao seu término lógico, chegará ao ateísmo cego.

A Soberania do Deus apresentada pela Escritura é absoluta, irresistível, infinita. Quando dizemos que Deus é Soberano, afirmamos Seu direito de governar o universo que Ele criou para Sua própria glória, como Ele bem desejar. Afirmamos que Seu direito é o direito do Oleiro sobre o barro, ou seja, que Ele pode moldar esse barro em qualquer forma que Ele escolher, moldando da mesma massa um vaso para honra e outro para desonra. Afirmamos que Ele não está sob nenhuma regra ou lei fora de Sua própria vontade e natureza. Afirmamos que Deus é uma lei para Si mesmo, e que Ele não tem obrigação de prestar contas de Seus assuntos a ninguém.

DEUS É SOBERANO

A soberania caracteriza todo o Ser de Deus. Ele é Soberano em todos os Seus atributos. Ele é Soberano no exercício de Seu poder. Seu poder é exercido como Ele quer, quando Ele quer, onde Ele quer. Este fato é evidenciado em cada página das Escrituras. Por uma longa temporada esse poder parece estar adormecido, e então é colocado em poder irresistível. Faraó ousou impedir Israel de sair para adorar a Jeová no deserto; o que aconteceu? Deus exerceu Seu poder, Seu povo foi liberto e seus cruéis capatazes mortos. Posteriormente, os amalequitas ousaram atacar esses mesmos israelitas no deserto, e o que aconteceu? Deus estendeu Seu poder nesta ocasião e mostrou Sua mão como fez no Mar Vermelho. Esses inimigos de Seu povo foram prontamente derrubados e destruídos. “Porquanto o SENHOR jurou, haverá guerra do SENHOR contra Amaleque de geração em geração” (Ex 17:16). Mais uma vez, quando Israel entrou na terra de Canaã, o poder de Deus foi exibido de forma notável. A cidade de Jericó impediu seu progresso, e o que aconteceu? Israel não puxou o arco nem desferiu um golpe, pois o Senhor estendeu a mão e os muros caíram. Mas o milagre nunca se repetiu! Nenhuma outra cidade caiu desta maneira.

Todas as outras cidades tinham que ser capturadas pela espada!

Muitos outros exemplos podem ser apresentados ilustrando o exercício soberano do poder de Deus. Tome um outro exemplo. Deus estendeu Seu poder e Davi foi libertado de Golias, o gigante; as bocas dos leões foram fechadas e Daniel escapou ileso; os três filhos hebreus foram lançados na fornalha de fogo ardente e saíram ilesos. Mas o poder de Deus nem sempre interpôs para a libertação de Seu povo, pois lemos: “Outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados” (Hb 11:36,37). Mas por que? Por que esses homens de fé não foram libertos como os outros? Ou, por que os outros não foram mortos assim? Por que o poder de Deus deveria interpor e resgatar alguns e não outros? Por que permitir que Estêvão fosse apedrejado até a morte e depois libertasse Pedro da prisão?

Deus é soberano na delegação de Seu poder a outros. Por que Deus deu a Matusalém uma vitalidade

DEUS É SOBERANO

que o capacitou a sobreviver a todos os seus contemporâneos? Por que Deus deu a Sansão uma força física que nenhum outro humano jamais possuiu? Novamente; está escrito: “Antes, te lembrarás do Senhor, teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas” (Dt 8:18), mas Deus não concede esse poder a todos igualmente. Por que não? Por que Ele deu tanto poder a homens como *Morgan*, *Carnegie* ou *Rockefeller*? A resposta para todas essas perguntas é: Porque Deus é Soberano, e sendo Soberano, Ele faz o que quer.

Deus é Soberano no exercício de Sua misericórdia. Deve ser assim, pois a misericórdia é dirigida pela vontade d’Aquele que mostra misericórdia. A misericórdia não é um direito ao qual o homem tem direito. A misericórdia é aquele adorável atributo de Deus pelo qual Ele se compadece e alivia os miseráveis. Mas sob o justo governo de Deus ninguém é miserável que não mereça ser. Os objetos de misericórdia, então, são aqueles que são miseráveis, e toda miséria é o resultado do pecado; portanto, os miseráveis são merecedores de punição, não de misericórdia. Falar de merecer misericórdia é uma contradição de termos.

Deus concede Suas misericórdias a quem Lhe agrada e as retém como parece bom para Si mesmo. Uma ilustração notável desse fato é vista na maneira como Deus respondeu às orações de dois homens oferecidas em circunstâncias muito semelhantes. A sentença de morte foi dada a Moisés por um ato de desobediência, mesmo quando ele implorou ao Senhor por um indulto. Mas seu desejo foi satisfeito? Não; disse a Israel: “O SENHOR indignou-se muito contra mim, por vossa causa, e não me ouviu; antes, me disse: Basta!” (Dt 3:26).

Agora marque o segundo caso: “Naqueles dias, Ezequias adoeceu de uma enfermidade mortal; veio ter com ele o profeta Isaías, filho de Amoz, e lhe disse: Assim diz o Senhor: Põe em ordem a tua casa, porque morrerás e não viverás. Então, virou Ezequias o rosto para a parede e orou ao Senhor, dizendo: Lembra-te, Senhor , peço-te, de que andei diante de ti com fidelidade, com inteireza de coração, e fiz o que era reto aos teus olhos; e chorou muitíssimo. Antes que Isaías tivesse saído da parte central da cidade, veio a ele a palavra do Senhor, dizendo: Volta e dize a Ezequias, príncipe do meu povo: Assim diz o Senhor , o Deus de

DEUS É SOBERANO

Davi, teu pai: Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas; eis que eu te curarei; ao terceiro dia, subirás à Casa do Senhor. Acrescentarei aos teus dias quinze anos” (2 Rs 20:1-6). Ambos estes homens tinham a sentença de morte em si mesmos, e ambos oraram fervorosamente ao Senhor por um indulto. Um escreveu: “O Senhor não me ouviu”, e morreu; mas ao outro foi dito: “Ouvi tua oração”, e sua vida foi poupada. Que ilustração e exemplificação da verdade expressa em Romanos 9:15: “Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão”.

O exercício Soberano da misericórdia de Deus, de compaixão aos miseráveis, foi demonstrado quando Jeová se tornou carne e habitou entre os homens. Atente-se para essa ilustração. Durante uma das festas dos judeus, o Senhor Jesus subiu a Jerusalém. Ele chegou ao tanque de Betesda, onde “jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paráliticos esperando que se movesse a água” (Jo 5:3,4). “Entre esta multidão estava um homem enfermo havia trinta e oito anos” (Jo 5:5). O que aconteceu? “Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres

ser curado? Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim. Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda. Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar” (Jo 5:6-9).

Por que este homem foi destacado entre todos os outros? Não nos é dito que ele gritou “Senhor, tem misericórdia de mim”. Não há uma palavra na narrativa que insinue que esse homem possuía quaisquer qualificações que o habilitassem a receber um favor especial. Aqui estava então um caso de exercício soberano da misericórdia divina, pois era tão fácil para Cristo curar toda aquela multidão quanto era para curar este certo homem. Mas ele não fez. Ele estendeu Seu poder e aliviou a miséria deste sofredor em particular, e por alguma razão conhecida apenas por Ele mesmo, Ele se recusou a fazer o mesmo pelos outros. Mais uma vez, dizemos, que ilustração e exemplificação de Romanos 9:15: “Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão”

Deus é soberano no exercício de Seu amor. Ah! Isso

DEUS É SOBERANO

é um ditado difícil, quem então pode recebê-lo? Está escrito: “O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada” (Jo 3:27). Quando dizemos que Deus é Soberano no exercício de Seu amor, queremos dizer que Ele ama quem Ele escolhe. Deus não ama a todos*; se Ele amasse a todos, Ele amaria o Diabo. Por que Deus não ama o diabo? Porque não há nada nele para amar; porque não há nada nele para atrair o coração de Deus. Nem há nada para atrair o amor de Deus em qualquer um dos filhos caídos de Adão, pois todos eles são, por natureza, “filhos da ira” (Ef 2:3). Se então não há nada em qualquer membro da raça humana para atrair o amor de Deus, e se, apesar disso, Ele ama alguns, então necessariamente segue que a causa de Seu amor deve ser encontrada em Si mesmo, que é apenas outra maneira de dizer que o exercício do amor de Deus para com os filhos caídos dos homens é de acordo com Seu próprio beneplácito.

Em última análise, o exercício do amor de Deus deve nos remeter à Sua Soberania ou, caso contrário, Ele amaria por regra; e se Ele amasse por regra, então Ele estaria sob uma lei de amor, e se Ele está sob uma lei de amor, então Ele não é supremo, mas Ele mesmo é

governado por uma lei externa a Si mesmo. “Mas”, pode-se perguntar, “certamente você não nega que Deus ama toda a família humana?” Respondemos; está escrito: “Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú” (Rm 9:13). Se então Deus amou Jacó e odiou Esaú, e isso antes deles nascerem ou terem feito o bem ou o mal, então a razão do Seu amor não estava neles, mas em si mesmo.

Que o exercício do amor de Deus é de acordo com Seu próprio prazer Soberano também fica claro na linguagem de Efésios 1:3-5, onde lemos: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade”. Foi “em amor” que Deus Pai predestinou Seus escolhidos para a adoção de filhos por Jesus Cristo para Si mesmo, segundo o quê? De acordo com alguma excelência que Ele descobriu neles? Não. De acordo com o que então? De acordo com o que Ele previu que eles se tornariam? Não; mas atente-se cuidadosamente a

resposta inspirada: “Segundo o beneplácito de sua vontade”.

Não ignoramos o fato de que os homens inventaram a distinção entre o amor de complacência de Deus e Seu amor de compaixão, mas esta é uma invenção pura e simples. As Escrituras chamam este último de “piedade” de Deus (veja Mt 18:33). “Ele é benigno para com os ingratos e maus” (Lc 6:35)!

Deus é soberano no exercício de Sua graça. Isso deveria ser obvio, pois a graça é favor mostrado aos indignos, sim, aos merecedores do Inferno. A graça é a antítese da justiça. A justiça exige a aplicação imparcial da lei. A justiça exige que cada um receba o que lhe é legítimo, nem mais nem menos. A justiça não concede favores e não faz acepção de pessoas. A justiça, como tal, não mostra piedade e não conhece misericórdia. Mas depois que a justiça foi totalmente satisfeita, a graça fluiu. A graça divina não é exercida à custa da justiça, mas a graça reina pela justiça (Rm 5:21), e se a graça “reina”, então a graça é Soberana.

A graça foi definida como o favor imerecido de Deus; e se não for merecida, ninguém pode reivindicá-la como seu direito inalienável. Se a graça é imerecida,

então ninguém tem direito a ela. Se a graça é um dom, ninguém pode exigí-la. Portanto, como a salvação é pela graça, por meio do dom gratuito de Deus, então Ele a concede a quem lhe agrada. Porque a salvação é pela graça, o principal dos pecadores não está além do alcance da misericórdia divina. Porque a salvação é pela graça, a jactância é excluída e Deus recebe toda a glória.

O exercício soberano da graça é ilustrado em quase todas as páginas das Escrituras. Os gentios são deixados a andar em seus próprios caminhos enquanto Israel se torna o povo da aliança de Jeová. Ismael, o primogênito, é expulso comparativamente menos abençoado, enquanto Isaac, o filho da velhice de seus pais, é feito filho da promessa. Esaú, o de coração generoso e espírito perdoador, é negado a bênção, embora ele tenha buscado cuidadosamente com lágrimas, enquanto o verme Jacó recebe a herança e é moldado em um vaso de honra. Assim no Novo Testamento, a verdade divina está escondida dos sábios e prudentes, mas é revelada aos pequeninos. Os fariseus e saduceus são deixados para seguirem seu próprio caminho, enquanto os publicanos e as meretrizes são atraídos pelas cordas do amor.

DEUS É SOBERANO

De maneira notável, a graça divina foi exercida no momento do nascimento do Salvador. A encarnação do Filho de Deus foi um dos maiores eventos da história do universo e, no entanto, sua ocorrência real não foi divulgada a toda a humanidade; em vez disso, foi especialmente revelada aos pastores de Belém e sábios do Oriente. E isso foi profético e indicativo de todo o curso desta dispensação, pois ainda hoje Cristo não é conhecido por todos. Teria sido fácil para Deus enviar um grupo de anjos a todas as nações e anunciar o nascimento de Seu Filho. Mas Ele não fez dessa maneira. Deus poderia ter prontamente atraído a atenção de toda a humanidade para a “estrela”; mas Ele não fez isso. Por quê? Porque Deus é Soberano e dispensa Seus favores como Lhe apraz.

Observe particularmente as duas classes a quem o nascimento do Salvador foi dado a conhecer, a saber, as classes mais improváveis; pastores analfabetos e pagãos de um país distante. Nenhum anjo estava diante do Sinédrio e anunciou o advento do Messias de Israel! Nenhuma “estrela” apareceu aos escribas e advogados enquanto eles, em seu orgulho e justiça própria, examinavam as Escrituras! Eles procuraram

diligentemente para descobrir onde Ele deveria nascer, e ainda assim não foi informado a eles quando Ele realmente veio. Que demonstração de Soberania Divina; os pastores analfabetos escolhidos para uma honra peculiar, enquanto os eruditos e eminentes passaram despercebidos! E por que o nascimento do Salvador foi revelado a esses estrangeiros, e não àqueles em cujo meio Ele nasceu? Veja nisto um maravilhoso prenúncio do trato de Deus com nossa raça ao longo de toda a dispensação cristã. Um prenúncio de que Ele é Soberano no exercício de Sua graça, concedendo Seus favores a quem Lhe apraz, muitas vezes aos mais improváveis e indignos.

Foi-nos indicado que a Soberania de Deus foi manifestada de forma notável em Sua escolha do lugar onde Seu Filho nasceu. Não para a Grécia ou Itália veio o Senhor da Glória, mas para a terra insignificante da Palestina! Não em Jerusalém, a cidade real, nasceu Emanuel, mas em Belém, que era “pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá” (Mq 5:2)! E foi na desprezada Nazaré que Ele cresceu! Verdadeiramente, os caminhos de Deus não são os nossos.



A Soberania de Deus Na Criação

“Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4:11).

Tendo mostrado que a Soberania caracteriza todo o Ser de Deus, vamos agora observar como ela marca todos os Seus caminhos e procedimentos.

Na grande extensão da eternidade que se estende por trás de Gênesis 1:1, o universo ainda não havia nascido e a criação existia apenas na mente do grande

Criador. Em Sua majestade Soberana, Deus habitou sozinho. Referimo-nos àquele período distante de “antes que os céus e a terra fossem criados”. Não havia então anjos para cantar louvores a Deus, nem criaturas para ocupar Sua atenção, nem rebeldes para serem trazidos à sujeição. O grande Deus estava sozinho em meio ao terrível silêncio de Seu próprio vasto universo. Mas mesmo naquela época, se é que se podia chamar tempo, Deus era Soberano.

Ele pode criar ou não criar de acordo com Seu próprio prazer. Ele pode criar desta ou daquela maneira; Ele pode criar um mundo ou um milhão de mundos, e quem estava lá para resistir à Sua vontade? Ele poderia ter trazido à existência um milhão de criaturas diferentes e colocá-las em absoluta igualdade, dotando-as das mesmas faculdades e colocando-as no mesmo ambiente; ou, Ele poderia ter criado um milhão de criaturas, cada uma diferente das outras, e não possuindo nada em comum, exceto sua condição de criatura. Se assim o agradasse, poderia trazer à existência um mundo tão imenso que suas dimensões estariam totalmente além da computação finita; e se Ele estivesse disposto a isso, poderia criar um organismo

DEUS É SOBERANO

tão pequeno que nada além do mais poderoso microscópio poderia revelar sua existência aos olhos humanos.

Era Seu direito soberano criar, por um lado, os serafins exaltados para O louvar ao redor de Seu trono e, por outro lado, o pequeno inseto que morre na mesma hora em que nasce. Se o Deus poderoso escolheu ter uma vasta gradação em Seu universo, do serafim mais elevado ao réptil rastejante, dos mundos giratórios aos átomos flutuantes, em vez de tornar tudo uniforme, quem estava lá para questionar Seu prazer Soberano?

Veja então o exercício da Soberania Divina muito antes do homem ter visto a luz. Com quem Deus se aconselhou na criação e no caráter de Suas criaturas? Veja os pássaros enquanto voam pelo ar, os animais enquanto vagam pela terra, os peixes enquanto nadam no mar, e então pergunte: “Quem foi que os fez diferir?” Foi seu Criador que Soberanamente designou seus vários locais e adaptações para eles!

Vire seus olhos para os céus e observe os mistérios da Soberania Divina que ali confrontam o observador pensativo: “Uma é a glória do sol, outra, a glória da lua,

e outra, a das estrelas; porque até entre estrela e estrela há diferenças de esplendor” (1 Co 15:41). Mas por que deveriam? Por que o sol deveria ser mais glorioso do que todos os outros planetas? Por que haveria estrelas de primeira magnitude e outras de décima? Por que desigualdades tão surpreendentes? Por que alguns dos corpos celestes deveriam ser colocados mais favoravelmente do que outros em sua relação com o sol? E por que haveria “estrelas errantes” (Judas 1:13), estrelas arruinadas? E a única resposta possível é: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4:11).

Venha agora para o nosso próprio planeta. Por que dois terços de sua superfície deveriam estar cobertos de água, e por que tanto de seu terço restante deveria ser impróprio para cultivo ou habitação humana? Por que haveria vastas extensões de pântanos, desertos e campos de gelo? Por que um país deveria ser tão inferior, topograficamente, a outro? Por que um deveria ser fértil e outro quase estéril? Por que um deveria ser rico em minerais e outro não possuir nenhum? Por que o clima

de um deveria ser agradável e saudável, e outro antipático e insalubre? Por que um deveria ser abundante em rios e lagos, e outro ser quase desprovido deles? Por que um deveria estar constantemente perturbado com terremotos, e outro estar quase inteiramente livre de tais pavores? Por quê? Porque assim agradou ao Criador e Sustentador de todas as coisas.

Olhe para o reino animal e observe a variedade maravilhosa. Que comparação é possível entre o leão e o cordeiro, o urso e o cabrito, o elefante e o rato? Alguns, como o cavalo e o cachorro, são dotados de grande inteligência; enquanto outros, como ovelhas e porcos, são quase desprovidos dela. Por quê? Alguns são projetados para serem animais de carga, enquanto outros desfrutam de uma vida de liberdade. Mas por que a mula e o burro deveriam ser acorrentados a uma vida de labuta enquanto o leão e o tigre podem vagar pela selva a seu bel prazer? Alguns são próprios para alimentação, outros impróprios; alguns são bonitos, outros feios; alguns são dotados de grande força, outros são bastante indefesos; alguns são rápidos, outros mal conseguem rastejar; alguns são úteis para o homem,

outros parecem não ter valor; alguns vivem por séculos, outros alguns meses no máximo; alguns são mansos, outros ferozes. Mas por que todas essas variações e diferenças? O que é verdade para os animais é igualmente verdade para os pássaros e peixes.

Mas considere agora o reino vegetal. Por que as rosas têm espinhos e os lírios crescem sem eles? Por que uma flor deve emitir um aroma perfumado e outra não? Por que uma árvore deve dar frutos que são saudáveis e outra dar frutos que são venenosos? Por que um vegetal deve ser capaz de suportar a geada e outro murchar sob ela? Por que uma macieira deve ser carregada de frutos e outra árvore da mesma idade e no mesmo pomar ser quase estéril? Por que uma planta floresce uma dúzia de vezes em um ano e outra dá flores apenas uma vez por século? Verdadeiramente, “tudo quanto aprouve ao SENHOR, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos” (Sl 135:6).

Considere as hostes angelicais. Pensamos que certamente encontraremos uniformidade nas hostes angelicais. Mas não; lá, como em outros lugares, o mesmo prazer Soberano do Criador é exibido. Alguns são mais altos do que outros; alguns são mais poderosos

que outros; alguns estão mais próximos de Deus do que outros. A Escritura revela uma gradação bem definida nas ordens angélicas. Do arcanjo, passando serafins e querubins, chegamos a “principados e potestades” (Ef 3:10), e de principados e potestades para “dominadores deste mundo” (Ef 6:12), e depois para os próprios anjos, e mesmo entre eles lemos sobre “os anjos eleitos” (1 Tm 5:21). Novamente perguntamos: “Por que essa desigualdade, essa diferença de posição e ordem?” E tudo o que podemos dizer é: “No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada” (Sl 115:3).

Se, então, vemos a Soberania de Deus exibida em toda a criação, por que deveria ser considerado uma coisa estranha se a vemos operando no meio da família humana? Por que seria estranho se a um Deus se agrada de dar cinco talentos e a outro apenas um? Por que seria estranho se um nasce com uma constituição robusta e outro, dos mesmos pais, é frágil e doente? Por que deveria ser considerado estranho se Abel é cortado em seu auge, enquanto Caim sofre para viver por muitos anos? Por que seria estranho que alguns nascessem negros e outros brancos; alguns nascem idiotas e outros com altos dotes intelectuais; alguns nascem

constitucionalmente letárgicos e outros cheios de energia; alguns nascem com um temperamento egoísta e impetuoso, sendo que outros são naturalmente abnegados, submissos e mansos? Por que seria estranho se alguns são qualificados por natureza para liderar e governar, enquanto outros são apenas aptos a seguir e servir? A hereditariedade e o ambiente não podem explicar todas essas variações e desigualdades. Não; é Deus quem faz um diferir do outro. Por que Ele age dessa forma? “Ainda assim, Pai, porque assim pareceu bem aos Teus olhos” deve ser nossa resposta.

Aprenda então esta verdade básica, que o Criador é Soberano absoluto, executando Sua própria vontade, realizando Seu próprio prazer e considerando nada além de Sua própria glória. “O SENHOR fez todas as coisas para determinados fins” (Pv 16:4). Por acaso, Ele não tem o direito de fazer como Lhe apraz? Já que Deus é Deus, quem ousa desafiar Sua prerrogativa? Murmurar contra Ele é rebelião. Questionar Seus caminhos é impugnar Sua sabedoria. Criticá-Lo é pecado da mais profunda tintura. Por acaso, esquecemos quem Ele é? Eis que “todas as nações são perante ele como coisa que não é nada; ele as considera

DEUS É SOBERANO

menos do que nada, como um vácuo. Com quem comparareis a Deus?” (Is 40:17,18).



A Soberania de Deus na Administração

“Nos céus, estabeleceu o SENHOR o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo” (Sl 103:19).

Primeiro, uma palavra sobre a necessidade de Deus governar o mundo material. Suponha o oposto por um momento. Para fins de argumentação, digamos que Deus criou o mundo, projetou e fixou certas leis (que os homens chamam de “as leis da Natureza”), e que Ele então se retirou, deixando o mundo à sua fortuna e ao resultado dessas leis. Nesse caso, deveríamos ter um mundo sobre o qual não houvesse um governador

inteligente, um mundo controlado por nada mais do que leis impessoais, um conceito digno do materialismo grosseiro e do ateísmo vazio. Mas, eu digo, suponha por um momento; e à luz de tal suposição pondere bem a seguinte questão. Que garantia temos de que um dia em breve o mundo não será destruído? Uma observação muito superficial das “leis da natureza” revela o fato de que elas não são uniformes em seu funcionamento. A prova disso é o fato de que não há duas estações iguais. Se, então, as leis da Natureza são irregulares em suas operações, que garantia temos contra alguma catástrofe terrível que atinge nossa terra? “O vento sopra onde quer” (agrada), o que significa que o homem não pode aproveitá-lo nem impedi-lo. Às vezes o vento sopra com grande fúria, e pode ser que subitamente se acumule em volume e velocidade até se tornar um furacão em toda a sua extensão. Se não há nada mais do que as leis da Natureza regulando o vento, então, talvez amanhã, possa vir um terrível tornado e varrer tudo da superfície da terra! Que garantia temos contra tal calamidade?

Novamente, nos últimos anos, ouvimos e vemos muito sobre nuvens explodindo e inundando distritos

inteiros, causando estragos terríveis na destruição de propriedades e vidas. O homem é impotente diante tais acontecimentos, pois a ciência não pode inventar meios para evitar que as nuvens estourem. Então, como sabemos que essas nuvens explosivas não se multiplicarão indefinidamente e toda a terra será inundada por seu aguaceiro? Por que não se repetiria o Dilúvio dos dias de Noé? E os terremotos? A cada poucos anos alguma ilha ou alguma grande cidade é varrida da existência por um deles; e o que o homem pode fazer? Onde está a garantia de que em breve um terremoto gigantesco não destruirá o mundo inteiro? A ciência nos fala de grandes incêndios subterrâneos queimando sob a crosta comparativamente fina de nossa terra. Como sabemos, se esses incêndios não explodirão de repente e consumirão todo o nosso globo? Certamente todo leitor agora vê o ponto que estamos procurando esclarecer: Negue que Deus está governando a matéria, negue que Ele está “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1:3), e toda a sensação de segurança se vai!

Sigamos um curso de raciocínio semelhante em relação à raça humana. Deus está governando este nosso

mundo? Ele está moldando os destinos das nações, controlando o curso dos impérios, determinando os limites das dinastias? Ele prescreveu os limites dos malfeitores, dizendo: “Até aqui irás e não mais”? Suponhamos por um momento o contrário. Suponhamos que Deus entregou o leme nas mãos de Suas criaturas e vejamos aonde tal suposição nos leva. Para argumentar diremos que todo homem entra neste mundo dotado de uma vontade absolutamente livre, e que é impossível compeli-lo ou mesmo coagi-lo sem destruir sua liberdade. Digamos que todo homem possui um conhecimento do certo e do errado, que ele tem o poder de escolher entre eles, e que ele é deixado inteiramente livre para fazer sua própria escolha e seguir seu próprio caminho.

Então o que? Segue-se então que o homem é Soberano, pois faz o que lhe agrada e é o arquiteto de sua própria fortuna. Mas, em tal caso, não podemos ter certeza de que em breve todo homem rejeitará o bem e escolherá o mal. Nesse caso, não temos garantia contra toda a raça humana cometer suicídio moral. Se todas as restrições divinas fossem removidas e o homem ficasse absolutamente livre, todas as distinções éticas

desapareceriam imediatamente, o espírito de barbárie prevaleceria universalmente e o pandemônio reinaria supremo. Por que não? Se uma nação depõe seus governantes e repudia sua constituição, o que há para impedir que todas as nações façam o mesmo?

Se há pouco mais de um século as ruas de Paris corriam com o sangue dos desordeiros, que garantia temos de que, antes do século atual, todas as cidades do mundo não testemunharão uma cena semelhante? O que há para impedir a ilegalidade em toda a terra e a anarquia universal? Assim, procuramos mostrar a necessidade imperativa, de Deus ocupar o trono, tomar o governo sobre Seus ombros e controlar as atividades e destinos de Suas criaturas.

Mas tem o homem de fé, alguma dificuldade em perceber o governo de Deus sobre este mundo? O olho unguido não discerne, mesmo em meio a muita aparente confusão e caos, a mão do Altíssimo controlando e moldando os negócios dos homens, mesmo nas preocupações comuns da vida cotidiana? Tomemos, por exemplo, os agricultores e suas colheitas. Suponha que Deus os deixasse sozinhos; o que os impediria, todos eles, de cultivar suas terras aráveis e se dedicar

exclusivamente à criação de gado e leite? Nesse caso, haveria uma fome mundial de trigo e milho! Pegue o trabalho dos correios. Suponha que todos decidissem escrever cartas apenas às segundas-feiras, as autoridades poderiam lidar com o correio às terças-feiras? E como eles ocupariam seu tempo no restante da semana? Então, novamente com lojistas. O que aconteceria se toda dona de casa fizesse suas compras na quarta-feira e ficasse em casa o resto da semana? Mas, em vez de tais coisas acontecerem, os agricultores de diferentes países criam gado suficiente e cultivam grãos de vários tipos suficientes para suprir as necessidades quase incalculáveis da raça humana; as correspondências são distribuídas quase uniformemente nos seis dias da semana; e algumas mulheres fazem compras na segunda-feira, outras na terça-feira e assim por diante. Por acaso, essas coisas não evidenciam claramente a mão dominante e controladora de Deus?

Tendo mostrado, em poucas palavras, a necessidade imperativa de Deus reinar sobre nosso mundo, observemos agora ainda mais o fato de que o governo de Deus se estende e é exercido sobre todas as coisas e todas as criaturas.

*Deus Governa a Matéria
Inanimada*

Que Deus governa a matéria inanimada, que a matéria inanimada cumpre Suas ordens e cumpre Seus decretos, é claramente mostrado no mesmo frontispício da revelação divina. Deus disse: “Haja luz”, e lemos: “Houve luz”. Deus disse: “Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez”. E novamente, disse Deus: “Produza a terra relva, ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim se fez” E o salmista declara: “Ele falou e tudo se fez”.

O que é declarado em Gênesis um é posteriormente ilustrado por toda a Bíblia. Após a criação de Adão, dezesseis séculos se passaram antes que uma chuva caísse sobre a terra, pois antes de Noé subiu uma névoa da terra, e regou toda a face da terra (Gn 2:6). Mas, quando as iniquidades dos antediluvianos se completaram, então Deus disse: “Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra perecerá”; e em cumprimento

DEUS É SOBERANO

disso lemos: “No ano seiscentos da vida de Noé, aos dezessete dias do segundo mês, nesse dia romperam-se todas as fontes do grande abismo, e as comportas dos céus se abriram, e houve copiosa chuva sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites” (Gn 6:17; 7:11,12).

Testemunhe o controle absoluto (e Soberano) de Deus sobre a matéria inanimada em conexão com as pragas do Egito. Por Sua ordem, a luz se transformou em trevas e os rios em sangue; caiu granizo e a morte desceu sobre a terra ímpia do Nilo, até que mesmo seu altivo monarca foi compelido a clamar por libertação. Observe particularmente como o registro inspirado aqui enfatiza o controle absoluto de Deus sobre os elementos. “E Moisés estendeu o seu bordão para o céu; o Senhor deu trovões e chuva de pedras, e fogo desceu sobre a terra; e fez o Senhor cair chuva de pedras sobre a terra do Egito. De maneira que havia chuva de pedras e fogo misturado com a chuva de pedras tão grave, qual nunca houve em toda a terra do Egito, desde que veio a ser uma nação. Por toda a terra do Egito a chuva de pedras feriu tudo quanto havia no campo, tanto homens como animais; feriu também a chuva de pedras toda

planta do campo e quebrou todas as árvores do campo. Somente na terra de Gósen, onde estavam os filhos de Israel, não havia chuva de pedras” (Ex 9:23-26). A mesma distinção foi observada em conexão com a nona praga: “Então, disse o Senhor a Moisés: Estende a mão para o céu, e virão trevas sobre a terra do Egito, trevas que se possam apalpar. Estendeu, pois, Moisés a mão para o céu, e houve trevas espessas sobre toda a terra do Egito por três dias; não viram uns aos outros, e ninguém se levantou do seu lugar por três dias; porém todos os filhos de Israel tinham luz nas suas habitações” (Ex 10:21-23).

Os exemplos acima não são de forma alguma casos isolados. Por decreto de Deus, fogo e enxofre desceram do céu e as cidades da planície foram destruídas, e um vale fértil foi convertido em um mar de morte repugnante. Por ordem d’Ele, as águas do Mar Vermelho se separaram para que os israelitas passassem com os pés secos, e por Sua palavra elas retrocederam novamente e destruíram os egípcios que os perseguiram. Uma palavra d’Ele, e a terra abriu sua boca e Coré e sua companhia rebelde foram engolidos. A fornalha de Nabucodonosor foi aquecida sete vezes além de sua

DEUS É SOBERANO

temperatura normal, e nela foram lançados três filhos de Deus, mas o fogo não queimou suas roupas, embora tenha matado os outros homens que foram lançados nela.

Que demonstração do controle governamental do Criador sobre os elementos foi fornecida quando Ele se tornou carne e tabernáculo entre os homens! Contemple-o dormindo no barco. Uma tempestade surge. Os ventos rugem e as ondas são açoitadas em fúria. Os discípulos que estão com Ele, temendo que seu pequeno barco naufragasse, acordaram seu Mestre, dizendo: “Não te importas que pereçamos?” E então lemos: “E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Acalma-te, emudece! O vento se aquietou, e fez-se grande bonança” (Mc 4:39). Atente-se novamente, o mar, por vontade de seu Criador, O levou em suas ondas. A uma palavra d’Ele, a figueira secou e mediante Seu toque a doença fugiu instantaneamente.

Os corpos celestes também são governados por seu Criador e realizam Seu prazer Soberano. Pegue duas ilustrações. Por ordem de Deus, o sol retrocedeu dez graus no mostrador de Acaz para ajudar a fraca fé de Ezequias. Nos tempos do Novo Testamento, Deus fez

com que uma estrela anunciasse a encarnação de Seu Filho; a estrela que apareceu aos sábios do Oriente. Esta estrela, nos é dito: “Eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino” (Mt 2:9).

Que declaração é essa: “Ele envia as suas ordens à terra, e sua palavra corre velozmente; dá a neve como lã e espalha a geada como cinza. Ele arroja o seu gelo em migalhas; quem resiste ao seu frio? Manda a sua palavra e o derrete; faz soprar o vento, e as águas correm” (Sl 147:15-18). As mutações estão sob o controle Soberano de Deus. É Deus quem retém a chuva, e é Deus quem dá a chuva quando quer, onde quer, como quer e sobre quem quer. As agências meteorológicas podem tentar dar previsões do tempo, mas com que frequência Deus zomba de seus cálculos! As “manchas” do Sol, as atividades variadas dos planetas, o aparecimento e desaparecimento de cometas (aos quais o clima anormal às vezes é atribuído), os distúrbios atmosféricos, são causas meramente secundárias, pois por trás de tudo está o próprio Deus. Deixe Sua Palavra falar mais uma vez: “Além disso, retive de vós a chuva, três meses ainda antes da ceifa; e fiz chover sobre uma cidade e sobre a

outra, não; um campo teve chuva, mas o outro, que ficou sem chuva, se secou. Andaram duas ou três cidades, indo a outra cidade para beberem água, mas não se saciaram; contudo, não vos convertestes a mim, disse o Senhor. Feri-vos com o crestamento e a ferrugem; a multidão das vossas hortas, e das vossas vinhas, e das vossas figueiras, e das vossas oliveiras, devorou-a o gafanhoto; contudo, não vos convertestes a mim, disse o Senhor. Enviei a peste contra vós outros à maneira do Egito; os vossos jovens, matei-os à espada, e os vossos cavalos, deixei-os levar presos, e o mau cheiro dos vossos arraiais fiz subir aos vossos narizes; contudo, não vos convertestes a mim, disse o Senhor” (Amós 4:7-10).

Verdadeiramente, então, Deus governa a matéria inanimada. Terra e ar, fogo e água, granizo e neve, ventos tempestuosos e mares furiosos; todos cumprem a palavra de Seu poder e cumprem Seu prazer soberano. Portanto, quando reclamamos do tempo, na verdade estamos murmurando contra Deus.

*Deus Governa Criaturas
Irracionais*

Que ilustração impressionante do governo de Deus sobre o reino animal se encontra em Gênesis 2:19: “Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles”. Se for dito que isso ocorreu no Éden, e ocorreu antes da queda de Adão e a consequente maldição que foi infligida a toda criatura, então nossa próxima referência atende plenamente à objeção: “O controle de Deus sobre os animais foi novamente exibido abertamente no Dilúvio”. Observe como Deus fez “chegar a” Noé toda espécie de criatura viva “de toda carne, dois de cada espécie, macho e fêmea, farás entrar na arca, para os conservares vivos contigo. Das aves segundo as suas espécies, do gado segundo as suas espécies, de todo réptil da terra segundo as suas espécies, dois de cada espécie virão a ti, para os conservares em vida” (Gn 6:19,20). Todos estavam sob o controle do Soberano de Deus. O leão da selva, o elefante da floresta, o urso do polar; a pantera feroz, o lobo indomável, o tigre agressivo; a águia que voa alto e o crocodilo rastejante; veja todos eles em sua ferocidade

nativa, e ainda assim, silenciosamente se submetendo à vontade de seu Criador, e entrando dois a dois na arca!

Referimo-nos às pragas enviadas ao Egito como ilustração do controle de Deus sobre a matéria inanimada; vamos agora voltar a elas para ver como elas demonstram Seu governo perfeito sobre criaturas irracionais. Em Sua Palavra, o rio produziu rãs em abundância, e essas rãs entraram no palácio de Faraó e nas casas de seus servos e, contrariando seus instintos naturais, entraram nas camas, nos fornos e nas amassadeiras (Ex 8:13). Enxames de moscas invadiram a terra do Egito, mas não havia moscas na terra de Gósen! (Ex 8:22). Em seguida, o gado foi ferido, e lemos: “Eis que a mão do Senhor será sobre o teu rebanho, que está no campo, sobre os cavalos, sobre os jumentos, sobre os camelos, sobre o gado e sobre as ovelhas, com pestilência gravíssima. E o Senhor fará distinção entre os rebanhos de Israel e o rebanho do Egito, para que nada morra de tudo o que pertence aos filhos de Israel. O Senhor designou certo tempo, dizendo: Amanhã, fará o Senhor isto na terra. E o Senhor o fez no dia seguinte, e todo o rebanho dos egípcios morreu; porém, do rebanho dos israelitas, não morreu nem um” (Ex 9:3-6).

Da mesma maneira, Deus enviou nuvens de gafanhotos para atormentar Faraó e sua terra, marcando o tempo de sua visitação, determinando o curso e determinando os limites de suas depreda es.

Os anjos não são os únicos que cumprem as ordens de Deus. As bestas brutas igualmente realizam Seu prazer. A arca sagrada, a arca da aliança, estava no país dos filisteus. Como ela poderia ter sido trazido de volta à sua terra natal? Observe os servos da escolha de Deus e quão completamente eles estavam sob Seu controle: “E os filisteus chamaram os sacerdotes e os adivinhadores e lhes disseram: Que faremos da arca do Senhor? Fazei-nos saber como a devolveremos para o seu lugar. Responderam eles... Agora, pois, fazei um carro novo, tomai duas vacas com crias, sobre as quais não se p s ainda jugo, e atai-as ao carro; seus bezerros, levá-los-eis para casa. Então, tomai a arca do Senhor , e ponde-a sobre o carro, e metei num cofre, ao seu lado, as figuras de ouro que lhe haveis de entregar como oferta pela culpa; e deixai-a ir. Reparai: se subir pelo caminho rumo do seu território a Bete-Semes, foi ele que nos fez este grande mal; e, se não, saberemos que não foi a sua mão que nos feriu; foi casual o que nos

sucedeu”. E o que aconteceu? Que impressionante a continuação! “As vacas se encaminharam diretamente para Bete-Semes e, andando e berrando, seguiam sempre por esse mesmo caminho, sem se desviarem nem para a direita nem para a esquerda” (1 Sm 6:2,7-9,12).

Igualmente impressionante é o caso de Elias: “Veio-lhe a palavra do Senhor, dizendo: Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão. Beberás da torrente; e ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem” (1 Rs 17:2-4). O instinto natural dessas aves de rapina era mantido em sujeição e, em vez de consumirem a comida, elas a levavam ao servo de Jeová em seu retiro solitário.

São necessárias mais provas? Ele está pronto para dar mais provas em Sua palavra. Deus faz um burro repreender a loucura do profeta. Ele envia duas ursos da floresta para devorar quarenta e dois dos zombadores de Elias. Em cumprimento de Sua palavra, Ele faz com que os cães lambem o sangue da ímpia Jezabel. Ele sela a boca dos leões da Babilônia quando Daniel é lançado na cova, embora, mais tarde, Ele os faça devorar os

acusadores do profeta.

Ele prepara um grande peixe para engolir o desobediente Jonas e então, quando Sua hora ordenada soou, obrigou-o a vomitá-lo em terra seca. Ao Seu pedido, um peixe leva uma moeda a Pedro para o dinheiro do tributo, e para cumprir Sua palavra Ele faz o galo cantar duas vezes após a negação de Pedro. Assim, vemos que Deus reina sobre criaturas irracionais. Animais do campo, pássaros do céu, peixes do mar, todos cumprem Sua vontade soberana.

*Deus Governa os Filhos dos
Homens*

Apreciamos plenamente o fato de que esta é a parte mais difícil de nosso assunto e, portanto, será tratada mais detalhadamente nas páginas seguintes; mas no momento consideraremos o fato do governo de Deus sobre os homens em geral, antes de tentarmos lidar com o problema em detalhes.

Duas alternativas nos confrontam, e entre elas somos obrigados a escolher: Ou Deus governa, ou Ele é governado; ou Deus governa; ou Deus tem o Seu caminho, ou os homens têm o seu.

DEUS É SOBERANO

E nossa escolha entre essas alternativas é difícil de fazer? Devemos dizer que no homem vemos uma criatura tão indisciplinada que está além do controle de Deus? Devemos dizer que o pecado alienou o pecador tão longe do Três vezes Santo que ele está fora do âmbito de Sua jurisdição? Ou devemos dizer que o homem foi dotado de responsabilidade moral e, portanto, Deus deve deixá-lo inteiramente livre, pelo menos durante o período de sua provação? Será que, porque o homem natural é um fora-da-lei contra o Céu, um rebelde contra o governo Divino, necessariamente Deus é incapaz de cumprir Seu propósito por meio dele?

Queremos dizer, não apenas que Ele pode anular os efeitos das ações dos malfeitores, nem que Ele ainda levará os ímpios a comparecer diante de Seu tribunal de julgamento para que a sentença de punição possa ser passada sobre eles; multidões de não-cristãos acreditam nessas coisas, mas, queremos dizer, que toda ação do mais iníquo de Seus súditos está inteiramente sob Seu controle, sim, que o ator está, embora desconhecido para si mesmo, executando os decretos secretos do Altíssimo. Não foi assim com Judas? Por acaso, é

possível selecionar um caso mais extremo? Se, então, o *arqui-rebelde* estava cumprindo o conselho de Deus, é mais difícil para nossa fé acreditar no mesmo de todos os rebeldes?

Nosso objetivo atual não é investigação filosófica nem casuística metafísica, mas averiguar o ensino das Escrituras sobre este tema profundo. À Lei e ao Testemunho, pois somente ali podemos aprender sobre o governo Divino; seu caráter, seu desígnio, seu *modus operandi*, seu escopo. O que, então, agradou a Deus nos revelar em Sua bendita Palavra a respeito de Seu governo sobre as obras de Suas mãos e, particularmente, sobre aquele que originalmente foi feito à Sua própria imagem e semelhança?

“N’Ele vivemos, e nos movemos, e existimos” (At 17:28). Que afirmação arrebatadora é esta! Estas palavras foram dirigidas, não a uma das igrejas de Deus, não a um grupo de santos que alcançaram um elevado plano de espiritualidade, mas a uma audiência pagã, àqueles que adoravam “o Deus desconhecido” e que “zombaram” quando ouviram falar da ressurreição dos mortos. E, no entanto, aos filósofos atenienses, aos epicuristas e aos estoicos, o apóstolo Paulo não hesitou

em afirmar que eles viviam, se moviam e tinham seu ser em Deus; o que significava não apenas que deviam sua existência e preservação Àquele que fez o mundo e todas as coisas nele, mas também que suas próprias ações eram controladas pelo Senhor do céu e da terra. Compare tal argumento com Daniel 5:23, última cláusula.

“O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR” (Pv 16:1). Observe que a declaração acima é de aplicação geral; é do “homem”, não simplesmente dos crentes, que isso é predicado. “O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos” (Pv 16:9). Se o Senhor dirige os passos de um homem, não é prova de que ele está sendo controlado ou governado por Deus? Novamente: “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá” (Pv 19:21). Isso significa nada menos do que, não importa o que o homem possa desejar e planejar, é a vontade de seu Criador que é executada. Como ilustração, tome o “Tolo Rico”. Os “desejos” de seu coração nos são revelados: “E lhes proferiu ainda uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produziu com

abundância. E arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: Farei isto: destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te” (Lc 12:16-19). Tais eram os “desígnios” de seu coração, no entanto, foi “o conselho do Senhor” que permaneceu. O “eu quero” do homem rico não deu em nada, pois “Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma” (Lc 12:20).

“O coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21:1). O que poderia ser mais explícito? Do coração flui “as fontes da vida” (Pv 4:23), pois como um homem “imagina em sua alma, assim ele é” (Pv 23:7). Se então o coração está nas mãos do Senhor, e se Ele o leva para onde quer, então fica claro que os homens, sim, governadores e governantes, todos os homens, estão completamente sob o controle governamental do Todo-Poderoso!

Nenhuma limitação deve ser imposta às declarações acima. Insistir que alguns homens frustram a vontade de Deus e derrubam Seus conselhos, é repudiar outras

DEUS É SOBERANO

Escrituras igualmente explícitas. Pondere os seguintes versículos: “Mas, se Ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir? O que Ele deseja, isso fará” (Jó 23:13). “O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações” (Sl 33:11). “Não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o SENHOR.” (Pv 21:30). “Porque o SENHOR dos Exércitos o determinou; quem, pois, o invalidará? A sua mão está estendida; quem, pois, a fará voltar atrás?” (Is 14:27). “Lembraí-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Is 46:9,10). Não há ambiguidade nessas passagens. Eles afirmam nos termos mais inequívocos e sem reservas que é impossível anular o propósito de Jeová.

Lemos as Escrituras em vão se deixamos de descobrir que as ações dos homens, homens maus e bons, são governadas pelo Senhor Deus. Ninrode e seus companheiros decidiram erguer a torre de Babel, mas antes que sua tarefa fosse cumprida, Deus frustrou seus

planos. Deus chamou Abraão “sozinho” (Is 51:2), mas seus parentes o acompanharam quando ele deixou Ur dos Caldeus. Por acaso, a vontade do Senhor foi derrotada? Não! Atente-se para a continuação. Terá morreu antes que Canaã fosse alcançada (Gn 11:32), e embora Ló acompanhasse seu tio à terra da promessa, logo se separou dele e se estabeleceu em Sodoma. Jacó era o filho a quem a herança foi prometida, e embora Isaque procurasse reverter o decreto de Jeová e conceder a bênção a Esaú, seus esforços não deram em nada. Esaú novamente jurou vingança contra Jacó, mas quando se encontraram novamente, choraram de alegria em vez de lutar com ódio. Os irmãos de José determinaram sua destruição, mas seus maus conselhos foram derrubados. Faraó recusou-se a deixar Israel cumprir as instruções de Jeová e pereceu no Mar Vermelho por causa de suas dores. Balaque contratou Balaão para amaldiçoar os israelitas, mas Deus o obrigou a abençoá-los. Hamã erigiu uma forca para Mardoqueu, mas Hamã é quem foi enforcado. Jonas resistiu à vontade revelada de Deus, mas o que aconteceu com seus esforços?

Ah, os pagãos podem “se enfurecer” e o povo

imaginar “coisas vãs”; os reis da terra podem conspirar, e os governantes se reunirem em conselho contra o Senhor e contra o Seu Cristo, dizendo: “Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas” (Sl 2:1-3); mas por acaso, o grande Deus está perturbado pela rebelião de suas criaturas insignificantes? Não, com toda a certeza. “Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles” (v. 4). Ele é infinitamente exaltado acima de tudo, e as maiores confederações da terra, e seus preparativos mais extensos e vigorosos para derrotar Seu propósito, são, aos Seus olhos, totalmente inúteis. Ele olha para seus esforços insignificantes, não apenas sem qualquer alarme, mas Ele “ri” de suas loucuras; Ele trata a impotência deles com “escárnio”. Ele sabe que pode esmagá-los como mariposas quando quiser, ou consumi-los em um momento com o sopro de sua boca. Ah, é apenas uma coisa vã para os cacos de cerâmica da terra lutarem com a gloriosa Majestade do Céu. Tal é o nosso Deus; adorai-O!

Observe, também, a Soberania que Deus demonstrou em Seu trato com os homens! Moisés, que era lento de falar, e não Aarão, seu irmão mais velho, que não era lento de falar, foi o escolhido para ser Seu

embaixador ao exigir do monarca do Egito a libertação de Seu povo oprimido. Moisés novamente, embora muito amado, pronunciou uma palavra precipitada e foi excluído de Canaã; enquanto Elias, apaixonadamente murmurou e sofreu apenas uma leve repreensão, e depois foi levado para o céu sem ver a morte! Uzá simplesmente tocou a arca e foi instantaneamente morto, enquanto os filisteus a levaram em triunfo insultante e não sofreram nenhum dano imediato. As demonstrações de graça que teriam levado uma Sodoma condenada ao arrependimento falharam em comover uma altamente privilegiada Cafarnaum. Obras poderosas que teriam subjugado Tiro e Sidom deixaram as cidades repreendidas da Galiléia sob a maldição de um Evangelho rejeitado. Se tais obras poderosas seriam eficazes em Tiro e Sidon, por que não foram forjadas lá? Se elas se mostraram ineficazes para libertar Galiléia, então por que realizá-las? Quão grandes exposições são estas da vontade soberana do Altíssimo!

*D e u s G o v e r n a o s A n j o s B o n s e
M a u s*

Os anjos são servos de Deus, Seus mensageiros, Suas

DEUS É SOBERANO

carruagens. Eles sempre ouvem a palavra de Sua boca e cumprem Seus mandamentos. “Enviou Deus um anjo a Jerusalém, para a destruir; ao destruí-la, olhou o Senhor, e se arrependeu do mal, e disse ao anjo destruidor: Basta, retira, agora, a mão... E o Senhor deu ordem ao Anjo, e ele meteu a sua espada na bainha” (1 Cr 21:15,27). Muitas outras passagens podem ser citadas para mostrar que os anjos estão sujeitos à vontade de seu Criador e cumprem Suas ordens. “Então, Pedro, caindo em si, disse: Agora, sei, verdadeiramente, que o Senhor enviou o seu anjo e me livrou da mão de Herodes” (At 12:11). “O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer” (Ap 22:6). Assim será quando nosso Senhor voltar: “Mandarà o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade” (Mt 13:41). Novamente, lemos: “Ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt 24:31).

O mesmo vale para os espíritos malignos. Tais espíritos também cumprem os decretos soberanos de

Deus. Um espírito maligno é enviado por Deus para incitar a rebelião no acampamento de Abimeleque: “Suscitou Deus um espírito de aversão entre Abimeleque e os cidadãos de Siquém”, que o ajudou a matar seus irmãos (Jz 9:23). Outro espírito maligno Ele enviou para ser um espírito de mentira na boca dos profetas de Acabe: “Eis que o Senhor pôs o espírito mentiroso na boca de todos estes teus profetas e o Senhor falou o que é mau contra ti” (1 Rs 22:23). E ainda outro foi enviado pelo Senhor para perturbar Saul: “Tendo-se retirado de Saul o Espírito do Senhor, da parte deste um espírito maligno o atormentava” (1 Sm 16:14). Assim, também, no Novo Testamento, toda uma legião de demônios não saiu de sua vítima até que o Senhor lhes desse permissão para entrar na manada de porcos.

É claro nas Escrituras, então, que os anjos, bons e maus, estão sob o controle de Deus e, voluntária ou involuntariamente, cumprem o propósito de Deus. Sim, o próprio SATANÁS está absolutamente sujeito ao controle de Deus. Quando acusado no Éden, ele ouviu a terrível sentença, mas não respondeu uma palavra. Ele foi incapaz de tocar em Jó até que Deus lhe concedesse

licença. Assim, também, ele teve que obter o consentimento de nosso Senhor antes que pudesse “peneirar” Pedro. Quando Cristo ordenou que ele partisse; “retira-te, Satanás”, lemos: “Com isto, o deixou o diabo” (Mt 4:10,11). E, no final, ele será lançado no Lago de Fogo que foi preparado para ele e seus anjos.

O Senhor Deus onipotente reina. Seu governo é exercido sobre a matéria inanimada, sobre os animais brutos, sobre os filhos dos homens, sobre os anjos bons e maus e sobre o próprio Satanás. Nenhum mundo, nenhum brilho de estrela, nenhuma tempestade, nenhuma criatura, nenhuma ação de homens, nenhuma missão de anjos, nenhuma ação do Diabo; nada em todo o vasto universo pode acontecer de outra forma que Deus não tenha eternamente proposto. Nessa verdade está um fundamento de fé. Essa verdade é um lugar de descanso para o intelecto. Aqui está uma âncora para a alma, segura e firme. Não é o destino cego, o mal desenfreado, homem ou diabo, mas o Senhor Todo-Poderoso que está governando o mundo, governando-o de acordo com Seu próprio prazer e para Sua própria glória eterna.

“Dez mil eras antes que os céus fossem postos em

movimento; todos os longos anos e mundos por vir, permaneceu presente ao Seu pensamento. Não há um pardal nem um verme, que não seja encontrado em Seus decretos. Ele eleva os monarcas aos seus tronos e canta como quer”.



A Soberania de Deus na Salvação

“Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11:33).

“Ao SENHOR pertence a salvação” (Jn 2:9); mas o Senhor não salva a todos. Por que não? Ele salva alguns; então se Ele salva alguns, por que não outros? É porque eles são muito pecadores e depravados? Não; pois o apóstolo escreveu: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1 Tm 1:15).

Portanto, se Deus salvou o “maior” dos pecadores, nenhum homem pode ser excluído por causa de sua depravação. Por que então Deus não salva a todos? É porque alguns são muito duros de coração para serem vencidos? Não; porque está escrito de Deus: “Tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne” (Ez 11:19). Então é porque alguns são tão teimosos, tão intratáveis, tão desafiadores que Deus é incapaz de cortejá-los para Si mesmo? Antes de respondermos a esta pergunta, vamos fazer outra; apelemos para a experiência do leitor cristão.

Amigo, não houve um tempo em que você andou no conselho dos ímpios, parou no caminho dos pecadores, sentou-se na roda dos escarnecedores, e com eles disse: “Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19:14)? Não houve um tempo em que você não quis vir a Cristo para ter vida (Jo 5:40)? Sim, não houve um tempo em que você misturou sua voz com aqueles que disseram a Deus: “Deixa-nos! Não queremos conhecer os teus caminhos. Quem é o Todo-poderoso, para que o sirvamos? Que vantagem temos em orar a Deus” (Jó 21:14,15)? Com cara de vergonha você tem que reconhecer que você agiu dessa maneira no passado.

DEUS É SOBERANO

Mas como é que agora tudo mudou? O que foi que o trouxe da autossuficiência altiva a um humilde suplicante; de um que estava em inimizade com Deus para um que está em paz com Ele; da ilegalidade à sujeição; do ódio ao amor? E como um 'nascido do Espírito' você prontamente responderá: "Pela graça de Deus, sou o que sou" (1 Co 15:10).

Então você não vê que não é devido à falta de poder em Deus, nem à Sua recusa em coagir o homem, que outros rebeldes não são salvos também? Se Deus foi capaz de subjugar sua vontade e conquistar seu coração, e isso sem interferir em sua responsabilidade moral, então Ele não é capaz de fazer o mesmo pelos outros? Com certeza Ele é. Então, quão inconsistente, quão ilógico, quão tolo de sua parte, ao procurar explicar o curso atual dos ímpios e seu destino final; argumentar que Deus é incapaz de salvá-los, pois eles não o permitirão. Você diz: "Mas teve uma hora em que eu estava disposto a receber a Cristo como meu Salvador". É verdade, mas foi o Senhor que te fez querer (Sl 110:3; Ep 2:13); por que então Ele não faz todos os pecadores dispostos? Ora, é pelo simples fato de que Ele é Soberano e faz o que quer!

Mas voltando ao nosso inquérito inicial, por que nem todos são salvos, particularmente todos os que ouvem o Evangelho? Você ainda responde: “Porque a maioria se recusa a acreditar”. Bem, isso é verdade, mas é apenas uma parte da verdade. É a verdade do lado humano. Mas há um lado divino também, e este lado da verdade precisa ser enfatizado ou Deus será roubado de Sua glória. Os não salvos estão perdidos porque se recusam a acreditar; os outros são salvos porque creem.

Mas por que esses outros acreditam? O que os leva a colocar sua confiança em Cristo? É porque eles são mais inteligentes do que seus companheiros e mais rápidos em discernir sua necessidade de salvação? Atente-se para a seguinte passagem: “Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?” (1 Co 4:7). É o próprio Deus quem faz a diferença entre os eleitos e os não eleitos, pois dos Seus está escrito: “Sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro” (1 Jo 5:20).

A fé é dom de Deus, e nos é dito que “a fé não é de todos” (2 Ts 3:2); portanto, vemos que Deus não concede

esse dom a todos. A quem, então, Ele concede esse favor salvífico? E nós respondemos, sobre Seus próprios eleitos: “Creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna” (At 13:48). Por isso é que lemos sobre “a fé que é dos eleitos de Deus” (Tt 1:1). Mas Deus é parcial na distribuição de Seus favores? Por acaso, Ele não tem o direito de ser? Ainda há quem murmure contra Deus? Então Suas próprias palavras são suficientes para esclarecer tal assunto: “Não me é lícito fazer o que quero do que é meu?” (Mt 20:15). Deus é Soberano na concessão de Seus dons, tanto no reino natural quanto no espiritual. Tanto então para uma afirmação geral, quanto para particular.

*A Soberania de Deus Pai na
Salvação*

Talvez a única Escritura que mais enfaticamente afirma a soberania absoluta de Deus em conexão com Sua determinação sobre o destino de Suas criaturas, é o nono capítulo de Romanos. Não tentaremos revisar aqui todo o capítulo, mas nos limitaremos aos versículos 21-23: “Não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para

desonra? Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão”. Esses versos representam a humanidade caída tão inerte e impotente quanto um pedaço de barro sem vida. Esta Escritura evidencia que não há “diferença”, entre os eleitos e os não eleitos; eles são barro da “mesma massa”; o que concorda com Efésios 2:3, onde nos é dito que todos são por natureza “filhos da ira”.

Tal passagem nos ensina que o destino final de cada indivíduo é decidido pela vontade de Deus, e abençoado é que assim seja; se fosse deixado à nossa vontade, o destino final de todos nós seria o Lago de Fogo. Também nos declara que o próprio Deus faz diferença nos respectivos destinos aos quais Ele designa Suas criaturas, pois um vaso é feito para honra e outro, para desonra; alguns são vasos de ira preparados para destruição, outros são vasos de misericórdia, que Ele de antemão preparou para a glória.

Reconhecemos prontamente que é muito

humilhante para o coração orgulhoso da criatura contemplar toda a humanidade nas mãos de Deus como o barro na mão do oleiro, mas é exatamente assim que as Escrituras representam o caso. Neste dia de jactância humana, orgulho intelectual e deificação do homem, é preciso insistir que o oleiro forma seus vasos para si mesmo. Deixe o homem lutar com seu Criador como quiser, o fato é que ele não é nada mais do que barro nas mãos do Oleiro Celestial, e embora saibamos que Deus lidará com justiça com Suas criaturas, que o Juiz de toda a terra fará o que é certo, não obstante, Ele molda Seus vasos para Seu próprio propósito e de acordo com Seu próprio prazer. Deus reivindica o direito indiscutível de fazer o que Ele quer com os Seus.

Deus não apenas tem o direito de fazer o que quer com as criaturas de Suas próprias mãos, mas Ele exerce esse direito, e em nenhum lugar isso é visto mais claramente do que em Sua graça predestinadora. Antes da fundação do mundo Deus fez uma escolha, uma seleção, uma eleição. Diante de Seu olho onisciente estava toda a raça de Adão, e dela Ele selecionou um povo e os predestinou “para serem conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8:29), “ordenando-os” para a

vida eterna. Muitas são as Escrituras que expõem esta bendita verdade, sete das quais agora atrairão nossa atenção.

“Creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna” (At 13:48). Todo artifício da engenhosidade humana foi empregado para atenuar a ponta afiada desta Escritura e para explicar o significado óbvio dessas palavras, mas foi empregado em vão, embora nada seja capaz de reconciliar esta e outras passagens semelhantes à mente do homem natural. “Creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna”. Aqui aprendemos quatro coisas: Primeiro, que crer é a consequência e não a causa do decreto de Deus. Segundo, que apenas um número limitado é “destinados para a vida eterna”, pois se todos os homens, sem exceção, fossem assim ordenados por Deus, então as palavras “todos que haviam sido destinados” seriam uma qualificação sem sentido. Terceiro, que esta “ordenação” de Deus não é para meros privilégios externos, mas para “vida eterna”, não para serviço, mas para a própria salvação. Quarto, que todos, “que haviam sido destinados”, nem um menos, que são assim ordenados por Deus para a vida eterna certamente

crerão.

Os comentários do amado *Spurgeon* sobre a passagem acima são dignos de nossa atenção. Disse ele: “Tentativas foram feitas para provar que essas palavras não ensinam a predestinação, mas essas tentativas tão claramente violentam a linguagem que não perderei tempo em respondê-las. Eu li: ‘Creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna’, e eu não torcerei o texto, mas glorificarei a graça de Deus, atribuindo a essa graça a fé de todo homem. Não é Deus quem dá a disposição para crer? Se os homens estão dispostos a ter a vida eterna, Ele, em todos os casos, não é quem os dispõe? É errado Deus dar graça? Se é certo para Ele dar, é errado Ele ter o propósito de dar? Você gostaria que Ele a desse por acidente? Se é certo que Ele tenha o propósito de dar graça hoje, foi certo que Ele o tenha feito antes de hoje, e visto que Ele não muda, desde a eternidade”.

Assim também neste tempo presente há um remanescente segundo a eleição da graça. E se é pela graça, então não é mais pelas obras; caso contrário, a graça não seria mais graça. Mas, se é por obras, já não é graça (Rm 11:5,6). Também nos é dito 1 Reis 19:18:

“Conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal”. Observe particularmente a palavra “conservei”. Nos dias de Elias havia sete mil, uma pequena minoria, que foram divinamente preservados da idolatria e levados ao conhecimento do verdadeiro Deus. Essa preservação e iluminação não vieram de nada em si, mas somente pela influência e ação especiais de Deus. Quão altamente favorecidos tais indivíduos deveriam ser assim “conservados” por Deus! Agora diz o Apóstolo: Assim como havia um “remanescente” nos dias de Elias conservados por Deus, assim também existe nesta presente dispensação.

“Sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça” (Rm 11:5). Aqui a causa da eleição é rastreada até sua fonte. A base sobre a qual Deus elegeu este “remanescente” não foi a fé prevista neles, porque uma escolha fundada na previsão de boas obras é tão verdadeiramente feita com base nas obras quanto qualquer escolha pode ser, e nesse caso não seria “de graça”; pois, diz o Apóstolo, “se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça” (Rm 11:6). Isso demonstra que graça e obras são opostas, não têm nada em comum e não se misturam mais do que

óleo e água. Assim, a ideia de bem inerente previsto nos escolhidos, ou de qualquer coisa meritória realizada por eles, deve ser rigidamente excluída.

“Um remanescente segundo a eleição da graça” significa uma escolha incondicional resultante do favor Soberano de Deus; em outras palavras, é uma eleição absolutamente gratuita.

“Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (1 Co 1:26-29). Três vezes nesta passagem é feita referência à escolha de Deus, e a escolha necessariamente supõe uma seleção, a tomada de alguns e a saída de outros. O “Escolhedor” aqui é o próprio Deus, como disse o Senhor Jesus aos Apóstolos: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo

contrário, eu vos escolhi a vós outros” (Jo 15:16). O número escolhido é estritamente definido: “não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos” (1 Co 1:26). Tal verdade entra em concordância com Mateus 20:16: “Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos, porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos”. Já falei o suficiente sobre o fato da escolha de Deus; agora atentemo-nos para os objetos de Sua escolha.

Os mencionados acima como escolhidos de Deus são as coisas loucas e as coisas fracas do mundo. Mas por que? Para demonstrar e magnificar Sua graça. Os caminhos de Deus, bem como os Seus pensamentos, estão totalmente em desacordo com os do homem. A mente carnal teria suposto que uma seleção havia sido feita entre as fileiras dos opulentos e influentes, os amáveis e cultos, para que o cristianismo pudesse ganhar a aprovação e o aplauso do mundo por sua pompa e glória carnal. Ah, mas “aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus.” (Lc 16:15). Deus escolhe as coisas loucas e fracas.

Ele assim o fez em tempos do Antigo Testamento. A nação que Ele escolheu para ser a depositária de Seus

DEUS É SOBERANO

santos oráculos e o canal pelo qual a Semente prometida deveria vir não era os antigos egípcios, os imponentes babilônios, nem os gregos altamente civilizados e cultos. Não; o povo sobre qual Jeová colocou Seu amor e considerou como ‘a menina dos Seus olhos’ eram os desprezados hebreus nômades.

Assim foi quando nosso Senhor fez seu Sua morada entre os homens. Aqueles a quem Ele levou para uma intimidade favorecida consigo mesmo e comissionou para sair como Seus embaixadores eram, em sua maioria, pescadores iletrados. E assim tem sido desde então. Assim é hoje, não demorará muito para que se manifeste que o Senhor tem mais na desprezada China que são realmente Seus, do que no altamente favorecidos Estados Unidos; mais entre os negros incivilizados da África, do que Ele tem nos cultos da Alemanha! E o propósito da escolha de Deus, é “que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (1 Co 1:29). Não havendo nada nos objetos de Sua escolha que os deva dar direito a Seus favores especiais, então, todo o louvor será livremente atribuído às abundantes riquezas de Sua multiforme graça.

“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo,

que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade... No qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:3-5,11). Aqui, novamente, nos é dito em que ponto no tempo, se é que pode ser chamado de tempo, quando Deus fez a escolha daqueles que seriam Seus filhos por meio de Jesus Cristo. Não foi depois que Adão caiu e mergulhou sua raça no pecado e na miséria, mas muito antes de Adão ver a luz, mesmo antes que o próprio mundo fosse fundado, Deus nos escolheu em Cristo.

Aqui também aprendemos o propósito que Deus tinha diante d’Ele em relação aos Seus próprios eleitos: O Seu propósito era que eles fossem santos e irrepreensíveis diante d’Ele. Seu propósito era para a adoção de crianças; era que eles deveriam obter uma herança. Aqui também descobrimos o motivo que O motivou. Ele “nos predestinou, para a adoção de filhos,

por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1:5); uma declaração que refuta a acusação perversa muitas vezes feita de que, para Deus decidir o destino eterno de Suas criaturas antes que elas nascessem, seria tirania e injustiça. Finalmente, somos informados aqui que, neste assunto, Ele não se aconselhou com ninguém, mas que nos “predestinou segundo o beneplácito de Sua vontade”.

“Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade” (2 Ts 2:13). Há três coisas aqui que merecem atenção especial. Primeiro, o fato de que nos é dito expressamente que os eleitos de Deus são escolhidos para a salvação. A linguagem não poderia ser mais explícita. Quão sumariamente essas palavras descartam os sofismas e equívocos de todos os que fariam a eleição se referir a nada além de privilégios externos ou posição no serviço! É para a própria “salvação” que Deus nos escolheu.

Em segundo lugar, somos avisados aqui que a eleição para a salvação não desconsidera o uso de meios apropriados. A salvação é alcançada através da

“santificação do Espírito e fé na verdade”. Não é verdade que, porque Deus escolheu um homem para a salvação, ele será salvo querendo ou não, quer ele creia ou não. Em nenhum lugar as Escrituras afirmam tal premissa. O mesmo Deus que predestinou o fim também designou os meios; o mesmo Deus que “escolheu desde o princípio para a salvação” decretou que Seu propósito deveria ser realizado através da obra do Espírito e da crença na verdade.

Terceiro, o fato de que Deus nos escolheu para a salvação é uma causa profunda de louvor fervoroso. Observe quão fortemente o apóstolo expressa isso: “Devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação”, etc. Em vez de recuar horrorizado com a doutrina da predestinação, o crente, quando vê esta bendita verdade conforme é desdobrada na Palavra, descobre um motivo para gratidão.



A Soberania de Deus na Reprovação

*“Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus”
(Rm 11:22).*

No último capítulo, ao tratar da Soberania de Deus Pai na Salvação, examinamos sete passagens que O representam fazendo uma escolha entre os filhos dos homens e predestinando alguns para serem conformes à imagem de Seu Filho. O leitor atencioso naturalmente perguntará: “E aqueles que não foram ordenados para a condenação eterna”? A resposta que geralmente é devolvida a esta pergunta, mesmo por aqueles que

professam crer no que as Escrituras ensinam sobre a Soberania de Deus, é que Deus passa os olhos por cima dos não eleitos, deixa-os sozinhos para seguir seu próprio caminho, e no final lança eles no Lago de Fogo porque eles recusaram Seu caminho, e rejeitaram o Salvador de Sua provisão. Mas isso é apenas uma parte da verdade; a outra parte, aquela que é mais ofensiva para a mente carnal, é ignorada ou negada.

Em vista da terrível solenidade do assunto aqui diante de nós, em vista do fato de que hoje quase todos, mesmo aqueles que professam ser calvinistas, rejeitam e repudiam esta doutrina, e em vista do fato de que este é um dos pontos em nosso livro que provavelmente levantará a maior controvérsia, sentimos que é necessária uma investigação extensa sobre este aspecto da Verdade de Deus.

Que este ramo do assunto da Soberania de Deus seja profundamente misterioso, admitimos livremente, mas não é motivo para rejeitá-lo. O problema é que, hoje em dia, há tantos que recebem o testemunho de Deus apenas na medida em que podem explicar satisfatoriamente todas as razões e fundamentos de Sua conduta, o que significa que eles não aceitarão nada

além do que pode ser medido nas mesquinhas escalas de suas próprias capacidades limitadas.

Declarando-o em sua forma mais simples, o ponto agora a ser considerado é: Deus preordenou alguns para a condenação? Que muitos serão eternamente condenados é claro nas Escrituras, que cada um será julgado de acordo com suas obras e ceifará como semeou, e que, em consequência, sua condenação é justa (Rm 3:8), é igualmente certo. Entretanto, nos comprometemos a comprovar agora que Deus decretou que os não eleitos deveriam escolher o curso que seguem.

Em referência ao que foi falado no capítulo anterior, sobre a eleição de alguns para a salvação, inevitavelmente seguiria, mesmo que as Escrituras tivessem se calado sobre isso, que deve haver uma rejeição de outros. Toda escolha implica evidente e necessariamente uma recusa, pois onde não há omissão, não pode haver escolha. Se houver alguns a quem Deus elegeu para a salvação (2 Ts 2:13), deve haver outros que não são eleitos para a salvação. Se há alguns que o Pai deu a Cristo (Jo 6:37), deve haver outros que Ele não deu a Cristo. Se há alguns cujos nomes estão escritos no

Livro da Vida do Cordeiro (Ap 21:27), deve haver outros cujos nomes não estão escritos lá. Que este é o caso, provaremos plenamente abaixo.

Agora todos reconhecerão que desde a fundação do mundo Deus certamente conheceu e previu quem receberia e quem não receberia a Cristo como seu Salvador, portanto, ao permitir nascer àqueles que Ele sabia que rejeitariam a Cristo, Ele necessariamente os criou para a condenação. Embora Deus soubesse de antemão que eles rejeitariam a Cristo, ainda assim Ele não decretou que eles deveriam nascer? Mas este é um começo da verdadeira questão em questão. Deus tinha uma razão definida pela qual Ele criou os homens, um propósito específico pelo qual Ele criou este e aquele indivíduo, e em vista do destino eterno de Suas criaturas, Ele propôs que um passasse a eternidade no Céu e que outro passasse a eternidade no Lago de Fogo.

Se então Ele previu, ao criar uma certa pessoa, mesmo sabendo que ela desprezaria e rejeitaria o Salvador, trouxe-a à existência, então é claro que Ele planejou e ordenou que essa pessoa fosse eternamente condenada. Novamente; a fé é um dom de Deus, e o propósito de dá-la apenas a alguns envolve o propósito

de não dá-la a outros. Sem fé não há salvação. “O que não crê já está julgado” (Jo 3:18), portanto, se houve alguns descendentes de Adão a quem Ele não quis dar fé, deve ser porque Ele ordenou que eles fossem condenados.

Não apenas não há como escapar dessas conclusões, mas a história as confirma. Antes da Encarnação Divina, por quase dois mil anos, a grande maioria da humanidade foi deixada destituída até mesmo dos meios externos de graça, vivendo sem pregação da Palavra de Deus e sem revelação escrita de Sua vontade. Por muitos longos séculos, Israel foi a única nação a quem a Divindade concedeu qualquer descoberta especial de Si mesmo: “O qual, nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos” (At 14:16); “De todas as famílias da terra, somente a vós (Israel) outros vos escolhi” (Amós 3:2).

Consequentemente, como todas as outras nações foram privadas da pregação da Palavra de Deus, elas eram estranhas à fé que vem por meio dela (Rm 10:17). Essas nações não eram apenas ignorantes do próprio Deus, mas também de como agradá-lo, da verdadeira

maneira de aceitação necessária para se chegar até Ele e dos meios de chegar ao gozo eterno.

Agora, se Deus quisesse a salvação deles, Ele não lhes teria concedido os meios de salvação? Ele não teria dado a eles todas as coisas necessárias para esse fim? Mas é um fato inegável que Ele não o fez. Se, então, a Divindade pode, consistentemente, com Sua justiça, misericórdia e benevolência, negar a alguns os meios da graça, e encerrá-los em trevas e incredulidade (por causa dos pecados de seus antepassados, gerações anteriores), por que deveria ser considerado incompatível com Suas perfeições, excluir algumas pessoas, muitas, da própria graça e da vida eterna que está ligada a ela, sendo que Ele é Senhor e Soberano, doador tanto do fim para o qual os meios levam, quanto dos meios que levam a esse fim?

Chegando aos nossos dias, e para aqueles em nosso próprio país, deixando de fora as multidões quase inumeráveis de pagãos não evangelizados, não é evidente que há muitos vivendo em terras onde o Evangelho é pregado, terras cheias de igrejas, que morrem sem saber de Deus e de Sua santidade? É verdade que os meios da graça estavam ao alcance deles,

mas muitos deles não sabiam disso.

Milhares nascem em lares onde são ensinados desde a infância a considerar todos os cristãos como hipócritas e pregadores como falsos. Outros são instruídos desde o berço no catolicismo romano e são treinados para considerar o cristianismo evangélico como uma heresia mortal, e a Bíblia como um livro altamente perigoso para ser lido. Outros, criados em famílias da “*Ciência Cristã*”, não sabem mais do verdadeiro Evangelho de Cristo do que os pagãos não evangelizados. A grande maioria destes morre em total ignorância do Caminho da Paz.

Agora, não somos obrigados a concluir que não era a vontade de Deus comunicar graça a eles? Se Sua vontade fosse outra, Ele não teria realmente comunicado Sua graça a eles? Se, então, foi a vontade de Deus, no tempo, recusar-lhes sua graça, deve ter sido Sua vontade desde toda a eternidade, pois Sua vontade é, como Ele mesmo, a mesma ontem, hoje e sempre. Que não seja esquecido que as providências de Deus são apenas as manifestações de Seus decretos. O que Deus faz no tempo é apenas o que Ele propôs na eternidade; Sua própria vontade é a única causa de todos os Seus

atos e obras. Portanto, se Ele realmente deixou alguns homens em impenitência e incredulidade, seguramente deduzimos que era Sua determinação eterna fazer de tal maneira; e conseqüentemente que Ele reprovou alguns desde antes da fundação do mundo.

Na Confissão de Westminster é dito: “Segundo o seu eterno e imutável propósito e segundo o santo conselho e beneplácito da sua vontade, Deus antes que fosse o mundo criado, escolheu em Cristo para a glória eterna os homens que são predestinados para a vida”. O falecido Sr. *F.W. Grant*, um estudante e escritor muito cuidadoso e cauteloso, comentando essas palavras disse: “É perfeitamente, divinamente verdade, que Deus ordenou para Sua própria glória tudo o que acontece”. Agora, se essas afirmações são verdadeiras, a doutrina da Reprovação também não deve ser incluída em tal afirmação? Qual é, na história humana, a única coisa que acontece todos os dias? O que, senão o fato de que homens e mulheres morrem e passam deste mundo para uma eternidade sem esperança, uma eternidade de sofrimento e aflição. Se então Deus preordenou tudo o que deveria acontecer, então Ele deve ter decretado que um grande número de seres humanos deveria sair deste

mundo sem ser salvo para sofrer eternamente no Lago de Fogo. Admitindo a premissa geral, a conclusão específica não é inevitável?

Em resposta aos parágrafos anteriores, o leitor pode dizer: “Tudo isso é simplesmente raciocínio lógico, sem dúvida, mas ainda tais raciocínios são meras inferências”. Muito bem, vamos agora apontar que, além das conclusões acima, mais uma passagem nas Sagradas Escrituras é mais clara e definitiva em seus ensinamentos sobre este assunto solene; passagem que é clara demais para ser mal compreendida e forte demais para ser evitada. É de se espantar o fato de que tantos homens bons tenham negado suas afirmações inegáveis.

“Por muito tempo, Josué fez guerra contra todos estes reis. Não houve cidade que fizesse paz com os filhos de Israel, senão os heveus, moradores de Gibeão; por meio de guerra, as tomaram todas. Porquanto do Senhor vinha o endurecimento do seu coração para saírem à guerra contra Israel, a fim de que fossem totalmente destruídos e não lograssem piedade alguma; antes, fossem de todo destruídos, como o Senhor tinha ordenado a Moisés” (Js 11:18-20). O que poderia ser mais

claro do que isso? Ali estava um grande número de cananeus cujos corações o Senhor endureceu, a quem Ele havia proposto destruir totalmente e a quem Ele mostrou nenhum favor. Bem concordamos que eles eram maus, imorais, idólatras; mas tais cananeus não eram piores do que os canibais imorais e idólatras das *Ilhas do Mar do Sul* (e muitos outros lugares), a quem Deus levou o Evangelho através de *John G. Paton*! Com certeza não. Então, por que Jeová não ordenou a Israel que ensinasse Suas leis aos cananeus e os instruisse a respeito dos sacrifícios ao verdadeiro Deus? Claramente, porque Ele os havia marcado para destruição, e Ele fez isso desde e por toda a eternidade.



A Soberania de Deus em Operação

“Porque d’Ele, e por meio d’Ele, e para Ele são todas as coisas. A Ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11:36).

Deus predisse tudo o que acontece? Ele decretou que o que é, deveria ter sido? Em última análise, esta é apenas outra maneira de perguntar: “Deus está governando agora o mundo? Ele está governando todos e tudo que está nele”? Se Deus está governando o mundo, então Ele o está governando de acordo com um propósito definido, ou sem objetivo e ao acaso? Se Ele está governando de acordo com algum propósito, então

quando esse propósito foi decidido? Deus está continuamente mudando Seu propósito e fazendo um novo a cada dia, ou Seu propósito foi formado desde o início? As ações de Deus, como as nossas, são reguladas pela mudança das circunstâncias ou são o resultado de Seu propósito eterno? Se Deus formou um propósito antes que o homem fosse criado, então esse propósito será executado de acordo com Seus desígnios originais? Por acaso, Ele está agora trabalhando para esse fim? O que dizem as Escrituras? Elas declaram que Deus é Aquele “que faz todas as coisas conforme o conselho de sua vontade” (Ef 1:11).

Poucos que leem este livro provavelmente questionam a afirmação de que Deus conhece e sabe de antemão todas as coisas, mas talvez muitos hesitem em ir além disso. No entanto, não é evidente que, se Deus conhece todas as coisas, Ele também predestinou todas as coisas? Não está claro que Deus sabe de antemão o que será porque Ele decretou o que será?

A presciência de Deus não é a causa dos eventos, mas os eventos são os efeitos de Seu propósito eterno. Quando Deus decreta que uma coisa será, Ele sabe

que será!

Na natureza das coisas não pode haver nada conhecido como o que será a menos que seja certo de ser, e não há nada certo de ser a menos que Deus tenha ordenado que seja. Tome a Crucificação como uma ilustração. Nesse ponto, o ensino das Escrituras é tão claro quanto um raio de sol. Cristo como o Cordeiro cujo sangue deveria ser derramado foi predestinado antes da fundação do mundo (1 Pe 1:20). Tendo então “ordenado” a morte do Cordeiro, Deus sabia que Ele seria “levado ao matadouro”, e, portanto, deu a conhecer tais verdades por meio do profeta Isaías. Deus não somente sabia que o Senhor Jesus ia ser “entregue” mas Ele próprio decretou tal acontecimento por meio de Seu querer eterno (Atos 2:23). A presciência dos eventos futuros, então, é fundamentada nos decretos de Deus, portanto, se Deus conhece de antemão tudo o que deve ser, é porque Ele determinou em Si mesmo desde toda a eternidade tudo o que será. Conhecidas por Deus são todas as Suas obras desde o princípio do mundo (At 15:18). Tal versículo mostra que Deus tem um plano, que Deus não começou Sua obra ao acaso ou sem saber como Seu plano seria bem-sucedido.

Deus criou todas as coisas. Esta verdade ninguém, que se curva ao testemunho da Sagrada Escritura, questionará. Acredito também que ninguém estaria preparado para argumentar que a obra da criação foi uma obra acidental. Deus primeiro formou o propósito de criar, e então realizou o ato criativo em cumprimento desse propósito. Todos os verdadeiros cristãos adotarão prontamente as palavras do salmista e dirão: “Que variedade, SENHOR, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste” (Sl 104:24). Alguém que endosse o que acabamos de dizer negará que Deus se propôs a governar o mundo que Ele criou? Certamente a criação do mundo não foi o fim do propósito de Deus. Certamente Ele não decidiu simplesmente criar o mundo e colocar o homem nele, e então deixar ambos à própria sorte. Deve ser evidente que Deus tem algum grande fim ou fins em vista dignos de Suas infinitas perfeições, e que Ele agora está governando o mundo para cumprir esses fins. “O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações” (Sl 33:11).

“Lembraí-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há

outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Is 46:9,10). Muitas outras passagens podem ser citadas para mostrar que Deus tem muitos conselhos sobre este mundo e sobre o homem, e que todos esses conselhos certamente serão realizados. É somente quando eles são assim considerados que podemos apreciar inteligentemente as profecias das Escrituras. Na profecia, o poderoso Deus condescendeu em nos levar à câmara secreta de Seus conselhos eternos e nos dar a conhecer o que Ele se propôs a fazer no futuro. As centenas de profecias que são encontradas no Antigo e no Novo Testamento são revelações para nós do que Deus propôs que acontecerá.

Qual foi então o grande propósito para o qual este mundo e a raça humana foram criados? A resposta da Escritura é: “O SENHOR fez todas as coisas para determinados fins” (Pv 16:4). E novamente: “Todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4:11). O grande fim da criação foi a manifestação da glória de Deus. “Os céus

proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Sl 19:1); mas foi pelo homem, originalmente feito à Sua própria imagem e semelhança, que Deus planejou principalmente manifestar Sua glória. Mas como o grande Criador seria glorificado pelo homem? Antes de sua criação, Deus previu a queda de Adão e conseqüentemente a ruína de sua raça, portanto, por isso Ele não poderia ter planejado que o homem O glorificasse continuando em um estado de inocência. Assim, somos ensinados que Cristo foi preordenado antes da fundação do mundo para ser o Salvador dos homens caídos. A redenção dos pecadores por Cristo não foi uma mera reflexão tardia de Deus. Não foi uma reflexão tardia de uma calamidade inesperada. Não; foi uma provisão divina e, portanto, quando o homem caiu, ele encontrou a misericórdia andando de mãos dadas com a justiça.

Desde toda a eternidade Deus planejou que nosso mundo fosse o palco no qual Ele mostraria Sua multiforme graça e sabedoria na redenção dos pecadores perdidos: “Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais, segundo

o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Ef 3:10,11). Para a realização deste glorioso desígnio, Deus governou o mundo desde o princípio e o continuará até o fim. Alguém uma vez disse: “Nós nunca podemos entender a providência de Deus sobre o nosso mundo, a menos que a consideremos como uma máquina complicada com dez mil peças, dirigidas em todas as suas operações para um fim glorioso, a exibição da multiforme sabedoria de Deus na salvação da Igreja”, isto é, na salvação dos seus escolhidos. Tudo está subordinado a esse propósito central. Foi a apreensão desta verdade básica que o Apóstolo, movido pelo Espírito Santo, foi levado a escrever: “Por esta razão, tudo suportamos por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna glória” (2 Tm 2:10). O que contemplamos agora é a operação da Soberania de Deus no governo deste mundo.

Com respeito à operação do governo de Deus sobre o mundo material, pouco precisa ser dito. Nos capítulos anteriores mostramos que a matéria inanimada e todas as criaturas irracionais estão absolutamente sujeitas ao prazer de seu Criador. Embora admitamos livremente

que o mundo material parece ser governado por leis que são estáveis e mais ou menos uniformes em suas operações, as Escrituras, a história e a observação nos obrigam a reconhecer o fato de que Deus suspende essas leis e age à parte delas, sempre que Lhe agrada. Ao enviar Suas bênçãos ou julgamentos sobre Suas criaturas, Ele pode fazer com que o próprio sol pare e as estrelas em seus cursos lutem por Seu povo (Jz 5:20); Ele pode enviar ou reter “as primeiras e as últimas chuvas” de acordo com os ditames de Sua própria sabedoria infinita; Ele pode ferir com peste ou abençoar com saúde; em resumo, Deus, o absoluto Soberano, não está vinculado e amarrado por nenhuma lei da Natureza, mas governa o mundo material como Lhe agrada.

Mas e o governo de Deus sobre a família humana? O que a Escritura revela em relação ao *modus operandi* das operações de Sua administração governamental sobre a humanidade? Até que ponto e com que influência Deus controla os filhos dos homens? Dividiremos nossa resposta a esta pergunta em duas partes e consideraremos primeiro o método de Deus para lidar com os justos, Seus eleitos; e então Seu método de lidar com os ímpios.

*O Método de Deus Para Lidar
com os Justos*

Deus exerce sobre Seus eleitos uma influência, um poder vivificador. Por natureza, eles estão espiritualmente mortos, mortos em delitos e pecados, e sua primeira necessidade é a vida espiritual, pois nos é dito que “se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jo 3:3). No novo nascimento Deus nos traz da morte para a vida (Jo 5:24). Ele nos comunica Sua própria natureza (2 Pe 1:4). Ele nos livra do poder das trevas e nos transporta para o reino de Seu querido Filho (Cl 1:13). Nós não poderíamos fazer tais coisas por nós mesmos, pois “éramos fracos” (Rm 5:6). Por isso, nos é dito que “somos feitura d’Ele, criados em Cristo Jesus” (Ef 2:10).

No novo nascimento, somos feitos participantes da natureza divina; um princípio, uma “semente”, uma vida, nos é comunicado. Uma vida que “nasce do Espírito” e, portanto, “é espírito”; é nascido do Espírito Santo e, portanto, é uma vida santa. Sem essa natureza divina e santa que nos é conferida no novo nascimento, é totalmente impossível para qualquer homem gerar um impulso espiritual, formar um conceito espiritual,

pensar um pensamento espiritual, compreender as coisas espirituais e menos ainda se envolver em obras espirituais. “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12:14), mas o homem natural não deseja a santidade, e a provisão que Deus propôs, ele não quer. Então um homem orará, buscará, lutará por aquilo que ele não gosta? Certamente não. Se então um homem segue aquilo que por natureza ele não gostava cordialmente, se ele agora ama Aquele que uma vez odiou, é porque uma mudança milagrosa ocorreu dentro dele; um poder fora dele operou sobre ele, uma natureza inteiramente diferente da sua antiga lhe foi comunicada. Por isso, nos é dito que: “Assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2 Co 5:17). Tal, como acabamos de descrever, passou da morte para a vida, foi convertido das trevas para a luz e do poder de Satanás para o reinado de Deus (At 26:18). De nenhuma outra forma a grande mudança pode ser explicada.

O novo nascimento é muito, muito mais do que simplesmente derramar algumas lágrimas devido a um remorso temporário pelo pecado. É muito mais do que mudar nosso curso de vida. É muito mais do que deixar

de lado os maus hábitos e os substituir por bons. É algo diferente do mero acalentar e praticar ideais nobres. É infinitamente mais profundo do que ser conduzido por um evangelista a assinar um cartão de compromisso ou “unir-se à igreja”. O novo nascimento não é apenas virar uma nova página, mas é o início e a recepção de uma nova vida. Não é uma mera reforma, mas uma transformação completa. Em suma, o novo nascimento é um milagre, é o resultado da operação sobrenatural de Deus. É radical, revolucionário e duradouro.

Aqui, então, está a primeira coisa, no tempo, que Deus fez e faz em Seus próprios eleitos. Ele se apodera daqueles que estão espiritualmente mortos e os vivifica em novidade de vida. Ele toma aquele que foi formado em iniquidade e concebido em pecado, e o conforma à imagem de Seu Filho. Ele apreende um cativo do Diabo e o torna membro da família da fé. Ele pega um mendigo e o torna coerdeiro com Cristo. Ele vem para aquele que está cheio de inimizade contra Ele e lhe dá um novo coração cheio de amor por Ele. Ele se inclina para aquele que por natureza é um rebelde e opera nele tanto o querer quanto o realizar de acordo com Sua própria boa vontade. Por Seu poder irresistível Ele

transforma um pecador em santo, um inimigo em amigo, um escravo do diabo em filho de Deus. Certamente, então, somos movidos a dizer: “Quando todas as Tuas misericórdias, ó meu Deus, minha alma maravilhada examina, fico perdido em admiração, amor e louvor”.

Deus exerce sobre Seus eleitos uma influência ou poder energizante. O Apóstolo orou a Deus pelos santos de Éfeso para que os olhos do seu entendimento fossem iluminados, a fim de que, entre outras coisas, eles pudessem saber “qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos” (Ef 1:19), e que eles pudessem ser “fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior” (Ef 3:16). É assim que os filhos de Deus são capacitados para combater o bom combate da fé e combater as forças adversas que constantemente guerreiam contra eles. Em si mesmos, eles não têm força; são apenas “ovelhas”, e as ovelhas são um dos animais mais indefesos que existem; mas a promessa é certa: Ele “faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor” (Is 40:29).

É esse poder energizante que Deus exerce sobre e dentro dos justos, que os capacita a servi-Lo de maneira

aceitável. Disse o profeta da antiguidade: “Eu, porém, estou cheio do poder do Espírito do SENHOR” (Mq 3:8). E disse nosso Senhor aos seus apóstolos: “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo” (At 1:8), e assim ficou provado, pois desses mesmos homens lemos posteriormente: “Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça” (At 4:33). Assim foi, também, com o apóstolo Paulo: “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder” (1 Co 2:4). Mas o escopo desse poder não se limita ao serviço, pois lemos em 2 Pedro 1:3: “Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude”. Por isso é que as várias graças do caráter cristão, “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio”, são atribuídas diretamente ao próprio Deus, sendo denominadas de “o fruto do Espírito” (Gl 5:22,23). Deus exerce sobre Seus próprios eleitos uma influência ou poder direcionador.

Antigamente Ele conduzia Seu povo através do deserto, dirigindo seus passos por uma coluna de nuvem durante o dia e uma coluna de fogo à noite; e hoje Ele ainda dirige Seus santos, de maneira interna e não externa. “Este é Deus, o nosso Deus para todo o sempre; ele será nosso guia até à morte” (Sl 48:14), mas Ele nos “guia” operando em nós tanto o querer quanto o realizar Sua boa vontade. O fato de que Ele nos guia fica claro nas palavras do apóstolo em Efésios 2:10: “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”. Assim, todo motivo de jactância é removido e Deus recebe toda a glória. Como o profeta, devemos dizer: “SENHOR, concede-nos a paz, porque todas as nossas obras tu as fazes por nós” (Is 26:12). Quão certo é o fato de que “o homem violento alicia o seu companheiro e guia-o por um caminho que não é bom” (Pv 16:29)! (Compare tal afirmação com Salmo 65:4 e Ezequiel 36:27).

Deus exerce sobre Seus próprios eleitos uma influência ou poder preservador. Muitas são as Escrituras que apresentam esta bendita verdade. “Ele guarda a alma dos seus santos, livra-os da mão dos

ímpios” (Sl 97:10). “Pois o SENHOR ama a justiça e não desampara os seus santos; serão preservados para sempre, mas a descendência dos ímpios será exterminada” (Sl 37:28). “O SENHOR guarda a todos os que o amam; porém os ímpios serão exterminados” (Sl 145:20). É desnecessário multiplicar textos. A verdade é que não podemos “perseverar” sem Deus nos preservar; somos “guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo” (1 Pe 1:5). (Compare tal afirmação com 1 Crônicas 18:6).

*O Método de Deus Para Lidar
com os Ímpios*

Ao contemplar as relações governamentais de Deus com os não eleitos, descobrimos que Ele exerce sobre eles uma influência ou poder quádruplo. Adotamos as divisões bem definidas sugeridas pelo *Dr. Rice*.

Deus exerce sobre os ímpios uma influência restritiva pela qual, eles são impedidos de fazer o que são naturalmente inclinados a fazer. Um exemplo notável disso é visto em Abimeleque, rei de Gerar. Abraão desceu a Gerar e com medo de ser morto por

causa de sua esposa, ele a instruiu a se passar por sua irmã. Considerando-a como uma mulher solteira, Abimeleque enviou e tomou Sara para si; e então aprendemos como Deus exerceu Seu poder para proteger sua honra. “Respondeu-lhe Deus em sonho: Bem sei que com sinceridade de coração fizeste isso; daí o ter impedido eu de pecares contra mim e não te permiti que a tocasses” (Gn 20:6). Se Deus não tivesse intervindo, Abimeleque teria gravemente prejudicado Sara, mas o Senhor o restringiu e permitiu que ele não realizasse as intenções de seu coração.

Um exemplo semelhante é encontrado em relação ao tratamento que José recebeu de seus irmãos. Devido à parcialidade de Jacó por José, seus irmãos o odiaram, e quando eles pensaram que o tinham em seu poder “conspiraram contra ele para o matar” (Gn 37:18). Mas Deus não permitiu que eles realizassem seus desígnios malignos. Primeiro ele moveu Rúben para livrá-lo de suas mãos, e depois ele fez Judá sugerir que José deveria ser vendido aos ismaelitas que passavam, que o levaram para o Egito. Fica claro que foi Deus quem restringiu-os de matarem seu irmão, pois quando ele se deu a conhecer a seus irmãos; José disse: “Assim, não fostes

vós que me enviastes para cá, e sim Deus” (Gn 45:8).

A influência restritiva que Deus exerce sobre os ímpios foi notavelmente exemplificada na pessoa de Balaão, o profeta contratado por Balaque para amaldiçoar os israelitas. Não se pode ler a narrativa inspirada sem descobrir que, entregue a si mesmo, Balaão prontamente e certamente aceitou a oferta de Balaque. Fica evidentemente para nós que Deus restringiu os impulsos de seu coração, quando por seu próprio reconhecimento, ele diz: “Como posso amaldiçoar a quem Deus não amaldiçoou? Eis que para abençoar recebi ordem; ele abençoou, não o posso revogar” (Nm 23:8,20).

Deus não apenas exerce uma influência restritiva sobre indivíduos ímpios, mas também sobre povos inteiros. Uma ilustração notável disso é encontrada em Êxodo 34:24: “Porque lançarei fora as nações de diante de ti e alargarei o teu território; ninguém cobiçará a tua terra quando subires para comparecer na presença do SENHOR, teu Deus, três vezes no ano”. Por três vezes todo israelita do sexo masculino, por ordem de Deus, deixou sua casa e herança e viajou para Jerusalém para celebrar as festas do Senhor; e nas Escrituras acima

aprendemos que Ele lhes prometeu que, enquanto estivessem em Jerusalém, Ele guardaria seus lares, restringindo os desígnios e desejos cobiçosos de seus vizinhos pagãos.

Deus exerce sobre os ímpios uma influência amolecedora, dispondo-os contrariamente as suas inclinações naturais para fazer o que Ele deseja. Acima, nos referimos à história de José como uma ilustração de Deus exercendo uma influência restritiva sobre os ímpios; vamos notar agora suas experiências no Egito como exemplificando nossa afirmação de que Deus também exerce uma influência sobre os injustos. Nos é dito que enquanto ele estava na casa de Potifar, “o Senhor era com José, que veio a ser homem próspero”, e, conseqüentemente, “logrou José mercê perante ele, a quem servia; e ele o pôs por mordomo de sua casa” (Gn 39:2,4). Mais tarde, quando José foi injustamente lançado na prisão, nos é dito: “O Senhor, porém, era com José, e lhe foi benigno, e lhe deu mercê perante o carcereiro”. Finalmente, após sua libertação da prisão, aprendemos em Atos 7:10 que o Senhor “concedendo-lhe também graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egito, que o constituiu governador daquela nação e de

toda a casa real”.

Uma evidência igualmente impressionante do poder de Deus para derreter o coração de seus inimigos foi vista no tratamento da filha de Faraó ao bebê Moisés. O incidente é bem conhecido. Faraó havia emitido um decreto ordenando a destruição de todos os filhos do sexo masculino dos israelitas. Um certo levita teve um filho que por três meses foi mantido escondido por sua mãe. Não mais capaz de esconder o menino Moisés, ela o colocou em uma arca de juncos e o colocou à beira do rio. A arca foi descoberta por ninguém menos do que a filha do rei que desceu ao rio para se banhar, mas em vez de atender ao decreto perverso de seu pai e lançar a criança no rio, nos é dito que ela teve compaixão dele (Ex 2:6). Assim, a jovem vida foi poupada e mais tarde Moisés tornou-se o filho adotivo desta princesa.

Deus tem acesso ao coração de todos os homens e Ele os amolece ou endurece de acordo com Seu propósito Soberano. O profano Esaú jurou vingança contra seu irmão pelo engano que havia praticado contra seu pai, mas quando ele encontrou Jacó, em vez de matá-lo, nos é dito que Esaú “correu-lhe ao encontro e o abraçou; arrojou-se-lhe ao pescoço e o beijou” (Gn

33:4). Acabe, o fraco e perverso companheiro de Jezabel, enfureceu-se muito contra Elias, o profeta, por cuja palavra os céus foram fechados por três anos e meio; disse que ele o procurou em todas as nações e reinos e quando não pôde ser encontrado “fez um juramento” (1 Rs 18:10). No entanto, quando eles se encontraram, em vez de matar o profeta, Acabe obedeceu mansamente ao pedido de Elias e “enviou Acabe mensageiros a todos os filhos de Israel e ajuntou os profetas no monte Carmelo” (v. 20). Novamente; Ester, a pobre judia, esperava perecer quando entrasse na presença do rei, pois ele a havia dito: “Ainda que é contra a lei” (Est 4:16), mas nos é dito que “alcançou ela favor perante ele; estendeu o rei para Ester o cetro de ouro que tinha na mão” (5:2).

O menino Daniel estava cativo em um tribunal estrangeiro. O rei “designou” uma provisão diária de carne e bebida para Daniel e seus companheiros. Mas Daniel propôs em seu coração não se contaminar com a porção que lhe foi atribuída e, conseqüentemente, deu a conhecer seu propósito a seu senhor, o príncipe dos eunucos. O que aconteceu? Seu mestre era um pagão que “temia” o rei. Ele então se voltou contra Daniel e exigiu com raiva que suas ordens fossem prontamente

cumpridas? Daniel não cumpriu tais ordens, pois lemos: “Ora, Deus concedeu a Daniel misericórdia e compreensão da parte do chefe dos eunucos” (Dn 1:9).

“Como riberros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21:1). Uma ilustração notável disso é vista em Ciro, o rei pagão da Pérsia. O povo de Deus estava em cativo, mas o fim previsto de seu cativo havia quase sido alcançado. Enquanto isso, o Templo de Jerusalém estava em ruínas e, como dissemos, os judeus estavam em cativo em uma terra distante. Que esperança havia então de que a casa do Senhor fosse reconstruída? Observe agora o que Deus fez: “Porém, no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias, despertou o Senhor o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá” (2 Cr 36:22,23). Ciro, lembre-se, era um pagão, e como a história secular testemunha, um homem muito perverso, mas o Senhor o moveu a

emitir este decreto para que Sua Palavra através de Jeremias setenta anos antes pudesse ser cumprida. Uma ilustração semelhante e adicional é encontrada em Esdras 7:27, onde encontramos Esdras agradecendo pelo que Deus fez com que o rei Artaxerxes fizesse ao completar e embelezar a casa que Ciro ordenou que fosse erguida: “Bendito seja o Senhor, Deus de nossos pais, que deste modo moveu o coração do rei para ornar a Casa do Senhor , a qual está em Jerusalém” (Es 7:27).

Deus exerce sobre os ímpios uma influência direta para que o bem resulte do mal pretendido. Mais uma vez voltamos à história de José como um exemplo. Ao vender José aos ismaelitas, seus irmãos foram movidos por motivos cruéis. O objetivo deles era acabar com ele, e a passagem desses comerciantes viajantes forneceu uma saída fácil para eles. Para eles, o ato nada mais era do que escravizar um jovem nobre por causa do ganho. Mas agora observe como Deus estava operando secretamente e governando suas ações perversas. A providência ordenou que esses ismaelitas passassem bem a tempo de impedir que José fosse assassinado, pois seus irmãos já haviam se reunido em conselho para matá-lo. Mais longe; esses ismaelitas estavam viajando

para o Egito, que era o mesmo país para o qual Deus tinha o propósito de enviar José, e Ele ordenou que eles comprassem José exatamente quando o fizeram. Que a mão de Deus estava neste incidente, que foi algo mais do que uma feliz coincidência, fica claro pelas palavras de José a seus irmãos em uma data posterior: “Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra e para vos preservar a vida por um grande livramento” (Gn 45:7).

Outra ilustração igualmente impressionante de Deus dirigindo os ímpios é encontrada em Isaías 10:5-7: “Ai da Assíria, cetro da minha ira! A vara em sua mão é o instrumento do meu furor. Envio-a contra uma nação ímpia e contra o povo da minha indignação lhe dou ordens, para que dele roube a presa, e lhe tome o despojo, e o ponha para ser pisado aos pés, como a lama das ruas. Ela, porém, assim não pensa, o seu coração não entende assim; antes, intenta consigo mesma destruir e desarraigar não poucas nações”. O rei da Assíria havia decidido ser um conquistador do mundo. Mas Deus dirigiu e controlou sua luxúria e ambição militar, e fez com que ele limitasse sua atenção à conquista da insignificante nação de Israel. Tal tarefa não estava no

coração do orgulhoso rei, mas Deus lhe deu esse encargo e ele não podia fazer nada além de cumpri-lo. (Leia também Juízes 7:22).

O exemplo supremo da influência controladora e direcionadora que Deus exerce sobre os ímpios é a Cruz de Cristo com todas as circunstâncias que a acompanham. Se alguma vez a providência superintendente de Deus foi testemunhada, foi lá. Desde toda a eternidade Deus havia predestinado cada detalhe desse evento. Nada foi deixado ao acaso ou ao capricho do homem. Deus havia decretado quando, onde e como Seu bendito Filho deveria morrer. Muito do que Ele havia proposto a respeito da Crucificação foi divulgado através dos profetas do Antigo Testamento, e no cumprimento exato e literal dessas profecias temos prova clara e demonstração completa da influência controladora e direcionadora que Deus exerce sobre os ímpios.

Nada aconteceu, exceto como Deus havia ordenado, e tudo o que Ele havia ordenado aconteceu exatamente como Ele havia proposto.

Se tivesse sido decretado (e divulgado nas

Escrituras) que o Salvador deveria ser traído por um de Seus próprios discípulos, por Seu amigo familiar (ver Salmos 41:9 e comparar Mateus 26:50), então o Apóstolo Judas deveria ser o único que O venderia. Se tivesse sido decretado que o traidor deveria receber por sua terrível perfídia trinta moedas de prata, então os principais sacerdotes deveriam ser movidos a oferecer-lhe essa mesma quantia. Se tivesse sido decretado que esta soma de traição deveria ter um uso particular, ou seja, a compra do campo do oleiro, então a mão de Deus deveria ordenar Judas que devolvesse o dinheiro aos principais sacerdotes e assim levasse adiante seu conselho (Mt 27:7). Se tivesse sido decretado que haveria alguns que prestariam “falso testemunho” contra nosso Senhor (Sl 35:11), então, conseqüentemente, tais homens deveriam ser predestinados para cumprir tal obrigação.

Se tivesse sido decretado que o Senhor da Glória deveria ser cuspidado e flagelado (Is 50:6), então de maneira alguma, poderia ter sido achado em falta aqueles que eram suficientemente vis para cumprir tal vontade. Se tivesse sido decretado que o Salvador deveria ser “contado com os transgressores”, então desconhecido para si mesmo, Pilatos, dirigido por Deus,

deveria dar suas ordens para Sua crucificação junto com dois ladrões. Se tivesse sido decretado que vinagre e fel deveriam ser dados a Ele para beber enquanto Ele estava pendurado na Cruz, então este decreto de Deus deveria ser executado ao pé da letra. Se tivesse sido decretado que os insensíveis deveriam sortear Suas vestes, então com certeza eles deveriam fazer exatamente isso. Se tivesse sido decretado que nenhum osso d'Ele deveria ser quebrado (Sl 34:20), então a mão controladora de Deus, não permitiria que o soldado romano que quebrou as pernas dos ladrões, fizesse o mesmo com nosso Senhor. Ah! Não havia soldados suficientes em todas as legiões romanas e não havia demônios suficientes em todas as hierarquias de Satanás, para quebrar um osso no corpo de Cristo. E por que? Porque o Soberano Todo-Poderoso havia decretado que nenhum osso deveria ser quebrado. Precisamos estender mais este parágrafo? O cumprimento exato e literal de tudo o que a Escritura havia predito em conexão com a Crucificação não demonstra, além de toda controvérsia, que um poder Todo-Poderoso estava dirigindo e superintendendo tudo o que foi feito naquele Dia dos dias?

DEUS É SOBERANO

Deus também endurece o coração dos ímpios e cega suas mentes. Deus endurece o coração dos homens! Deus cega a mente dos homens! Sim, as Escrituras apresentam tal verdade. Ao desenvolver este tema da Soberania de Deus em Operação, reconhecemos que agora alcançamos seu aspecto mais solene de todos, e que aqui, especialmente, precisamos nos manter muito próximos das palavras da Sagrada Escritura. Deus nos livre de irmos uma fração além da Sua Palavra; mas que Ele nos dê graça para ir tão longe quanto Sua Palavra vai. É verdade que as coisas secretas pertencem ao Senhor, mas também é verdade que as coisas reveladas nas Escrituras pertencem a nós e a nossos filhos.

“Mudou-lhes o coração para que odiassem o seu povo e usassem de astúcia para com os seus servos” (Sl 105:25). A referência aqui é à permanência dos descendentes de Jacó na terra do Egito quando, após a morte do faraó que acolheu o velho patriarca e sua família, surgiu um novo rei que não conhecia José; e em seus dias os filhos de Israel haviam aumentado muito, de modo que superavam em número os egípcios; então foi que Deus converteu o coração deles para odiar o Seu povo.

A consequência do “ódio” dos egípcios é bem conhecida. Eles os trouxeram para uma escravidão cruel e os colocaram sob capatazes impiedosos até que sua sorte se tornou insuportável. Desamparados e miseráveis, os israelitas clamaram a Jeová, e em resposta Ele designou Moisés para ser seu libertador. Deus revelou-Se a Seu servo escolhido, deu-lhe uma série de sinais milagrosos que ele deveria exibir na corte egípcia, e então ordenou-lhe que fosse ao Faraó e exigisse que os israelitas fossem autorizados a ir para uma jornada de três dias em deserto, para que adorassem ao Senhor. Mas antes de Moisés começar sua jornada, Deus o advertiu a respeito de Faraó: “Eu lhe endurecerei o coração, para que não deixe ir o povo” (Ex 4:21).

Se for perguntado: “Por que Deus endureceu o coração de Faraó?” A resposta fornecida pela própria Escritura é: Para que Deus pudesse mostrar Seu poder nele (Rm 9:17); em outras palavras, foi para que o Senhor pudesse demonstrar que era tão fácil para Ele derrubar esse monarca altivo e poderoso quanto para esmagar um verme. Por que Deus escolheu tal método de exibir Seu poder? A resposta deve ser que o Deus Soberano reserva a Si mesmo o direito de agir como Lhe apraz.

DEUS É SOBERANO

Não apenas nos é dito que Deus endureceu o coração de Faraó para que ele não deixasse os israelitas irem, mas depois que Deus atormentou sua terra tão severamente que ele relutantemente deu uma permissão qualificada, e depois disso o primogênito de todos os egípcios havia sido morto, e Israel havia realmente deixado a terra da servidão, Deus disse a Moisés: “Eis que eu endurecerei o coração dos egípcios, e estes entrarão atrás deles; e glorificar-me-ei em Faraó e em todo o seu exército, nos seus carros e nos seus cavaleiros. E os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando me tiver glorificado em Faraó, nos seus carros e nos seus cavaleiros” (Ex 14:17,18).

A mesma coisa aconteceu posteriormente em relação a Seom, rei de Hesbom, por cujo território Israel teve de passar a caminho da terra prometida. Ao recapitular sua história, Moisés disse ao povo: “Mas Seom, rei de Hesbom, não nos quis deixar passar por sua terra” (Dt 2:30). Assim também foi depois que Israel entrou em Canaã. Lemos: “Não houve cidade que fizesse paz com os filhos de Israel, senão os heveus, moradores de Gibeão; por meio de guerra, as tomaram todas. Porquanto do Senhor vinha o endurecimento do

seu coração para saírem à guerra contra Israel, a fim de que fossem totalmente destruídos e não lograssem piedade alguma; antes, fossem de todo destruídos, como o Senhor tinha ordenado a Moisés” (Js 11:19,20). De outras passagens das Escrituras, aprendemos o motivo pelo qual Deus se propôs a “destruir totalmente” os cananeus; foi por causa de sua terrível maldade e corrupção.

Nem a revelação desta verdade solene está confinada ao Antigo Testamento. Em João 12:37-40 lemos: “E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele, para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Por isso, não podiam crer, porque Isaías disse ainda: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados”. É preciso observar cuidadosamente aqui que aqueles cujos olhos Deus “cegou” e cujo coração Ele “endureceu” eram homens que deliberadamente desprezaram a Luz e rejeitaram o testemunho do próprio Filho de Deus.

Da mesma forma, lemos em 2 Tessalonicenses 2:11,

12: “É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça”. O que Deus fez aos judeus do passado, Ele ainda fará à cristandade. Assim como os judeus dos dias de Cristo desprezaram Seu testemunho e, em consequência, foram “cegos”, assim uma cristandade culpada que rejeitou a Verdade ainda lhes terá enviado de Deus um “forte engano” para que acreditem em uma mentira.

Deus está realmente governando o mundo? Ele está exercendo domínio sobre a humanidade? Qual é o *modus operandi* de Sua administração governamental sobre a humanidade? Até que ponto e por que meios Ele controla os filhos dos homens? Como Deus exerce influência sobre os ímpios, visto que seus corações estão em inimizade contra Ele? Estas são algumas das perguntas que procuramos responder com base nas Escrituras nas seções anteriores deste capítulo.

Sobre Seus próprios eleitos, Deus exerce um poder vivificador, energizante, direcionador e preservador. Sobre o ímpio, Deus exerce um poder restritivo,

suavizante, direcionador, endurecedor e cegante, de acordo com os ditames de Sua própria sabedoria infinita e para a realização de Seu próprio propósito eterno.

Os decretos de Deus estão sendo executados. O que Ele ordenou está sendo realizado. A maldade do homem é limitada. Os limites do mal e dos malfeitores foram definidos divinamente e não podem ser excedidos. Embora muitos a ignorem, todos os homens, bons e maus, estão sob a jurisdição e absolutamente sujeitos à administração do Supremo Soberano. “Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso” (Ap 19:6). Aleluia, porque Ele reina sobre todos.



A Soberania de Deus e a Vontade Humana

“Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13).

A respeito da natureza e do poder da vontade do homem caído, a maior confusão ainda prevalece nos dias de hoje, e as visões mais errôneas são mantidas, até mesmo por muitos dos filhos de Deus. A ideia popular que prevalece agora, e que é ensinada na grande maioria dos púlpitos, é que o homem tem um “livre arbítrio” e que a salvação vem ao pecador por meio da cooperação de sua vontade com o Espírito Santo. Negar o “livre-

arbítrio” do homem, isto é, seu poder de escolher o que é bom, sua capacidade nativa de aceitar a Cristo, é uma afronta, mesmo para vários que professam ser ortodoxos. E, no entanto, as Escrituras dizem enfaticamente: “Não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia” (Rm 9:16). Devemos acreditar em Deus, ou nesses falsos pregadores?

Mas alguém pode responder: Não disse Josué a Israel: “Escolhei, hoje, a quem sirvais”? Sim, ele disse isso; mas por que não completar sua frase; “se aos deuses a quem serviram vossos pais que estavam dalém do Eufrates ou aos deuses dos amorreus em cuja terra habitais” (Js 24:15). Mas por que tentar colocar Escritura contra Escritura? A Palavra de Deus nunca se contradiz, e a Palavra declara expressamente: “Não há quem busque a Deus” (Rm 3:11). Por acaso, Cristo não disse aos homens de Sua época: “Não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5:40)? Sim, mas alguns “vieram” a Ele, alguns O receberam. Verdade! E quem eram eles? João 1:12,13 nos diz: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do

sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”.

Mas a Escritura não diz: “Quem quiser pode vir”? Sim, mas isso significa que todos têm vontade de ir até Cristo? E aqueles que não vão? “Quem quiser pode vir” não implica mais que o homem caído tem o poder (em si mesmo) de ir. Por si mesmo, o homem natural tem poder para rejeitar a Cristo; mas por si mesmo ele não tem o poder de receber a Cristo. E por que? Porque ele tem uma mente que é inimiga de Deus (Rm 8:7); porque ele tem um coração que odeia Deus (Jo 15:18). O homem escolhe o que está de acordo com sua natureza e, portanto, antes de escolher ou preferir o que é divino e espiritual, uma nova natureza deve ser comunicada a ele; em outras palavras, ele deve nascer de novo.

Deveria ser perguntado: “Mas o Espírito Santo não vence a inimizade e o ódio de um homem quando convence o pecador de seus pecados e sua necessidade de Cristo; e o Espírito de Deus não produz tal convicção em muitos que perecem?” Tal linguagem revela confusão de pensamento. Se a inimizade de tal homem realmente fosse “vencida”, então ele prontamente se voltaria para Cristo. Por isso, se ele não vai ao Salvador

demonstra que sua inimizade não foi vencida. Mas que muitos são, através da pregação da Palavra, convencidos pelo Espírito Santo, que, no entanto, morrem na incredulidade, é solenemente verdade. No entanto, é um fato que não deve ser perdido de vista que o Espírito Santo faz algo mais em cada um dos eleitos de Deus do que nos não eleitos. Ele opera neles “tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13).

Em resposta ao que dissemos acima, os arminianos responderiam: “Não; a obra de convicção do Espírito é a mesma tanto nos convertidos quanto nos não convertidos; o que distingue uma classe da outra é que a primeira cede aos Seus esforços, enquanto a última resiste a eles”. Mas se este fosse o caso, então o cristão teria motivos para se vangloriar e se gloriar por sua cooperação com o Espírito; mas isso contradiz categoricamente Efésios 2:8: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”.

Apelemos para a experiência real do leitor cristão. Não houve um tempo em que você não estava disposto a vir a Cristo? Eu lhes afirmo que sim. Foi por causa d’Ele que você foi até Ele. Você está agora preparado

para dar a Ele toda a glória por isso (Sl 115:1)? Você não reconhece que veio a Cristo porque o Espírito Santo o trouxe da indisposição para a disposição? Então não é também um fato patente que o Espírito Santo não fez em muitos outros o que Ele fez em você, vendo que muitos outros ouviram o Evangelho, viram sua necessidade de Cristo, ainda assim, eles ainda não estão dispostos a vir a Ele. Conclui-se que Ele operou mais em você do que neles. Você responde: “No entanto, lembro-me bem do tempo em que a *Grande Questão* me foi apresentada, e minha consciência testifica que minha vontade agiu e que cedi às reivindicações de Cristo sobre mim. Mas antes de você “ceder”, o Espírito Santo venceu a inimizade nativa de sua mente contra Deus, e essa “inimizade” Ele não vence em todos. Deve ser dito que isso se dá pelo fato de que eles não estão dispostos a que sua inimizade seja superada. Ah! Ninguém está “disposto” até que Ele tenha colocado Seu poder todopoderoso e operado um milagre de graça no coração.

Mas vamos agora perguntar: “O que é a vontade humana”? É um agente autodeterminante, ou é, por sua vez, determinado por outra coisa? É soberano ou servo? A vontade é superior a todas as outras faculdades de

nosso ser para que as governe, ou é movida por seus impulsos e sujeita ao seu prazer? A vontade governa a mente, ou a mente controla a vontade? A vontade é livre para fazer o que quiser, ou está sob a necessidade de prestar obediência a algo fora de si? “A vontade se destaca das outras grandes faculdades ou poderes da alma, um homem dentro de um homem, que pode reverter o homem e voar contra o homem e dividi-lo em segmentos, como uma cobra de vidro se despedaça? Ou, a vontade está conectada com as outras faculdades, como a cauda da serpente está com seu corpo, e isso novamente com sua cabeça, de modo que onde a cabeça vai, toda a criatura vai, e, como um homem pensa em seu coração, então ele é?”

Primeiro pensamento, depois coração (desejo ou aversão) e depois ação. A vontade é a primeira e principal coisa no homem, ou é a última coisa a ser mantida subordinada e em seu lugar abaixo das outras faculdades? E, é a verdadeira filosofia da ação moral e seu processo de Gênesis 3:6: ‘E quando a mulher viu que a árvore era boa para comer’ (percepção dos sentidos, inteligência), ‘e uma árvore desejável’ (afeições), ‘ela tomou e comeu’ (o testamento)” (*George S. Bispo*). Estas

são questões de interesse mais do que acadêmico. Eles são de importância prática. Acreditamos não ir muito longe quando afirmamos que a resposta dada a essas questões é um teste fundamental de solidez doutrinária.

*A Natureza da Vontade
Humana*

O que é a Vontade? Respondemos que a vontade é a faculdade de escolha, a causa imediata de toda ação. A escolha implica necessariamente a recusa de uma coisa e a aceitação de outra. O positivo e o negativo devem estar presentes na mente antes que possa haver qualquer escolha. Em cada ato da vontade há uma preferência, o desejo de uma coisa em vez de outra. Onde não há preferência, mas completa indiferença, não há volição. Querer é escolher, e escolher é decidir entre duas ou mais alternativas. Mas há algo que influencia a escolha; algo que determina a decisão. Portanto, a vontade não pode ser soberana porque é serva desse algo. A vontade não pode ser soberana e ao mesmo tempo serva. Não pode ser causa e efeito. A vontade não é causativa, porque, como dissemos, algo a faz escolher, portanto, esse algo deve ser o agente

causador. A própria escolha é afetada por certas considerações, é determinada por várias influências exercidas sobre o próprio indivíduo, portanto, a volição é o efeito dessas considerações e influências, e se for o efeito, deve ser seu servo; e se a vontade é sua serva então não é soberana, e se a vontade não é soberana, certamente não podemos predicar “liberdade” absoluta dela. Atos da vontade não podem acontecer por si mesmos.

Em todas as épocas, no entanto, houve aqueles que lutaram pela liberdade absoluta ou soberania da vontade humana. Os homens argumentaram e argumentarão que a vontade possui um poder de autodeterminação. Dizem, por exemplo, que podemos virar os olhos para cima ou para baixo. Tais homens afirmam que a mente é bastante indiferente ao que fazemos, pois é a vontade que decidi. Mas isso é uma contradição em termos. Este caso supõe que eu escolho uma coisa em detrimento de outra enquanto estou em um estado de completa indiferença. Manifestamente, ambos não podem ser verdadeiros. Mas pode-se responder: “A mente era bastante indiferente até que veio a ter uma preferência”. Exatamente; mas no

momento em que a indiferença desapareceu, a escolha foi feita, e o fato de que a indiferença deu lugar à preferência derruba o argumento de que a vontade é capaz de escolher entre duas coisas iguais. Como dissemos, a escolha implica a aceitação de uma alternativa e a rejeição da outra ou de outras.

O que determina a vontade é o que a faz escolher. Se a vontade é determinada, então deve haver um determinante. O que é que determina a vontade? Nós respondemos: “A força motriz mais forte que é exercida sobre ela”.

O que é essa força motriz varia em diferentes casos. Com um pode ser a lógica da razão, com outro a voz da consciência, com outro o impulso das emoções, com outro o sussurro do Tentador, com outro o poder do Espírito Santo; aquele que apresentar a força motriz mais forte e exercer a maior influência sobre o próprio indivíduo é aquele que impele a vontade de agir. Em outras palavras, a ação da vontade é determinada por aquela condição da mente (que por sua vez é influenciada pelo mundo, a carne e o diabo, bem como por Deus) que tem o maior grau de

tendência a excitar a volição.

Para ilustrar o que acabamos de dizer, vamos analisar um exemplo simples. Em certa tarde do dia do Senhor, um amigo nosso estava sofrendo de uma forte dor de cabeça. Ele estava ansioso para visitar os doentes, mas temia que, se o fizesse, sua própria condição pioraria e, como consequência, não poderia assistir à pregação do Evangelho naquela noite. Duas alternativas o confrontavam: Visitar os enfermos naquela tarde e arriscar-se a adoecer, ou descansar naquela tarde (e visitar os enfermos no dia seguinte) e provavelmente levantar-se revigorado e apto para o culto da noite. Agora, o que foi que decidiu nosso amigo na escolha entre essas duas alternativas? Simplesmente a vontade? De jeito nenhum. É verdade que, no final, a vontade fez uma escolha, mas a própria vontade foi movida a fazer a escolha.

No caso acima, certas considerações apresentaram fortes motivos para selecionar qualquer uma das alternativas; esses motivos foram equilibrados uns contra os outros pelo próprio indivíduo, ou seja, seu coração e mente, e uma alternativa sendo apoiada por motivos mais fortes que a outra, a decisão foi formada

de acordo, e então a vontade agiu. Por um lado, nosso amigo sentiu-se impelido por um senso de dever de visitar os doentes; ele foi movido com compaixão a fazê-lo, e assim um forte motivo foi apresentado à sua mente.

Por outro lado, seu julgamento o lembrava de que ele próprio não estava se sentindo bem, que precisava muito de um descanso, que se visitasse os doentes sua própria condição provavelmente pioraria e, nesse caso, seria impedido de comparecer a pregação do Evangelho naquela noite. Além disso, ele sabia que no dia seguinte, se Deus quisesse, poderia visitar os doentes, e assim sendo, concluiu que deveria descansar naquela tarde.

Aqui, então, dois conjuntos de alternativas foram apresentados ao nosso irmão cristão. De um lado estava um senso de dever mais sua própria simpatia, do outro lado estava um senso de sua própria necessidade mais uma preocupação real pela glória de Deus, pois ele sentia que ele deveria assistir à pregação do Evangelho naquela noite. Este último prevaleceu. As considerações espirituais superaram seu senso de dever. Tendo formado sua decisão, o testamento agiu de acordo e ele se retirou para descansar. Uma análise do caso acima

mostra que a mente ou faculdade de raciocínio foi dirigida por considerações espirituais, e a mente regulava e controlava a vontade. Por isso dizemos que, se a vontade é controlada, não é nem soberana nem livre, mas é serva da mente.

É somente quando vemos a verdadeira natureza da liberdade e notamos que a vontade está sujeita aos motivos que a exercem que somos capazes de discernir que não há conflito entre duas declarações da Sagrada Escritura que dizem respeito ao nosso bendito Senhor. Em Mateus 4:1 lemos: “A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo”; mas em Marcos 1:12,13 nos é dito: “E logo o Espírito o impeliu para o deserto, onde permaneceu quarenta dias, sendo tentado por Satanás”. É totalmente impossível harmonizar essas duas declarações pela concepção arminiana da vontade. Mas realmente não há dificuldade. Que Cristo foi “impelido” implica que foi por um motivo forçado ou por um impulso poderoso, tal que não deveria ser resistido ou recusado; que Ele foi “conduzido” denota Sua liberdade em ir. Colocando os dois juntos, aprendemos que Ele foi levado, com uma condescendência voluntária a isso. Assim, há a liberdade

da vontade do homem e a eficácia vitoriosa da graça de Deus unidas: Um pecador pode ser “atraído” e ainda assim “vir” a Cristo; o “atrair” apresentando-lhe o motivo irresistível, a “vinda” significando a resposta de sua vontade como Cristo foi “conduzido” pelo Espírito para o deserto.

A filosofia humana insiste que é a vontade que governa o homem, mas a Palavra de Deus ensina que é o coração que é o centro dominante de nosso ser. Muitas Escrituras podem ser citadas em comprovação disso. “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4:23). “Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios”, etc. (Mc 7:21). Aqui nosso Senhor rastreia esses atos pecaminosos de volta à sua fonte e declara que sua fonte é o “coração” e não a vontade! Novamente: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mt 15:8). Se mais provas fossem necessárias, poderíamos chamar a atenção para o fato de que a palavra “coração” é encontrada na Bíblia três vezes mais do que a palavra “vontade”, embora quase metade das referências a esta

última se refiram à vontade de Deus.

Quando afirmamos que é o coração e não a vontade que governa o homem, não estamos apenas lutando com palavras, mas insistindo em uma distinção que é de vital importância. Aqui está um indivíduo diante do qual duas alternativas são colocadas; qual ele vai escolher? Respondemos, aquela que é mais agradável para si mesmo, isto é, para o seu “coração”; o núcleo mais íntimo de seu ser? Diante do pecador é colocada uma vida de virtude e piedade, e uma vida de indulgência pecaminosa; qual ele vai seguir? Eu lhe digo que a última. Por quê? Porque essa é a escolha dele. Mas isso prova que a vontade é soberana? De jeito nenhum. Vá do efeito para a causa. Por que o pecador escolhe uma vida de indulgência pecaminosa? Porque ele prefere, apesar de todos os argumentos contrários e embora seja claro que ele não goste dos efeitos de tal procedimento. E por que ele prefere? Porque seu coração é pecaminoso.

As mesmas alternativas, da mesma maneira, confrontam o cristão, e ele escolhe e se esforça por uma vida de piedade e virtude. Por quê? Porque Deus lhe deu um novo coração e uma nova natureza. Por isso

dizemos que não é a vontade que torna o pecador impermeável a todos os apelos para abandonar o seu caminho, mas o seu coração corrupto e mau. Ele não virá a Cristo porque não quer, e não quer porque seu coração O odeia e ama o pecado (veja Jeremias 17:9).

Ao definir a vontade, dissemos acima, que “a vontade é a faculdade da escolha, a causa imediata de toda ação”. Dizemos a causa imediata, pois a vontade não é a causa primária de qualquer ação. Dizemos a causa imediata, pois a vontade não é a causa primária de qualquer ação mais do que a mão. Assim como a mão é controlada pelos músculos e nervos do braço, e o braço pelo cérebro; assim também a vontade é serva da mente, e a mente, por sua vez, é afetada por várias influências e motivos que são exercidos sobre ela. Mas, pode-se perguntar: “A Escritura não faz seu apelo à vontade do homem? Por acaso, não está escrito: ‘E quem quiser receba de graça a água da vida’ (Ap 22:17)? Além disso, o nosso Senhor não disse: “Não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5:40)? Nós respondemos que o apelo da Escritura nem sempre é feito somente à “vontade” do homem; mas outras de suas faculdades também são abordadas. Por exemplo: “Quem tem

ouvidos para ouvir, ouça”. “Ouve e tua alma viverá.” “Olhem para Mim e sejam salvos.” “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo.” “Venha agora e vamos raciocinar juntos”, “com o coração o homem crê para a justiça”, etc.

A S u j e i ç ã o d a V o n t a d e H u m a n a

Em qualquer tratado que se proponha a tratar da vontade humana, sua natureza e funções, deve-se conhecer a vontade em três homens diferentes, a saber; Adão não caído, o pecador e o Senhor Jesus Cristo. Em Adão não caído a vontade era livre, livre em ambas as direções, livre para o bem e livre para o mal. Adão foi criado em estado de inocência, mas não em estado de santidade, como tantas vezes se supõe e afirma. A vontade de Adão estava, portanto, em uma condição de equilíbrio moral; isto é, em Adão não havia nenhuma inclinação coercitiva para o bem ou para o mal e, como tal, Adão diferia radicalmente de todos os seus descendentes, bem como de Cristo Jesus.

Mas com o pecador é bem diferente. O pecador nasce com uma vontade que não está em condição de equilíbrio moral, porque nele há um coração que é

“enganoso, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto” (Jr 17:9), e isso lhe proporciona uma inclinação natural para o mal.

Assim, também, com o Senhor Jesus foi muito diferente. Ele também difere radicalmente de Adão não caído. O Senhor Jesus Cristo não podia pecar porque Ele era e é o Santo de Deus. Antes de nascer neste mundo, foi dito a Maria: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus.” (Lc 1:35). Falando com reverência, então dizemos que a vontade do Filho do Homem não estava em condição de equilíbrio moral, isto é, capaz de se voltar para o bem ou para o mal. A vontade do Senhor Jesus foi sempre inclinada para o que é bom porque, lado a lado com Sua humanidade perfeita, santa e sem pecado, estava Sua Deidade eterna.

Agora, em contraste com a vontade do Senhor Jesus que era inclinada para o bem, e a vontade de Adão que, antes de sua queda, estava em uma condição de equilíbrio moral, capaz de se voltar para o bem ou para o mal, a vontade do pecador é inclinada para o mal, e, portanto, é livre apenas em uma direção, a saber, na

direção do mal. A vontade do pecador é escravizada porque está em escravidão e é serva de um coração depravado.

Em que consiste a liberdade do pecador? Esta questão é naturalmente sugerida pelo que acabamos de dizer acima. O pecador é “livre” no sentido de não ser forçado a pecar. Deus nunca força o pecador a pecar. Mas o pecador não é livre para fazer o bem ou o mal porque um coração mau interiormente, está sempre inclinando para o pecado. Vamos ilustrar o que temos em mente. Tenho na mão um livro. Se eu o soltar; o que acontecerá? Ele cairá. Em que direção? Para baixo; sempre para baixo. Por quê? Porque, respondendo à lei da gravidade, seu próprio peso o afunda. Suponha que eu deseje que esse livro ocupe uma posição três pés acima; então o que fazer? Devo levantá-lo; um poder fora desse livro deve levantá-lo. Tal é o relacionamento que o homem caído mantém com Deus. Enquanto o poder divino o sustenta, ele é preservado de mergulhar ainda mais fundo no pecado. Mas caso esse poder seja retirado, ele cairá, pois seu próprio peso (o peso do pecado) o arrasta para baixo. Deus não o empurra para baixo mais do que eu faria caso eu soltasse o livro.

Se toda restrição divina fosse removida, todo homem se tornaria, um Caim, um Faraó, um Judas. Como então o pecador deve mover-se para o céu? Por um ato de sua própria vontade? Não! Um poder fora dele deve agarrá-lo e levantá-lo a cada centímetro do caminho. O pecador é livre, mas livre apenas em uma direção; livre para cair, livre para pecar. Tal verdade é expressa na Palavra: “Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça” (Rm 6:20). O pecador (não regenerado) é livre para fazer o que quiser, sempre como quiser (exceto quando for restringido por Deus), mas seu prazer vai continuar sendo pecar.

No parágrafo de abertura deste capítulo, insistimos que uma concepção adequada da natureza e função da vontade é de importância prática, ou melhor, que constitui um teste fundamental de ortodoxia teológica ou solidez doutrinária. Desejamos ampliar esta declaração e tentar demonstrar sua precisão. A liberdade ou escravidão da vontade era a linha divisória entre o “*agostinianismo*” e o pelagianismo, e em tempos mais recentes entre o calvinismo e o arminianismo. Reduzido a termos simples, isso significa que a

diferença envolvida era a afirmação ou negação da depravação total do homem. Tomando a afirmativa, consideraremos agora...

*A Impotência da Vontade
Humana*

Está dentro do âmbito da vontade do homem aceitar ou rejeitar o Senhor Jesus Cristo como Salvador? Admitindo que o Evangelho seja pregado ao pecador, que o Espírito Santo o convença de sua condição perdida, será que, em última análise, Ele, dentro do poder de sua própria vontade, resiste ou se entrega a Deus? A resposta a esta pergunta define nossa concepção de depravação humana. Que o homem é uma criatura caída, todos os cristãos professos admitirão, mas o que muitos deles querem dizer com “caído” é muitas vezes difícil de determinar. A impressão geral das pessoas parece ser que o homem é mortal, está sujeito a doenças, herda tendências más; mas, se ele empregar seus poderes com o melhor de sua habilidade de alguma forma, ele finalmente será feliz. Oh, quão longe da triste verdade! Enfermidades, doenças, até mesmo a morte corporal, são apenas

ninharias em comparação com os efeitos morais e espirituais da Queda! É somente consultando as Sagradas Escrituras que podemos obter alguma concepção da extensão dessa terrível calamidade.

Quando dizemos que o homem é totalmente depravado, queremos dizer que a entrada do pecado na constituição humana afetou cada parte e faculdade do ser do homem. A depravação total significa que o homem é, em espírito, alma e corpo, escravo do pecado e cativo do diabo andando “segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (Ef 2:2). Essa afirmação não precisa ser discutida, pois é um fato comum da experiência humana.

O homem é incapaz de realizar suas próprias aspirações e materializar seus próprios ideais. Ele não pode fazer as coisas que ele acha que poderia. Há uma incapacidade moral que o paralisa. Esta é uma prova positiva de que ele não é um homem livre, mas sim um escravo do pecado e de Satanás. “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejo” (Jo 8:44).

O pecado é mais do que um ato ou uma série de atos; é um estado ou condição. É o que está por trás e é

o que produz os atos. O pecado penetrou e permeou toda a constituição do homem. Cegou o entendimento, corrompeu o coração e afastou a mente de Deus. E a vontade não escapou. A vontade está sob o domínio do pecado e de Satanás. Portanto, a vontade não é livre. Em suma, as afeições amam como amam e a vontade escolhe como o escolhe por causa do estado do coração, e porque o coração é enganoso acima de todas as coisas e desesperadamente perverso “ Não há quem busque a Deus” (Rm 3:11).

Repetimos nossa pergunta: Está dentro do poder da vontade do pecador entregar-se a Deus? Vamos tentar uma resposta fazendo outras perguntas: A água (por si mesma) pode subir acima de seu próprio nível? Uma coisa limpa pode sair de uma impura? A vontade pode reverter toda a tendência e tensão da natureza humana? O que está sob o domínio do pecado pode originar o que é puro e santo? É claro que não. Se alguma vez a vontade de uma criatura caída e depravada é mover-se em direção a Deus, um poder divino deve ser exercido sobre ela, o qual vencerá as influências do pecado que puxam em uma direção contrária. Esta é apenas outra maneira de dizer: “Ninguém pode vir a mim se o Pai,

que me enviou, não o trouxe” (Jo 6:44).

Em outras palavras, o povo de Deus deve se tornar disposto pelo poder de Deus (Sl 110:3). Como disse o *Sr. Darby*: “Se Cristo veio para salvar o que está perdido, o livre-arbítrio não tem lugar. Não que Deus impeça homens de receber Cristo. Longe disso. Mas mesmo quando Deus usa todos os incentivos possíveis, tudo o que é capaz de exercer influência no coração do homem, serve apenas para mostrar que o homem, ainda assim, não buscará as coisas de Deus. É para demonstrar que o coração do homem é tão corrupto, que nada pode induzi-lo a receber o Senhor e desistir do pecado. Se pelas palavras ‘liberdade do homem’ eles querem dizer que ninguém o obriga a rejeitar o Senhor, essa liberdade existe plenamente. Mas se for dito que, por causa do domínio do pecado, do qual ele é escravo, e que voluntariamente, ele não pode escapar de sua condição e escolher o bem, mesmo reconhecendo-o como bom e aprovando, então ele não tem liberdade alguma. Ele não está sujeito à lei, nem de fato pode estar; portanto, aqueles que estão na carne não podem agradar a Deus”.

A vontade não é soberana; é uma serva porque é influenciada e controlada pelas outras faculdades do ser

do homem. O pecador não é um agente livre porque ele é um escravo do pecado. Tal verdade foi claramente implícita nas palavras de nosso Senhor: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8:36). O homem é um ser racional e como tal, ele é responsável perante Deus. Mas afirmar que ele é um agente moral livre é negar que ele é totalmente depravado, isto é, depravado em vontade como em tudo mais. Porque a vontade do homem é governada por sua mente e coração, e porque estes foram viciados e corrompidos pelo pecado, segue-se que se algum dia o homem deva voltar ou mover-se na direção de Deus, o próprio Deus deve operar nele “tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13).

A liberdade imaginada pelos homens é, na verdade, a escravidão da corrupção; pois ele serve a diversas concupiscências e prazeres. Disse um servo de Deus profundamente ensinado: “O homem é impotente quanto à sua vontade. Ele não tem vontade favorável a Deus. *Eu acredito no livre-arbítrio; quando entende-se que é uma vontade apenas livre para agir de acordo com a natureza.* Uma pomba não tem vontade de comer carniça; um corvo não tem vontade de comer o alimento puro da

pomba. Coloque a natureza da pomba no corvo e ele comerá a comida da pomba. Satanás não poderia ter vontade de santidade e afirmamos com reverência, que Deus não poderia ter vontade para o mal. O pecador em sua natureza pecaminosa nunca pode ter uma vontade de acordo com Deus. Para isso ele deve nascer de novo” (*J. Denham Smith*). A vontade é regulada pela natureza.

Entre os “decretos” do Concílio de Trento (1563), que é o padrão declarado do papado, encontramos o seguinte:

“814. Cân. 4. Se alguém disser que o livre arbítrio do homem, movido e excitado por Deus, em nada coopera para se preparar e se dispor a receber a graça da justificação — posto que ele consinta em que Deus o excite e o chame — e que ele não pode discordar, mesmo se quiser, mas se porta como uma coisa inanimada, perfeitamente inativa e meramente passiva — seja excomungado [cfr. n° 797]”.

“815. Cân. 5. Se alguém disser que o livre arbítrio do homem, depois do pecado de Adão, se perdeu, ou se extinguiu, ou que é coisa só de título, ou antes, título sem realidade, e enfim, uma ficção introduzida na Igreja por Satanás — seja excomungado [cfr. n° 793 e 797]”.

Assim, aqueles que hoje insistem no livre-arbítrio do homem natural acreditam precisamente no que Roma ensina! Que católicos romanos e arminianos andam de mãos dadas pode ser visto em outros decretos emitidos pelo Concílio de Trento: “Cân. 15. Se alguém disser que o homem renascido e justificado está obrigado pela fé a crer que certamente é do número dos predestinados — seja excomungado [cfr. n° 805]”.

Para que qualquer pecador fosse salvo, três coisas eram indispensáveis: Deus o Pai teve que propor sua salvação, Deus o Filho teve que comprá-la, Deus o Espírito teve que aplicá-la. Deus faz mais do que “propor” a nós. Se Ele apenas “convidasse”, cada um de nós estaria perdido.

Isso é notavelmente ilustrado no Antigo Testamento. Em Esdras 1:1-3 lemos: “No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias, despertou o Senhor o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém de

Judá. Quem dentre vós é, de todo o seu povo, seja seu Deus com ele, e suba a Jerusalém de Judá e edifique a Casa do Senhor, Deus de Israel”.

Aqui foi feita uma oferta, feita a um povo em cativeiro, dando-lhes a oportunidade de sair e retornar a Jerusalém, a morada de Deus. Todo o Israel respondeu avidamente a esta oferta? Não! A grande maioria se contentava em permanecer na terra do inimigo. Apenas um remanescente insignificante aproveitou esta abertura de misericórdia! E por que eles fizeram? Ouça a resposta das Escrituras: “Então, se levantaram os cabeças das famílias de Judá e de Benjamim, e os sacerdotes, e os levitas, com todos aqueles cujo espírito Deus despertou, para subirem a edificar a Casa do Senhor , a qual está em Jerusalém” (Es 1:5)! Da mesma maneira, Deus “desperta” os espíritos de Seus eleitos quando o chamado eficaz chega a eles, e somente a partir desse momento, eles têm disposição para responder à proclamação divina.

O trabalho superficial de muitos dos evangelistas profissionais dos últimos cinquenta anos é em grande parte responsável pelas visões errôneas agora correntes sobre a escravidão do homem natural, encorajados pela

preguiça dos que estão no banco em seu fracasso em “julgai todas as coisas” (1 Ts 5:21). O púlpito evangélico transmite a impressão de que está inteiramente no poder do pecador se ele será ou não salvo. Diz-se que “Deus fez a sua parte, agora o homem deve fazer a sua”. O homem sem vida nada pode fazer, pois por natureza está morto em delitos e pecados (Ef 2:1)! Se isso fosse realmente crido, haveria mais dependência do Espírito Santo para entrar com Seu poder de operar milagres e haveria menos confiança em nossas tentativas de “ganhar homens para Cristo”.

Ao abordar os não salvos, os pregadores muitas vezes fazem uma analogia entre o envio do Evangelho por Deus ao pecador e um homem doente na cama com algum remédio curativo em uma mesa ao lado do doente. Tudo o que ele precisa fazer é estender a mão e pegá-lo. Mas para que esta ilustração seja de alguma forma fiel à imagem que as Escrituras nos dão do pecador caído e depravado, o homem doente na cama deve ser descrito como alguém que é cego (Ef 4:18) pois ele não pode ver o remédio, têm sua mão paralisada (Rm 5:6) de modo que ele é incapaz de alcançá-lo, e tem um coração desprovido de toda confiança no remédio,

contudo cheio de ódio contra o próprio médico (Jo 15:18). Oh, que visões superficiais da situação desesperada do homem são agora nutridas! Cristo veio aqui não para ajudar aqueles que estavam dispostos a ajudar a si mesmos, mas para fazer pelo Seu povo o que eles eram incapazes de fazer por si mesmos: “Para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas” (Is 42:7).

Agora, em conclusão, vamos antecipar e descartar a objeção usual e inevitável: “Por que pregar o Evangelho se o homem é impotente para responder? Por que o pecador veio a Cristo se o pecado o escravizou tanto que ele não tem poder em si mesmo para vir”? Respondemos da seguinte maneira: “Não pregamos o Evangelho porque acreditamos que os homens são agentes morais livres e, portanto, capazes de receber a Cristo, mas o pregamos porque somos ordenados a fazê-lo (Mc 16:15); e embora para os que perecem seja loucura ainda, ‘para nós, que somos salvos, poder de Deus’ (1 Co 1:18). ‘Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens’ (1 Co 1:25). O pecador está morto em delitos e pecados (Ef 2:1), e um homem morto é

totalmente incapaz de desejar qualquer coisa, por isso é que ‘os que estão na carne (os não regenerados) não podem agradar a Deus’” (Rm 8:8).

Para a sabedoria carnal, parece o cúmulo da loucura pregar o Evangelho àqueles que estão mortos, pois está além do alcance deles fazer qualquer coisa por si mesmos. Sim, mas os caminhos de Deus são diferentes dos nossos. Agradou a Deus “salvar os que creem pela loucura da pregação” (1 Co 1:21). O homem pode considerar tolice profetizar a “ossos mortos” e dizer-lhes: “Ossos secos, ouvi a palavra do SENHOR” (Ez 37:4). Ah! Mas a Palavra do Senhor, e as palavras que Ele fala são “espírito e são vida” (Jo 6:63).

Sábios ao lado da sepultura de Lázaro podem declarar que é uma evidência de insanidade quando o Senhor se dirige a um homem morto com as palavras: “Lázaro, vem para fora” (Jo 11:43). Ah! Mas Aquele que assim falou foi e é Ele mesmo a Ressurreição e a Vida, e por Sua palavra até os mortos vivem! Nós saímos para pregar o Evangelho, então, não porque cremos que os pecadores têm dentro de si o poder de receber o Salvador, mas porque o próprio Evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, e porque

sabemos que “todos os que haviam sido destinados para a vida eterna” (At 13:48), crerão.

O que apresentamos neste capítulo não é produto do “pensamento moderno”. Não, de fato, está em desacordo direto com ele. São aqueles das últimas gerações que se afastaram tanto dos ensinamentos de seus pais instruídos nas Escrituras. Nos trinta e nove artigos da Igreja da Inglaterra, lemos: “A condição do Homem depois da queda de Adão é tal que ele não pode converter-se e preparar-se a si mesmo, por sua própria força natural e boas obras, para a fé e invocação a Deus. Portanto, não temos o poder de fazer boas obras agradáveis e aceitáveis a Deus, sem que a graça Divina provida à nos por Cristo nos preceda, para que tenhamos boa vontade, e coopere conosco enquanto temos essa boa vontade” (artigo 10).

No Catecismo de Fé de Westminster (adotado pelos presbiterianos) lemos: “A condição do Homem depois da queda de Adão é tal que ele não pode converter-se e preparar-se a si mesmo, por sua própria força natural e boas obras, para a fé e invocação a Deus. Portanto, não temos o poder de fazer boas obras agradáveis e aceitáveis a Deus, sem que a graça Divina provida à nos

LEGADO REFORMADO

por Cristo nos preceda, para que tenhamos boa vontade, e coopere conosco enquanto temos essa boa vontade” (Resposta à pergunta 25).



A Soberania de Deus e a Responsabilidade Humana

“Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus” (Rm 14:12).

Em nosso último capítulo, consideramos com alguma extensão a tão debatida e difícil questão da vontade humana. Mostramos que a vontade do homem natural não é soberana nem livre, mas sim serva e escrava. Temos argumentado que uma concepção correta da vontade do pecador, sua servidão, é essencial

para uma estimativa justa de sua depravação e ruína. A total corrupção e degradação da natureza humana é algo que o homem odeia reconhecer, e que ele negará ardente e insistentemente até que seja “ensinado por Deus”.

Muito, muito, da doutrina doentia que agora ouvimos por todos os lados é o resultado direto e lógico do repúdio do homem à estimativa expressa de Deus da depravação humana. Os homens estão alegando que estão “aumentados de bens, e de nada precisam”, e não sabem que são miseráveis e pobres, e cegos, e nus (Ap 3:17). Eles tagarelam sobre a “Ascensão do Homem” e negam sua Queda. Eles trocam as trevas pela luz e a luz pelas trevas. Eles se gabam do livre arbítrio moral do homem quando, de fato, ele está escravizado pelo pecado e escravizado por Satanás. Levado cativo por ele por sua vontade (2 Tm 2:26). Mas se o homem natural não é um agente moral livre, segue-se também que ele não é responsável?

O “livre arbítrio moral” é uma expressão da invenção humana e, como dissemos antes, falar da liberdade do homem natural é repudiar categoricamente sua ruína espiritual. Em nenhum lugar

a Escritura fala da liberdade ou capacidade moral do pecador, mas pelo contrário, insiste em sua incapacidade moral e espiritual. Este é, reconhecidamente, o ramo mais difícil de nosso assunto. Aqueles que já dedicaram muito estudo a este tema reconheceram uniformemente que a harmonização da soberania de Deus com a responsabilidade do homem é o nó górdio da teologia.

A principal dificuldade encontrada é definir a relação entre a soberania de Deus e a responsabilidade do homem. Muitos eliminaram sumariamente a dificuldade negando sua existência. Uma certa classe de teólogos, em sua ansiedade de manter a responsabilidade do homem, a engrandeceu além de todas as devidas proporções até que a soberania de Deus foi perdida de vista e, em não poucos casos, categoricamente negada.

Outros reconheceram que as Escrituras apresentam tanto a soberania de Deus quanto a responsabilidade do homem, mas afirmam que em nossa presente condição finita e com nosso conhecimento limitado é impossível reconciliar as duas verdades, embora seja dever do crente receber ambas. O presente escritor acredita que

foi muito prontamente assumido que as próprias Escrituras não revelam os vários pontos que mostram a conciliação da soberania de Deus e da responsabilidade do homem. Embora talvez a Palavra de Deus não esclareça todo o mistério (e isso é dito com reserva), ela lança muita luz sobre o problema, e parece-nos mais honroso para Deus e Sua Palavra pesquisar em oração as Escrituras para o solução mais completa da dificuldade, e embora outros tenham procurado em vão até agora, isso só deveria nos levar cada vez mais a nos colocarmos de joelhos. Deus se agradou de revelar muitas coisas de Sua Palavra durante o último século que estavam escondidas de estudantes anteriores. Quem se atreve a afirmar que ainda não há muito a aprender a respeito de nossa investigação?

Como dissemos acima, nossa principal dificuldade é determinar o ponto de encontro da Soberania de Deus e da responsabilidade do homem. Para muitos tem parecido que para Deus afirmar Sua Soberania, para Ele estender Seu poder e exercer uma influência direta sobre o homem, para Ele fazer qualquer coisa além de advertir ou convidar, seria interferir na liberdade do homem, destruir sua responsabilidade e reduzi-lo a

uma máquina. É realmente triste encontrar um como o falecido *Dr. Pierson*, cujos escritos são geralmente tão bíblicos e úteis, dizendo: “É um pensamento tremendo que mesmo o próprio Deus não pode controlar minha estrutura moral ou restringir minha escolha moral. Ele não pode me impedir de desafiá-lo e negá-lo, e não exerceria Seu poder em tais direções se pudesse, e não poderia se quisesse”. É ainda mais triste descobrir que muitos outros irmãos respeitados e amados estão expressando os mesmos sentimentos.

Triste, porque tais afirmações estão diretamente em desacordo com as Sagradas Escrituras. É nosso desejo enfrentar honestamente as dificuldades envolvidas e examiná-las cuidadosamente sob a luz que Deus se agradou de nos conceder. As principais dificuldades podem ser expressas assim:

Primeiro, como é possível que Deus traga Seu poder sobre os homens para que eles sejam impedidos de fazer o que desejam fazer e impelidos a fazer outras coisas que não desejam fazer, e ainda preservar sua responsabilidade?

Segundo, como o pecador pode ser responsabilizado por fazer o que ele é incapaz de fazer?

E como ele pode ser justamente condenado por não fazer o que não podia fazer?

Terceiro, como é possível para Deus decretar que os homens cometam certos pecados, responsabilizá-los por cometê-los e julgá-los culpados porque os cometeram?

Quarto, como o pecador pode ser considerado responsável por receber a Cristo e ser condenado por rejeitá-lo, quando Deus o preordenou sua condenação?

Vamos agora lidar com esses vários problemas na ordem acima. Que o próprio Espírito Santo seja nosso Mestre para que em Sua luz possamos ver a luz.

Como é possível que Deus traga Seu poder sobre os homens de tal maneira que eles sejam IMPEDIDOS de fazer o que desejam fazer e IMPULSIONADOS a fazer outras coisas que não desejam fazer, e ainda assim preservar sua responsabilidade?

Parece que se Deus estendesse Seu poder e exercesse uma influência direta sobre os homens, a liberdade deles seria interferida. Parece que se Deus fizesse algo mais do que advertir e convidar os homens, a responsabilidade deles seria infringida. Dizem-nos

que Deus não deve coagir o homem, muito menos compeli-lo, ou então ele seria reduzido a uma máquina. Isso soa muito plausível; parece ser uma boa filosofia e baseada em raciocínio sólido. Tal afirmação foi quase universalmente aceita como um axioma da ética; no entanto, tal pensamento é refutado pelas Escrituras!

Vamos nos voltar primeiro para Gênesis 20:6: “Respondeu-lhe Deus em sonho: Bem sei que com sinceridade de coração fizeste isso; daí o ter impedido eu de pecares contra mim e não te permiti que a tocasses”. Argumenta-se, quase universalmente, que Deus não deve interferir na liberdade do homem, que ele não deve coagi-lo ou compeli-lo, para que não seja reduzido a uma máquina. Mas a Escritura acima prova inequivocamente que não é impossível para Deus exercer Seu poder sobre o homem sem destruir sua responsabilidade. Aqui está um caso em que Deus exerceu Seu poder, restringiu a liberdade do homem e o impediu de fazer o que de outra forma teria feito.

Antes de nos afastarmos dessa Escritura, observemos como ela esclarece o caso do primeiro homem. Pretensos filósofos que buscaram ser sábios acima do que foi escrito argumentaram que Deus não

poderia ter evitado a queda de Adão sem reduzi-lo a um mero robô. Eles nos dizem, constantemente, que Deus não deve coagir ou compelir Suas criaturas, caso contrário, Ele destruiria sua responsabilidade. Mas a resposta a todas essas filosofias é que as Escrituras registram vários casos em que nos é expressamente dito que Deus impediu algumas de Suas criaturas de pecar contra Ele mesmo e contra Seu povo, em vista do que todos os raciocínios dos homens são totalmente inúteis.

Se Deus pôde “reter” Abimeleque de pecar contra Ele, então por que Ele não pôde fazer o mesmo com Adão? Alguém deveria perguntar: “Então, por que Deus não fez isso?” Podemos retornar à pergunta perguntando: “Por que Deus não ‘reteve’ Satanás de cair? Ou, por que Deus não ‘reteve’ o *Kaiser* de iniciar a guerra?” A resposta usual obtida é, como dissemos, Deus não poderia sem interferir na “liberdade” do homem e reduzi-lo a uma máquina. Mas o caso de Abimeleque prova conclusivamente que tal resposta é insustentável e errônea!

Como ousa qualquer criatura finita assumir a responsabilidade de dizer o que o Todo-Poderoso pode e não pode fazer? Se formos pressionados sobre porque

Deus se recusou a exercer Seu poder e impedir a queda de Adão, devemos dizer: “Porque a queda de Adão serviu melhor ao Seu próprio sábio e abençoado propósito, e que entre outras coisas, proporcionou uma oportunidade para demonstrar que onde o pecado havia abundado graça poderia abundar ainda mais.

Mas podemos perguntar: “Por que Deus colocou no jardim a árvore do conhecimento do bem e do mal quando Ele previu que o homem iria desobedecer a Sua proibição e comer dela; pois, foi Deus e não Satanás quem fez aquela árvore”. Alguém poderia responder: “Então Deus é o Autor do Pecado”? Teríamos que perguntar, por sua vez, o que se entende por “Autor”? Claramente, era a vontade de Deus que o pecado entrasse neste mundo, caso contrário não teria entrado, pois nada acontece a não ser conforme o decreto eterno de Deus. Além disso, deve haver mais do que uma simples permissão, pois Deus só permite aquilo que Ele propõe.

O caso de Abimeleque não é isolado. Outra ilustração do mesmo princípio é vista na história de Balaão, já observada no último capítulo, mas sobre a qual uma palavra adicional deve ser falada. Balaque, o

moabita, mandou chamar este profeta pagão para “amaldiçoar” Israel. Uma bela recompensa foi oferecida por seus serviços, e uma leitura cuidadosa de Números 22-24 mostrará que Balaão estava disposto, sim, ansioso, a aceitar a oferta de Balaque e assim pecar contra Deus e Seu povo. Mas o poder divino o reteve. Preste atenção as suas próprias palavras: “Respondeu Balaão a Balaque: Eis-me perante ti; acaso, poderei eu, agora, falar alguma coisa? A palavra que Deus puser na minha boca, essa falarei” (Nm 22:38). Novamente, depois de Balaque ter reclamado com Balaão, lemos: “Mas ele respondeu: Porventura, não terei cuidado de falar o que o Senhor pôs na minha boca? Ele abençoou, não o posso revogar” (23:12,20). Certamente esses versículos nos mostram o poder de Deus e a impotência de Balaão, nos mostram a vontade do homem frustrada e a vontade de Deus realizada. Mas a “liberdade” ou responsabilidade de Balaão foi destruída? Certamente não, como ainda procuraremos mostrar.

Agora irei apresentar mais uma ilustração: “Veio o terror do Senhor sobre todos os reinos das terras que estavam ao redor de Judá, de maneira que não fizeram guerra contra Josafá” (2 Cr 17:10). A implicação aqui é

clara. Se o “terror do Senhor” não tivesse caído sobre esses reinos, eles teriam feito guerra contra Judá. Somente o poder restritivo de Deus os impediu. Se a própria vontade dos homens tivesse sido autorizada, “guerra” teria sido a consequência. Assim, vemos que as Escrituras ensinam que Deus “retém” nações, bem como indivíduos, e que quando Lhe agrada fazê-lo, Ele interpõe e impede a guerra. (Leia Gênesis 35:50).

A questão que agora exige nossa consideração é: Como é possível que Deus “retenha” os homens de pecar sem interferir em sua liberdade e responsabilidade? Tal questão, muitos dizem ser incapaz de solução em nossa presente condição finita. Essa pergunta nos leva a perguntar: “Em que consiste a ‘liberdade moral’, a verdadeira liberdade moral”? Nós respondemos, que a verdadeira liberdade moral só é possível para aquele que é liberto da escravidão do pecado. Quanto mais qualquer alma é emancipada da escravidão do pecado, mais ela entra em um estado de liberdade. “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8:36). Nos exemplos acima, Deus “reteve” Abimeleque, Balaão e os reinos pagãos de pecar, e, portanto, afirmamos que Ele não

interferiu de forma alguma com sua real liberdade.

Quanto mais uma alma se aproxima da impecabilidade, mais ela se aproxima da santidade de Deus. As Escrituras nos dizem que Deus “não pode mentir” e que Ele “não pode ser tentado”, mas Ele é menos livre porque não pode fazer o que é mau? Certamente não. Então não é evidente que quanto mais o homem é elevado a Deus, e quanto mais ele é “retido” de pecar, maior é sua verdadeira liberdade!

Um exemplo pertinente que estabelece o ponto de encontro da Soberania de Deus e da responsabilidade do homem, no que se refere à questão da liberdade moral, é encontrado em relação à entrega das Sagradas Escrituras. Na comunicação de Sua Palavra, Deus se agradou de empregar instrumentos humanos, e ao usá-los Ele não os reduziu a meros robôs mecânicos. Nos é dito que: “Sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1:20,21). Aqui temos a responsabilidade do homem e a Soberania de Deus colocadas em justaposição. Esses

homens santos foram “movidos” (grego: “levados”) pelo Espírito Santo, mas sua responsabilidade moral e sua liberdade não foram perturbadas ou prejudicadas. Deus iluminou suas mentes, acendeu seus corações, revelou-lhes Sua verdade, e os controlou de tal maneira que o erro de sua parte foi, por Ele, tornado impossível, ao comunicar Sua mente e vontade aos homens.

Mas o que poderia ter causado erro, caso Deus não tivesse os controlado? A resposta é o PECADO. O pecado que estava neles. Mas, como vimos, a contenção do pecado, a prevenção do exercício da mente carnal nesses “homens santos” não era uma destruição de sua “liberdade”, mas sim a indução deles à uma liberdade real.

Uma palavra final deve ser acrescentada aqui sobre a natureza da verdadeira liberdade. Há três coisas principais sobre as quais os homens em geral erram muito: Miséria e felicidade, loucura e sabedoria, escravidão e liberdade. O mundo não considera miseráveis senão os aflitos, e nenhum feliz senão os prósperos, porque julgam pela facilidade presente da carne. Novamente; o mundo se agrada com uma falsa demonstração de sabedoria (que é “loucura” para Deus),

negligenciando aquilo que torna sábio para a salvação. Quanto à liberdade, os homens desejam viver como bem entendem. Eles supõem que a única liberdade verdadeira é não estar sob o comando e sob o controle de ninguém acima de si mesmos, mas sim, viver de acordo com o desejo de seu coração.

Mas esta é uma escravidão e é uma escravidão da pior espécie. A verdadeira liberdade não é o poder de viver como queremos, mas viver como devemos! Portanto, o único que já pisou nesta terra desde a queda de Adão que desfrutou de perfeita liberdade foi o Homem Cristo Jesus, o Santo Servo de Deus, cujo alimento, sempre foi fazer a vontade do Pai.

Como o pecador pode ser responsabilizado POR ter que fazer o que ele NÃO PODE fazer? E como ele pode ser justamente condenado por NÃO PODER FAZER o que NÃO PODERIA fazer?

Como criatura, o homem natural é responsável por amar, obedecer e servir a Deus; como pecador, ele é responsável por se arrepender e crer no Evangelho. Mas logo de início somos confrontados com o fato de que o homem natural é incapaz de amar e servir a Deus, e que

o pecador, por si mesmo, não pode se arrepender e crer. Primeiro, vamos provar o que acabamos de dizer. Começamos citando e considerando João 6:44: “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer”. O coração do homem natural (todo homem) é tão desesperadamente ímpio que, se for deixado a si mesmo, nunca virá a Cristo. Esta afirmação não seria questionada se a plena força das palavras “vir a mim” fosse apropriadamente apreendida. Devemos, portanto, divagar um pouco neste ponto para definir e considerar o que está implícito e envolvido nas palavras “Ninguém pode vir a mim” - cf. João 5:40: “Não quereis vir a mim para terdes vida”.

Para o pecador vir a Cristo, para que ele possa ter vida, é para ele perceber o terrível perigo de sua situação; é para ele ver que a espada da justiça divina está suspensa sobre sua cabeça; é despertar para o fato de que há apenas um passo entre ele e a morte, e que depois da morte vem o “julgamento”; e, em consequência dessa descoberta, ele se torna realmente empenhado em escapar, e com tanta seriedade para fugir da ira vindoura, ele clama a Deus por misericórdia e agoniza para entrar pela “porta estreita”.

Vir a Cristo para a vida é para o pecador sentir e reconhecer que ele é totalmente destituído de qualquer reivindicação sobre o favor de Deus; é ver-se sem forças, perdido e desfeito; é admitir que ele não merece nada além da morte eterna, tomando assim o lado de Deus contra si mesmo; cabe a ele se lançar no pó diante de Deus e humildemente pedir misericórdia divina.

Vir a Cristo para a vida é para o pecador abandonar sua própria justiça e estar pronto para ser feito justiça de Deus em Cristo; é negar sua própria sabedoria e ser guiado pela sabedoria de Deus; é repudiar sua própria vontade e ser governado pela d'Ele; é receber sem reservas o Senhor Jesus como seu Senhor e Salvador, como seu Tudo em todos.

Tal, em parte e em resumo, é o que está implícito e envolvido em “vir a Cristo”. Mas o pecador está disposto a tomar tal atitude diante de Deus? Não; pois, em primeiro lugar, ele não percebe o perigo de sua situação e, em consequência, não se torna realmente preocupado; em vez disso, os homens estão na maior parte à vontade e, à parte das operações do Espírito Santo, sempre que são perturbados pelos alarmes da consciência ou pelas dispensações da providência, eles

fogem para qualquer outro refúgio que não seja Cristo.

Em segundo lugar, eles não reconhecerão que todas as suas justiças são como trapos de imundícia, mas, como o fariseu, agradecerão a Deus por não serem como os outros, os “publicanos”.

E em terceiro lugar, eles não estão prontos para receber a Cristo como seu Senhor e Salvador, pois não estão dispostos a se separar de seus ídolos; eles preferiram arriscar o bem-estar eterno de suas almas do que abandoná-los. Por isso dizemos que, entregue a si mesmo, o homem natural é tão depravado de coração que não pode vir a Cristo.

As palavras de nosso Senhor citadas acima não estão sozinhas. Um grande número de Escrituras apresenta a incapacidade moral e espiritual do homem natural. Em Josué 24:19 lemos: “Então, Josué disse ao povo: Não podereis servir ao SENHOR, porquanto é Deus santo”. Aos fariseus, Cristo disse: “Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem? É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra” (Jo 8:43). E Paulo nos diz: “O pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem

agradar a Deus” (Rm 8:7,8).

Mas agora a pergunta retorna: “Como Deus pode responsabilizar o pecador por deixar de fazer o que ele é incapaz de fazer”? Isso exige uma definição cuidadosa dos termos. Devemos entender o que significa “incapaz” e “não pode”.

Agora, quero que fique bem entendido que quando falamos da incapacidade do pecador, não queremos dizer que, se os homens desejassem vir a Cristo, faltaria-lhes o poder necessário para realizar seu desejo. Não; o fato é que a própria incapacidade ou ausência de poder do pecador se deve à falta de disposição de vir a Cristo, e essa falta de disposição é fruto de um coração depravado.

É de extrema importância distinguir entre incapacidade natural e incapacidade moral e espiritual. Por exemplo, lemos: “Aías já não podia ver, porque os seus olhos já se tinham escurecido, por causa da sua velhice” (1 Rs 14:4). Também lemos no livro de Jonas: “Os homens remavam, esforçando-se por alcançar a terra, mas não podiam, porquanto o mar se ia tornando cada vez mais tempestuoso contra eles” (Jn 1:13). Em ambas as passagens as palavras “não podia” referem-se

à incapacidade natural. Mas quando lemos: “Vendo, pois, seus irmãos que o pai o amava mais que a todos os outros filhos, odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente” (Gn 37:4), é claramente a incapacidade moral que está em vista. Não lhes faltava a capacidade natural de “falar pacificamente” porque eles não eram mudos. Por que, então, eles “não lhe podiam falar pacificamente”? A resposta é porque eles O odiavam.

Em 2 Pedro 2:14 lemos sobre uma certa classe de homens ímpios “tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado”. Aqui, novamente, é a incapacidade moral que está em vista. Por que esses homens não podem deixar de pecar? A resposta é: Porque seus olhos estavam cheios de adultério. Também nos é dito em Romanos 8:8: “Os que estão na carne não podem agradar a Deus”. Nesse versículo também está claro que se refere a incapacidade espiritual. Por que o homem natural “não pode agradar a Deus”? Porque ele está “alheio da vida de Deus” (Ef 4:18). Nenhum homem pode escolher aquilo de que seu coração é avesso. “Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus?” (Mt 12:34). “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer” (Jo 6:44).

Aqui, novamente, é a incapacidade moral e espiritual que está diante de nós. Por que o pecador não pode vir a Cristo a menos que seja “atraído”? A resposta é: Porque seu coração perverso ama o pecado e odeia a Cristo.

Acreditamos que deixamos claro que as Escrituras distinguem claramente entre incapacidade natural e incapacidade moral e espiritual. Certamente todos podem ver a diferença entre a cegueira de Bartimeu, que desejava ardentemente receber sua visão, e os fariseus, cujos olhos estavam fechados para que não vissem com os olhos, e ouvissem com os ouvidos, e entendessem com o coração, e se convertessem (Mt 13:15). Mas se for dito: “O homem natural poderia vir a Cristo se assim o desejasse”; respondemos: Ah! Mas nesse SE está a chave de toda a questão. A incapacidade do pecador consiste na falta de poder moral para desejar e querer para realmente realizar.

O que defendemos acima é de extrema importância. Sobre a distinção entre a incapacidade natural do pecador e sua incapacidade moral e espiritual repousa sua responsabilidade. A depravação do coração humano não destrói a responsabilidade do homem para com Deus; longe de ser esse o caso, a própria

incapacidade moral do pecador serve apenas para aumentar sua culpa. Isso é facilmente comprovado por uma referência às Escrituras citadas acima. Lemos que os irmãos de José “não podiam falar com ele pacificamente”. O por que disso? Era porque eles o “odiavam”. Mas essa incapacidade moral deles era uma desculpa? Certamente não. Nessa mesma incapacidade moral consistia a grandeza de seu pecado. E por que nos é dito que: Eles não podem deixar de pecar (2 Pe 2:14)? Porque seus olhos estavam cheios de adultério. Mas tal afirmação só piorou o caso deles. Era um fato real que eles não podiam deixar de pecar, mas isso não os desculpava, apenas tornava seu pecado ainda maior.

Se algum pecador aqui objetar que: “Não posso deixar de ter nascido neste mundo com um coração depravado e, portanto, não sou responsável por minha incapacidade moral e espiritual que advém dele”; a resposta seria: “Deus não força ninguém a pecar”. Os homens poderiam ter pena de mim, mas certamente não me desculpariam se eu desse vazão a um temperamento impetuoso e depois procurasse me atenuar por ter herdado esse temperamento de meus pais. Seu próprio bom senso é suficiente para orientar

seu julgamento em um caso como este. Eles argumentariam que eu era responsável por conter meu temperamento. Por que então criticar esse mesmo princípio no caso suposto acima? “Servo mau, por tua própria boca te condenarei” (Lc 19:22), certamente se aplica a todos!

O que o leitor diria a um homem que o roubou e que mais tarde argumentou em defesa: “Não posso deixar de ser um ladrão, essa é a minha natureza”? Certamente a resposta seria: “Então a penitenciária é o lugar apropriado para você”? O que então deve ser dito para aquele que argumenta que ele não pode deixar de seguir a inclinação de seu coração pecaminoso? Certamente, deve ser dito que o Lago de Fogo é onde tal pessoa deve ir. Se alguma vez, algum assassino, alegasse que odiava tanto sua vítima que não podia chegar perto dela sem matá-la, eu lhes afirmo que isso apenas serviria para aumentar a depravação de seu crime! Então, o que dizer daquele que ama tanto o pecado que está em “inimizade contra Deus”?

O fato da responsabilidade do homem é quase universalmente reconhecido. É inerente à natureza moral do homem. Não é apenas ensinado nas

Escrituras, mas também é testemunhado pela consciência natural. A base ou fundamento da responsabilidade humana é a habilidade humana. O que está implícito por este termo geral (habilidade) deve agora ser definido. Talvez um exemplo concreto seja mais facilmente compreendido do que um argumento abstrato.

Suponha que um homem me devesse R\$ 100,00. Suponha que tal homem pudesse encontrar bastante dinheiro para seus próprios prazeres, mas nenhum para mim, mas ainda assim alegasse que não podia me pagar. O que eu diria? Eu diria que a única habilidade que faltava para ele seria um coração honesto. Mas não seria uma construção injusta de minhas palavras se um amigo de meu devedor desonesto dissesse que eu havia afirmado que um coração honesto era o que constituía a capacidade de pagar a dívida? Eu responderia: “A capacidade do meu devedor está no poder de sua mão para me passar um cheque, e isso ele tem, mas o que falta é um princípio honesto. É a habilidade ou capacidade dele de me passar um cheque que o torna responsável por fazê-lo, e o fato de ele não ter um coração honesto não destrói sua responsabilidade.

Agora, da mesma maneira, o pecador, embora totalmente desprovido de capacidade moral e espiritual, possui, no entanto, capacidade natural, e é isso que o torna responsável perante Deus. Os homens têm as mesmas faculdades naturais para amar a Deus como têm para odiá-lo, os mesmos corações para crer e não crer; e é sua falha em amar e crer que constitui sua culpa. Um demente ou uma criança não são pessoalmente responsáveis perante Deus, porque carecem de habilidade natural. Mas o homem normal dotado de racionalidade, dotado de consciência que é capaz de distinguir entre o certo e o errado, que é capaz de pensar questões eternas, é um ser responsável, e é porque ele possui essas faculdades que ele ainda terá que “dar contas de si mesmo a Deus” (Rm 14:12).

Dizemos novamente que a distinção acima entre a capacidade natural e a incapacidade moral e espiritual do pecador é de primordial importância. Por natureza, ele possui habilidade natural, mas carece de habilidade moral e espiritual. O fato de ele não possuir a última não destrói sua responsabilidade, porque sua responsabilidade repousa sobre o fato de que ele possui a primeira.

Deixe-me ilustrar novamente. Aqui estão dois homens culpados de roubo. O primeiro é um demente, o segundo perfeitamente são, mas filho de pais criminosos. Nenhum juiz justo condenaria o primeiro; mas todo juiz sensato condenaria o último. Mesmo que o segundo desses ladrões possuísse uma natureza moral viciada herdada de pais criminosos, tal fato não o desculparia, pois ele é um ser racional normal. A posse da racionalidade mais o dom da consciência é aonde repousa a responsabilidade humana. É porque o pecador é dotado dessas faculdades naturais que ele é uma criatura responsável. Sua culpa é constituída pelo fato de que ele não usa seus poderes naturais para a glória de Deus.

Como pode permanecer consistente com Sua misericórdia o fato de que Deus exija a dívida de obediência daquele que não pode pagar? Além do que foi dito acima, deve-se salientar que Deus não perdeu Seu direito, embora o homem tenha perdido seu poder. *A impotência da criatura não cancela sua obrigação.* Um servo bêbado ainda é um servo, e é contrário a todo raciocínio sensato argumentar que seu senhor perde seus direitos devido à bebedice de seu servo. Além disso,

é de extrema importância que tenhamos sempre em mente que Deus fez um acordo com Adão, que era nosso chefe e representante federal, e nele Deus nos deu um poder que perdemos com a queda de nossos primeiros pais; mas, embora nosso poder tenha desaparecido, Deus pode exigir com justiça a obediência e o serviço que lhe são devidos.

Como é possível para Deus DECRETAR que os homens DEVEM cometer certos pecados, considerá-los RESPONSÁVEIS por cometê-los e julgá-los CULPADOS por que os cometeram?

Consideremos agora o caso extremo de Judas. Acreditamos que está claro nas Escrituras que Deus decretou desde toda a eternidade que Judas deveria trair o Senhor Jesus. Se alguém contestar esta afirmação, referimo-nos à profecia de Zacarias, por meio de quem Deus declarou que Seu Filho deveria ser vendido por “trinta moedas de prata” (Zc 11:12). Como dissemos em páginas anteriores, na profecia Deus dá a conhecer o que será, e ao dar a conhecer o que será Ele está apenas revelando-nos o que Ele ordenou que seja. Que Judas foi aquele por meio de quem a profecia de Zacarias foi

cumprida não precisa ser argumentado. Mas agora a questão que temos que enfrentar é: Judas foi um agente responsável no cumprimento deste decreto de Deus?

Respondemos que sim. A responsabilidade está ligada principalmente ao motivo e à intenção de quem comete o ato. Isso é reconhecido por todos os lados. A lei humana distingue entre um golpe infligido por acidente (sem intenção maligna) e um golpe dado com ‘malícia premeditada’. Aplique então este mesmo princípio ao caso de Judas. Qual era o desígnio de seu coração quando barganhou com os sacerdotes?

Manifestamente, ele não tinha nenhum desejo consciente de cumprir qualquer decreto de Deus, embora sem saber que ele estava realmente fazendo isso. Pelo contrário, sua intenção era apenas má e, portanto, embora Deus tivesse decretado e dirigido seu ato, sua própria intenção maligna o tornou justamente culpado, como posteriormente, ele próprio reconheceu: “Pequei, traindo sangue inocente”.

Foi o mesmo com a crucificação de Cristo. As Escrituras declaram claramente que Ele foi “entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus” (At 2:23), e que embora “levantaram-se os reis da terra, e as

autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido” ainda assim, não obstante era apenas “para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram” (At 4:26,28). Tais versículos ensinam muito mais do que uma simples permissão de Deus. Eles declaram que a Crucificação e todos os seus detalhes foram decretados por Deus. No entanto, não obstante, foi por mãos iníquas, não apenas mãos humanas que nosso Senhor foi crucificado e morto (At 2:23). A intenção de Seus crucificadores era apenas má.

Mas pode-se objetar que, se Deus decretou que Judas traísse Cristo, e que os judeus e gentios O crucificassem, eles não poderiam agir de outra forma e, portanto, não eram responsáveis por suas intenções. A resposta é que Deus havia decretado que eles deveriam realizar os atos que fizeram, mas na perpetração real desses atos eles eram justamente culpados porque seus próprios propósitos ao fazê-los eram maus. Que seja enfaticamente dito que Deus não produz as disposições pecaminosas de nenhuma de Suas criaturas, embora Ele as restrinja e as dirija para a realização de Seus próprios propósitos. Portanto, Ele não é o Autor nem o

Aprovador do pecado. Esta distinção foi assim expressa por Agostinho: “Que o pecado dos homens procede de si mesmos; que ao pecar eles praticam esta ou aquela ação, é do poder de Deus que divide as trevas de acordo com o Seu prazer”. Assim está escrito: “O coração do homem traça o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos” (Pv 16:9).

O que insistimos aqui é que os decretos de Deus não são a causa necessária dos pecados dos homens, mas os limites e orientações predeterminados e prescritos dos atos pecaminosos dos homens.

Em conexão com a traição de Cristo, quando Deus decretou que Ele deveria ser vendido, Ele não pegou um homem bom, instalou um desejo maligno em seu coração e o forçou a realizar o terrível ato para executar Seu decreto. Não; não é assim que as Escrituras o representam. Em vez disso, Deus decretou o ato e selecionou aquele que deveria realizar o ato, mas Ele não o fez mau para que ele realizasse o ato; pelo contrário, o traidor era um “diabo” no momento em que o Senhor Jesus o escolheu como um dos doze (Jo 6:70), e no exercício e manifestação de sua própria

diabólicidade, Deus simplesmente dirigiu suas ações, ações que eram perfeitamente agradável ao seu próprio coração vil, que continha as intenções mais perversas. Assim foi com a Crucificação.

Como pode o pecador ser considerado responsável por receber a Cristo, e ser condenado por rejeitá-Lo, quando é Deus quem o PREORDENOU PARA a condenação?

Realmente, esta questão foi abordada no que foi dito sob as outras perguntas, mas para o benefício daqueles que se exercitam sobre este ponto, damos-lhe um exame separado, embora breve. Ao considerar a dificuldade acima, os seguintes pontos devem ser cuidadosamente ponderados:

Em primeiro lugar, nenhum pecador, enquanto está neste mundo, sabe com certeza, nem pode saber, se ele é um “vaso de ira preparado para destruição”. Isso pertence aos conselhos ocultos de Deus aos quais ele não tem acesso. A vontade secreta de Deus não é da sua conta. A vontade revelada de Deus na Palavra é o padrão de responsabilidade humana. E a vontade revelada de Deus é clara. Cada pecador está entre aqueles a quem Deus agora ordena que se arrependam (At 17:30). Cada

pecador que ouve o Evangelho é ordenado a crer (1 Jo 3:23). E todos os que realmente se arrependem e creem são salvos. Portanto, todo pecador é responsável por se arrepender e crer.

Em segundo lugar, é dever de todo pecador examinar as Escrituras que “podem tornar-te sábio para a salvação” (2 Tm 3:15). Esse é o dever do pecador porque o Filho de Deus ordenou que ele examinasse a Palavra de Deus (Jo 5:39). Se ele a examina com um coração que busca a Deus, então ele se coloca no caminho onde Deus está acostumado a se encontrar com os pecadores. Sobre este ponto, o puritano *Manton* escreveu algo muito útil.

“Não posso dizer a todo aquele que lavra, infalivelmente, que terá uma boa colheita; mas isso posso dizer a ele: É do uso de Deus abençoar o diligente e providente. Não posso dizer a todos os que desejam a posteridade: Casem-se e terão filhos. Não posso dizer infalivelmente àquele que sai para a batalha pelo bem de seu país que terá vitória e sucesso; mas posso dizer, como Joabe (1 Cr 19:13): ‘Sê forte, pois; pelejemos varonilmente pelo nosso povo e

pelas cidades de nosso Deus; e faça o Senhor o que bem lhe parecer.’ Não posso dizer infalivelmente que você terá graça; mas posso dizer a todos: Que usem os meios e deixem o sucesso de seu trabalho e sua própria salvação à vontade e beneplácito de Deus. Não posso dizer isso infalivelmente, pois não há obrigação para com Deus. E ainda esta obra é feita fruto da vontade de Deus e por meio de sua mera dispensação arbitrária: ‘Segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade’ (Tg 1:18).

Façamos o que Deus ordenou, e deixe Deus fazer o que Ele quer. O mundo inteiro em todos os seus atos é e deve ser guiado por este princípio. Façamos nosso dever e encaminhemos o sucesso para Deus, cuja prática comum é encontrar-se com a criatura que O busca; sim, Ele já está conosco. E, portanto, uma vez que Ele está de antemão conosco, e não mostrou nenhum atraso para o nosso bem, não temos motivos para desesperar de Sua bondade e misericórdia, mas sim para esperar o melhor” (Vol. XXI, página 312).

DEUS É SOBERANO

Deus se agradou em dar aos homens as Sagradas Escrituras que “testificam” do Salvador, e tornam conhecido o caminho da salvação. Todo pecador tem as mesmas faculdades naturais para a leitura da Bíblia que tem para a leitura do jornal; e se ele é analfabeto ou cego, de modo que não sabe ler, tem a mesma boca para pedir a um amigo que leia a Bíblia para ele, como tem que perguntar sobre outros assuntos. Se, então, Deus deu aos homens Sua Palavra, e nessa Palavra deu a conhecer o caminho da salvação, e se os homens são ordenados a examinar as Escrituras que podem torná-los sábios para a salvação, e eles se recusam a fazer isso, então fica claro que eles são justamente censuráveis, que seu sangue está sobre suas próprias cabeças, e que Deus pode lançá-los com justiça no Lago de Fogo.

Em terceiro lugar, deve-se objetar, admitindo tudo o que disse acima, não é ainda um fato que cada um dos não eleitos é incapaz de se arrepender e crer? A resposta é, sim. De todo pecador é fato que, por si mesmo, ele não pode vir a Cristo. Mas agora estamos lidando com a responsabilidade do pecador (o pecador predestinado à condenação, embora ele não saiba disso), e do lado humano a incapacidade do pecador é moral, como

apontado anteriormente. Além disso, é preciso ter em mente que, além da incapacidade moral do pecador, há também uma incapacidade voluntária. O pecador deve ser considerado não apenas como impotente para fazer o bem, mas como se deleitando no mal. Do lado humano, então, o “não pode” é um não querer; é uma impotência voluntária. A impotência do homem está em sua obstinação. Portanto, todos são deixados “sem desculpa” e, portanto, Deus é “justo” quando julga (Sl 51:4), e justo em condenar todos os que “amaram mais as trevas do que a luz” (Jo 3:19).

Que Deus exige o que está além do nosso próprio poder de prestar está claro em muitas passagens das Escrituras. Deus deu a Lei a Israel no Sinai e exigiu um cumprimento total dela, e solenemente apontou quais seriam as consequências de sua desobediência (leia Dt 28). Mas será que algum leitor será tão tolo a ponto de afirmar que Israel era capaz de obedecer plenamente à Lei? Se declararem tal mentira, devemos encaminhá-los para Romanos 8:3, onde nos é expressamente dito: “Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no

tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado”.

Venha agora para o Novo Testamento. Tome passagens como Mateus 5:48: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai Celeste”. 1 Coríntios 15:34: “Tornai-vos à sobriedade, como é justo, e não pequeis”. 1 João 2:1: “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis”. Algum leitor dirá que é capaz por si mesmo de cumprir essas exigências de Deus? Se for assim, será inútil discutirmos com tal homem.

Mas agora surge a pergunta: Por que Deus exigiu do homem aquilo que ele é incapaz de realizar? A primeira resposta é: Porque Deus se recusa a rebaixar Seu padrão ao nível de nossas enfermidades pecaminosas. Sendo perfeito, Deus deve estabelecer um padrão perfeito diante de nós. Ainda assim, devemos perguntar: Se o homem é incapaz de estar à altura do padrão de Deus, onde está sua responsabilidade? Por mais difícil que pareça, o problema é, no entanto, passível de solução simples e satisfatória.

O homem é responsável por (primeiro) reconhecer diante de Deus sua incapacidade e (segundo) por clamar a Ele por graça capacitadora. Certamente isso será

admitido por todo leitor cristão. É meu dever confessar diante de Deus minha ignorância, minha fraqueza, minha pecaminosidade, minha impotência de cumprir Suas santas e justas exigências. É também meu dever sagrado, bem como um privilégio abençoado, implorar fervorosamente a Deus que me dê sabedoria, força e graça, que me capacitarão a fazer o que é agradável aos Seus olhos; pedir-Lhe que opere em mim “tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13).

Da mesma maneira, todo pecador, é responsável por invocar o Senhor. De si mesmo, ele não pode se arrepende nem acreditar. Ele não pode vir a Cristo nem se afastar de seus pecados. Seu primeiro dever é colocar em sua mente que Deus é verdadeiro. Seu segundo dever é clamar a Deus por Seu poder capacitador; pedir a Deus em misericórdia para vencer sua inimizade e “atraí-lo” a Cristo. Pedir para conceder-lhe os dons do arrependimento e da fé. Se ele fizer isso, com sinceridade de coração, então certamente Deus responderá ao seu apelo, pois está escrito: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10:13).

Suponha que eu tenha escorregado na calçada com

neve e quebrado meu quadril. Eu sou incapaz de me levantar; se eu permanecer no chão, devo congelar até a morte. O que, então, devo fazer? Se estou determinado a perecer, ficarei lá em silêncio; mas eu serei culpado por tal procedimento. Se estou ansioso para ser resgatado, levantarei minha voz e clamarei por socorro. Assim, o pecador, embora incapaz de se levantar e dar o primeiro passo em direção a Cristo, é responsável por clamar a Deus, e se o fizer (de coração) há um Libertador disposto a ajudar. Deus “não está longe de cada um de nós” (At 17:27); sim, Ele é “socorro bem-presente nas tribulações” (Sl 46:1). Mas se o pecador se recusa a clamar ao Senhor, se ele está determinado a perecer, então seu sangue está sobre sua própria cabeça, e sua “condenação é justa” (Rm 3:8).

*Uma breve palavra darei agora sobre a extensão da
responsabilidade humana.*

É óbvio que a medida da responsabilidade humana varia em diferentes casos, e é maior ou menor com indivíduos particulares. O padrão de medida foi dado nas palavras do Salvador: “Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido” (Lc 12:48). Certamente

Deus não exigia tanto dos que viviam nos tempos do Antigo Testamento quanto dos que nasceram durante a dispensação cristã. Certamente Deus não exigirá tanto daqueles que viveram durante a ‘idade das trevas’, quando as Escrituras eram acessíveis a apenas alguns, como Ele exigirá daqueles desta geração, quando praticamente todas as famílias da terra possuem uma cópia de Sua Palavra. Da mesma forma, Deus não exigirá dos pagãos o que Ele deseja dos cristãos. Os pagãos não perecerão porque não creram em Cristo, mas porque falharam em viver de acordo com a luz que tinham, o testemunho de Deus na natureza e na consciência.

O fato da responsabilidade do homem repousar sobre sua capacidade natural, é testemunhado pela consciência e insistido em todas as Escrituras. A base da responsabilidade do homem é que ele é uma criatura racional capaz de ponderar questões eternas, e que ele possui uma Revelação escrita de Deus na qual seu relacionamento e dever para com seu Criador é claramente definido. A medida da responsabilidade varia de indivíduo para indivíduo, sendo determinada pelo grau de luz que cada um desfrutou de Deus. O

problema da responsabilidade humana recebe pelo menos uma solução parcial nas Sagradas Escrituras, e é nossa solene obrigação, bem como privilégio, com oração e cuidado, buscar mais luz, esperando que o Espírito Santo nos guie “em toda a verdade”. Está escrito: “Guia os humildes na justiça e ensina aos mansos o seu caminho” (Sl 25:9).

Em conclusão, resta salientar que é responsabilidade de cada homem usar os meios que Deus colocou em suas mãos. Uma atitude de inércia fatalista, porque sei que Deus decretou irrevogavelmente tudo o que acontece, é fazer um uso pecaminoso e prejudicial do que Deus revelou para o conforto do meu coração. O mesmo Deus que decretou que um certo fim será realizado também decretou que esse fim será alcançado através e como resultado de Seus próprios meios designados. Deus não despreza o uso de meios, nem deveria eu. Por exemplo: Deus decretou que enquanto durar a terra, a sementeira e a colheita, não cessarão (Gn 8:22); mas isso não significa que o homem arar a terra e semear a semente seja desnecessário. Não; Deus move os homens a fazer essas mesmas coisas, abençoa seus trabalhos e assim cumpre

Sua própria ordenação. Da mesma maneira, Deus, desde o princípio, escolheu um povo para a salvação; mas isso não significa que não há necessidade de evangelistas pregarem o Evangelho, ou de pecadores crerem nele, pois é por tais meios que Seus conselhos eternos são efetuados.

Argumentar que porque Deus determinou irrevogavelmente o destino eterno de cada homem, nos isenta de toda responsabilidade por qualquer preocupação com nossas almas, ou qualquer uso diligente dos meios para a salvação, seria o mesmo que me recusar a cumprir meus deveres temporais porque Deus fixou minha “sorte” terrena. E isso está claro em Atos 17:26; Jó 7:1; 14:15, etc.

Se então a pré-ordenação de Deus pode consistir nas respectivas atividades do homem nas preocupações presentes, por que não no futuro? O que Deus uniu não devemos separar. Se podemos ou não ver o elo que une um ao outro, nosso dever é claro: “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Dt 29:29).

DEUS É SOBERANO

Em Atos 27:22 Deus fez saber que Ele havia ordenado a preservação temporal de todos os que acompanhavam Paulo no navio; contudo, o Apóstolo não hesitou em dizer: “Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos” (v. 31). Deus designou esse meio para a execução do que Ele havia decretado. Em 2 Reis 20, aprendemos que Deus estava absolutamente decidido a acrescentar quinze anos à vida de Ezequias, mas ele deve pegar um pedaço de figo e colocá-lo em sua fervura! Paulo sabia que estava eternamente seguro nas mãos de Cristo (Jo 10:28), mas ele esmurrava seu corpo e o reduzia à escravidão (1 Co 9:27). O apóstolo João assegurou àqueles a quem escreveu: “A unção que dele recebestes permanece em vós” mas no versículo seguinte ele os exortou: “Filhinhos, agora, pois, permanecei nele” (1 Jo 2:27,28). É somente prestando atenção a este princípio vital, que somos responsáveis por usar os meios designados por Deus, que seremos capazes de preservar o equilíbrio da Verdade e sermos salvos de um fatalismo paralisante.



A Soberania de Deus e Oração

“Se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1 Jo 5:14).

Ao longo deste livro, nosso objetivo principal foi exaltar o Criador e rebaixar a criatura. A tendência quase universal agora é engrandecer o homem e desonrar e degradar a Deus. Por todos os lados, descobrir-se-á que, quando as coisas espirituais estão em discussão, o lado e o elemento humano são pressionados e enfatizados, e o lado divino, se não totalmente ignorado, é relegado a segundo plano. Isso

se aplica a grande parte do ensino moderno sobre oração. Na grande maioria dos livros escritos e nos sermões pregados sobre a oração, o elemento humano preenche a cena quase inteiramente. Entre elas, são as condições que devemos cumprir, as promessas que devemos “reivindicar”, as coisas que devemos fazer para obter nossos pedidos atendidos; mas as reivindicações de Deus, os direitos de Deus, a glória de Deus são desconsiderados.

Como um exemplo justo do que está sendo divulgado hoje, anexamos um breve editorial que apareceu recentemente em um dos principais semanários religiosos intitulado “*Oração ou Destino?*”

“Deus em Sua Soberania ordenou que os destinos humanos possam ser mudados e moldados pela vontade do homem. Este é o cerne da verdade de que a oração muda as coisas, o que significa que Deus muda as coisas quando os homens oram. Alguém expressou isso de maneira surpreendente: ‘Há certas coisas que acontecem na vida de um homem, quer ele ore ou não. Há outras coisas que acontecerão se ele orar; e não acontecerá se ele não orar’. Um obreiro cristão ficou impressionado com essas frases ao entrar em um

escritório e orou para que o Senhor abrisse o caminho para falar com alguém sobre Cristo, refletindo que as coisas mudariam porque ele orou. Então sua mente se voltou para outras coisas e a oração foi esquecida. Chegou a oportunidade de falar com o homem de negócios a quem estava chamando, mas ele não a agarrou e estava saindo quando se lembrou de sua oração de meia hora antes e da resposta de Deus. Ele prontamente voltou e teve uma conversa com o homem de negócios, que, embora membro da igreja, nunca em sua vida foi perguntado se ele era salvo. Vamos nos entregar à oração e abrir o caminho para Deus mudar as coisas. Tenhamos cuidado para não nos tornarmos virtualmente fatalistas ao deixar de exercer nossa vontade dada por Deus na oração”.

O que foi falado acima ilustra o que está sendo ensinado sobre o assunto da oração, e o deplorável é que dificilmente uma voz se levanta em protesto. Dizer que os destinos humanos podem ser mudados e moldados pela vontade do homem é infidelidade absoluta (esse é o único termo adequado para tal ensinamento). Dizer que “Deus ordenou que os destinos humanos possam ser mudados e moldados pela vontade do homem” é

absolutamente falso.

O “destino humano” é estabelecido não pela vontade do homem, mas pela vontade de Deus. O que determina o destino humano é se um homem nasceu de novo ou não, pois está escrito: “Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3:5). E é da vontade de quem, que o novo nascimento é estabelecido, inequivocamente, por João 1:13? “Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”. Dizer que o “destino humano” pode ser mudado pela vontade do homem é tornar suprema a vontade da criatura, e isso é, virtualmente, destronar Deus. Mas o que dizem as Escrituras? Deixe a própria Palavra de Deus responder: “O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir. O Senhor empobrece e enriquece; abaixa e também exalta. Levanta o pobre do pó e, desde o monturo, exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória; porque do Senhor são as colunas da terra, e assentou sobre elas o mundo” (1 Sm 2:6-8).

Voltando ao Editorial aqui em revisão, somos informados a seguir: “Este é o cerne da verdade de que

a oração muda as coisas, significando que Deus muda as coisas quando os homens oram”. Em quase todos os lugares que vamos hoje, encontramos um cartão-lema com a inscrição “A oração muda as coisas”. Quanto ao que essas palavras pretendem significar, é evidente na literatura atual sobre oração. Em sua grande maioria significa que devemos persuadir Deus a mudar Seu propósito. Sobre isso, teremos mais a dizer abaixo.

Mais uma vez, o Editor nos diz: “Alguém expressou isso de maneira impressionante: ‘Há certas coisas que acontecem na vida de um homem, quer ele ore ou não. Há outras coisas que acontecerão se ele orar, e não acontecerão se ele não orar’”. Que as coisas acontecem se um homem orar ou não é exemplificado diariamente na vida dos não regenerados, a maioria dos quais nunca ora.

Agora, a afirmação: ‘Outras coisas acontecerão se ele orar’ precisa de qualificação. Se um crente orar com fé e pedir as coisas que estão de acordo com a vontade de Deus, ele certamente obterá o que pediu. Novamente, que outras coisas acontecerão se ele orar também é verdade em relação aos benefícios subjetivos derivados da oração; Deus se tornará mais real para ele e Suas

promessas mais preciosas. Que outras coisas ‘não acontecerão se ele não orar’ é verdade no que diz respeito à sua própria vida. Uma vida sem oração significa uma vida vivida fora da comunhão com Deus e tudo o que está envolvido nisso.

Mas afirmar que Deus não vai e não pode realizar Seu propósito eterno a menos que oremos é totalmente errôneo, pois o mesmo Deus que decretou o fim também decretou que Seu fim será alcançado por meio de Seus meios designados, e um deles é oração. O Deus que determinou conceder uma bênção também dá um espírito de súplica que busca a bênção.

O exemplo citado no Editorial acima do trabalhador cristão e do homem de negócios é, no mínimo, muito infeliz, pois de acordo com os termos usados na ilustração, a oração do trabalhador cristão não foi respondida por Deus, na medida em que, aparentemente, o caminho não estava aberto para falar com o homem de negócios sobre sua alma. Mas, ao sair do escritório e recordar sua oração, o obreiro cristão (talvez na energia da carne) decidiu responder à oração por si mesmo e, em vez de deixar que o Senhor “abrisse o caminho” para ele, tomou o assunto em suas próprias

mãos.

Citamos a seguir um dos últimos livros publicados sobre Oração. Nele o autor diz: “As possibilidades e a necessidade da oração, seu poder e resultados, manifestam-se em deter e mudar os propósitos de Deus e em aliviar o golpe de Seu poder”. Uma afirmação como esta é uma horrível reflexão sobre o caráter do Deus Altíssimo, que “segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?” (Dn 4:35).

Não há necessidade alguma de Deus mudar Seus desígnios ou alterar Seu propósito pela razão suficiente de que estes foram formulados sob a influência da perfeita bondade e infalível sabedoria. Os homens podem ter a oportunidade de alterar seus propósitos, pois, em sua miopia, são frequentemente incapazes de prever o que pode surgir depois que seus planos são formados. Mas não é assim com Deus, pois Ele conhece o fim desde o princípio. Afirmar que Deus muda Seu propósito é contestar Sua bondade ou negar Sua sabedoria eterna.

No mesmo livro nos é dito: “As orações dos santos

de Deus são o capital no Céu pelo qual Cristo realiza Sua grande obra na terra. Os grandes espasmos e convulsões poderosas na terra são os resultados dessas orações. A Terra é mudada, revolucionada, os anjos se movem mais poderosos, asas mais rápidas, e a política de Deus é moldada à medida que as orações são mais numerosas e mais eficientes”. Se possível, isso é ainda pior, e não hesitamos em denominá-lo como blasfêmia.

Em primeiro lugar, nega categoricamente Efésios 3:11, que fala de Deus ter um “propósito eterno”. Se o propósito de Deus é eterno, então Sua “política” não está sendo “formada” hoje. Em segundo lugar, contradiz Efésios 1:11, que declara expressamente que Deus “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade”, portanto, segue-se que “a política de Deus” não está sendo “formada” pelas orações do homem. Em terceiro lugar, uma declaração como a acima torna suprema a vontade da criatura, pois se nossas orações moldam a política de Deus, então o Altíssimo está subordinado aos vermes da terra. Faz total sentido o Espírito Santo perguntar através do Apóstolo: “Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?” (Rm 11:34).

Tais pensamentos sobre a oração que temos citado são devidos a concepções baixas e inadequadas do próprio Deus. Deveria ser evidente que poderia haver pouco ou nenhum conforto em orar a um Deus que é como o camaleão, que muda de cor a cada dia. Que encorajamento há para elevar nossos corações para Aquele que tem uma mente ontem e outra hoje? De que adiantaria fazer uma petição a um monarca terreno se soubéssemos que ele é tão mutável a ponto de conceder uma petição um dia e negá-la no outro? Não é a própria imutabilidade de Deus que é nosso maior encorajamento para orar? É porque Ele é sem variação ou sombra de variação que temos a certeza de que se pedirmos qualquer coisa de acordo com a Sua vontade, temos certeza de ser ouvidos. Bem observou Lutero:

“A oração não é vencer a relutância de Deus, mas se apegar à Sua vontade”.

E isso nos leva a oferecer algumas observações sobre o desígnio da oração. Por que Deus designou que devemos orar? A grande maioria das pessoas responderia: “Para que possamos obter de Deus as coisas de que precisamos”. Embora este seja um dos

propósitos da oração, não é de forma alguma o principal. Além disso, tal visão considera a oração apenas do lado humano, e a oração, infelizmente, precisa ser vista do lado divino. Vejamos, então, algumas das razões pelas quais Deus nos mandou orar.

Em primeiro lugar, a oração foi designada para que o próprio Senhor Deus seja honrado. Deus requer que reconheçamos que Ele é, de fato, “o Alto e Sublime que habita a eternidade” (Is 57:15). Deus requer que possuamos Seu domínio universal. Ao pedir a Deus por chuva, Elias apenas confessou Seu controle sobre os elementos. Ao orar a Deus para libertar um pobre pecador da ira vindoura, reconhecemos que “ao Senhor pertence a salvação” (Jn 2:9). Ao suplicar Sua bênção sobre o Evangelho até os confins da terra, declaramos Seu governo sobre o mundo inteiro.

Novamente; Deus requer que O adoremos, e a oração, a oração real, é um ato de adoração. A oração é um ato de adoração na medida em que é a prostração da alma diante d’Ele; visto que é uma invocação de Seu grande e santo nome; na medida em que é a posse de Sua bondade, Seu poder, Sua imutabilidade, Sua graça, e na medida em que é o reconhecimento de Sua

Soberania, propriedade de uma submissão à Sua vontade. É altamente significativo notar a este respeito que o Templo não foi denominado por Cristo a Casa do Sacrifício, mas sim a Casa de Oração.

Novamente; a oração redundava para a glória de Deus, pois na oração apenas reconhecemos a dependência d'Ele. Quando suplicamos humildemente ao Ser Divino, nos lançamos sobre Seu poder e misericórdia. Ao buscar as bênçãos de Deus, reconhecemos que Ele é o Autor e a Fonte de todo dom bom e perfeito. Que a oração traz glória a Deus é visto ainda pelo fato de que a oração exercita a fé, e nada de nós é tão honroso e agradável a Ele quanto a confiança de nossos corações.

Em segundo lugar, a oração é designada por Deus para nossa bênção espiritual, como meio para nosso crescimento na graça. Ao procurar aprender o desígnio da oração, isso deve sempre ser nosso pensamento antes de considerarmos a oração como um meio de obter o suprimento de nossas necessidades. Oração é designada por Deus para nossa humilhação. A oração, a oração real, é uma vinda à Presença de Deus, e um senso de Sua terrível majestade produz uma percepção de nossa nulidade e indignidade. Novamente; a oração é

projetada por Deus para o exercício de nossa fé. A fé é gerada na Palavra (Rm 10:8), mas é exercida na oração; por isso, lemos sobre “a palavra da fé”.

A oração chama o amor à ação. Com relação ao hipócrita, a pergunta é feita: “Deleitar-se-á o perverso no Todo-Poderoso e invocará a Deus em todo o tempo?” (Jó 27:10). Mas aqueles que amam o Senhor não podem estar muito longe d’Ele, pois se deleitam em desabafar suas coisas para Ele. Não apenas a oração chama o amor em ação, mas através das respostas diretas concedidas às nossas orações, nosso amor por Deus aumenta. “Amo o Senhor , porque ele ouve a minha voz e as minhas súplicas” (Sl 116:1). Novamente; a oração é projetada por Deus para nos ensinar o valor das bênçãos que buscamos d’Ele, e nos faz regozijar ainda mais quando Ele nos concede aquilo pelo qual Lhe suplicamos.

Terceiro, a oração é designada por Deus para buscarmos d’Ele as coisas de que necessitamos. Mas aqui uma dificuldade pode se apresentar àqueles que leram cuidadosamente os capítulos anteriores deste livro. Se Deus predestinou, antes da fundação do mundo, tudo o que acontece no tempo, para que serve a oração? Se é

verdade que “porque d’Ele, e por meio d’Ele e para Ele são todas as coisas” (Rm 11:36), então por que orar? Antes de responder diretamente a essas perguntas, deve-se salientar que há tantas outras perguntas que surgem, quando se entende a doutrina correta. Por exemplo: Qual é a utilidade de eu ir a Deus e dizer a Ele o que Ele já sabe? Qual é a utilidade de eu espalhar diante d’Ele minha necessidade, visto que Ele já está familiarizado com isso? Qual é a utilidade de orar por qualquer coisa quando tudo foi ordenado de antemão por Deus?

A oração não tem o propósito de informar a Deus, como se Ele fosse ignorante (o Salvador declarou expressamente “porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçaís” (Mt 6:8), mas é para reconhecer que Ele sabe do que precisamos.

A oração não é designada para fornecer a Deus o conhecimento do que precisamos, mas é projetada como uma confissão a Ele de nosso senso de necessidade. Nisto, como em tudo, os pensamentos de Deus não são como os nossos. Deus requer que Seus dons sejam procurados. Ele deseja ser honrado pelo nosso pedido, assim como Ele deve ser agradecido por

nós depois que Ele concedeu Sua bênção.

No entanto, a pergunta ainda volta para nós, se Deus é o *Predestinador* de tudo o que acontece, e o Regulador de todos os eventos, então a oração não é um exercício inútil? Uma resposta suficiente a essas perguntas é que Deus nos manda orar: “Orai sem cessar” (1 Ts 5:17). Os homens devem orar sempre (Lc 18:1). A Escritura também declara que “a oração da fé salvará o enfermo”, e a oração fervorosa eficaz de um justo pode muito (Tg 5:15,16). O Senhor Jesus Cristo, nosso exemplo perfeito em todas as coisas, foi eminentemente um Homem de Oração. Assim, é evidente que a oração não é sem sentido nem sem valor. Mas isso ainda não remove a dificuldade nem responde à pergunta com a qual começamos. Qual é então a relação entre a Soberania de Deus e a oração cristã?

Em primeiro lugar, diríamos com ênfase, que a oração não tem a intenção de mudar o propósito de Deus, nem de movê-lo a formar novos propósitos. Deus decretou que certos eventos ocorrerão pelos meios que Ele designou para sua realização. Deus elegeu alguns para serem salvos, mas Ele também decretou que estes serão salvos através da pregação do Evangelho. O

Evangelho, então, é um dos meios designados para a execução do conselho eterno do Senhor; e a oração é outra. Deus decretou os meios e os fins, e entre os meios está a oração. Até as orações de Seu povo estão incluídas em Seus decretos eternos. Portanto, em vez das orações serem em vão, elas estão entre os meios pelos quais Deus exerce Seus decretos. “Se, de fato, todas as coisas acontecem por um acaso cego, ou uma necessidade fatal, as orações nesse caso não podem ter eficácia moral e não têm utilidade; mas, como são reguladas pela direção da sabedoria divina, as orações têm um lugar na ordem de eventos” (*Haldane*).

Que as orações para a execução das próprias coisas decretadas por Deus não são sem sentido é claramente ensinado nas Escrituras. Elias sabia que Deus estava prestes a dar chuva, mas isso não o impediu de se dirigir imediatamente à oração (Tg 5:17,18). Daniel compreendeu pelos escritos dos profetas que o cativo duraria apenas setenta anos, mas quando esses setenta anos estavam quase terminados, fomos informados de que ele voltou seu rosto “ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza” (Dn 9:3). Deus disse ao profeta Jeremias: “Eu é que sei

que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais”; mas em vez de acrescentar, “portanto, não há necessidade de você me suplicar por essas coisas”, Ele disse: “Então, me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei” (Jr 29:11,12).

Aqui, então, está o desígnio da oração: Não que a vontade de Deus possa ser alterada, mas que possa ser realizada em Seu próprio tempo e maneira. É porque Deus prometeu certas coisas que podemos pedir por elas com plena certeza. É o propósito de Deus que Sua vontade seja realizada por Seus próprios meios designados, e que Ele possa fazer o bem ao Seu povo em Seus próprios termos, ou seja, pelos ‘meios’ de súplicas. O Filho de Deus não sabia com certeza que depois de Sua morte e ressurreição Ele seria exaltado pelo Pai? Seguramente, eu digo que sim. No entanto, encontramos Ele pedindo exatamente isso: “Glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo 17:5)! Ele não sabia que nenhum de Seu povo poderia perecer? Ainda assim, Ele implorou ao Pai que os “guardasse” (Jo 17:11)!

Finalmente, deve-se dizer que a vontade de Deus é

imutável e não pode ser alterada por nossos clamores. Quando a mente de Deus não está voltada para um povo para lhe fazer o bem, não pode ser voltada para ele pela oração mais fervorosa e importuna daqueles que têm o maior interesse n'Ele: “Disse-me, porém, o Senhor: Ainda que Moisés e Samuel se pusessem diante de mim, meu coração não se inclinaria para este povo; lança-os de diante de mim, e saiam” (Jr 15:1). As orações de Moisés para entrar na terra prometida são um caso paralelo.

Nossos pontos de vista a respeito da oração precisam ser revistos e harmonizados com o ensino das Escrituras sobre o assunto. A ideia predominante parece ser que eu vou a Deus e Lhe peço algo que eu quero, e que espero que Ele me dê aquilo que pedi. Mas esta é uma concepção muito desonrosa e degradante. A crença popular reduz Deus a um servo; nosso servo, cumprindo nossas ordens, realizando nosso prazer, concedendo nossos desejos. Não; a oração é uma ida a Deus, dizendo a Ele minha necessidade, entregando meu caminho ao Senhor e deixando que Ele lide com isso como Lhe parecer melhor. Isso torna minha vontade sujeita à d'Ele, em vez de, como no caso

anterior, buscar submeter à vontade d'Ele à minha. Nenhuma oração é agradável a Deus a menos que o espírito que a atua “não se faça a minha vontade, e sim a tua”.

“Quando Deus concede bênçãos a um povo que ora, não é por causa de suas orações, como se Ele estivesse inclinado por eles; mas é por causa d'Ele, e de Sua própria vontade e prazer Soberanos. Deve ser dito, para que propósito então é a oração? A resposta deve ser: Este é o caminho e o meio que Deus designou para a comunicação da bênção de Sua bondade ao Seu povo. Pois, embora Ele os tenha proposto, fornecido e prometido, ainda assim Ele será procurado para dá-los. Por isso, é um dever e privilégio pedir. Quando eles são abençoados com um espírito de oração, é um bom presságio, e parece que Deus pretende conceder as coisas boas pedidas, que devem ser sempre pedidas com submissão à vontade de Deus, dizendo: ‘Não a minha vontade, mas a tua seja feita’” (John Gill).

A distinção mencionada acima é de grande importância prática para nossa paz de coração. Talvez a

única coisa que exercita os cristãos, tanto quanto qualquer outra coisa, são orações não respondidas. Eles pediram algo a Deus e até onde podem julgar, pediram com fé acreditando que receberiam o que suplicaram ao Senhor. Tais homens pediram com seriedade e repetidamente, mas a resposta não veio. O resultado é que, em muitos casos, a fé na eficácia da oração fica enfraquecida, até que a esperança dá lugar ao desespero e o aposento é totalmente negligenciado. Não é assim?

Agora, surpreenderá nossos leitores quando dissermos que todas as verdadeiras orações de fé que já foram oferecidas a Deus foram respondidas? Afirmamos tal verdade sem hesitação. Mas, ao dizer isso, devemos nos referir à nossa definição de oração. A oração é uma vinda a Deus, dizendo a Ele minha necessidade (ou a necessidade de outros), entregando meu caminho ao Senhor e depois deixando que Ele lide com o caso como Lhe parecer melhor. Isso deixa Deus responder à oração da maneira que Ele achar melhor, e muitas vezes, Sua resposta pode ser o oposto do que seria mais aceitável para a carne. Se realmente deixamos nossa necessidade em Suas mãos, Sua resposta será provida. Vejamos dois exemplos.

Em João 11 lemos sobre a doença de Lázaro. O Senhor o “amava”, mas estava ausente de Betânia. As irmãs enviaram um mensageiro ao Senhor informando-O da condição de seu irmão. E observe particularmente como seu apelo foi formulado: “Senhor, está enfermo aquele a quem amas” (Jo 11:3). Isso foi tudo. Eles não pediram a Ele para curar Lázaro. Eles não pediram que Ele se apressasse imediatamente para Betânia. Eles simplesmente espalharam sua necessidade diante d’Ele, entregaram o caso em Suas mãos e O deixaram agir como Ele julgasse melhor!

E qual foi a resposta de nosso Senhor? Ele respondeu ao seu apelo e respondeu ao seu pedido mudo? Certamente Ele o fez, embora não da maneira que eles esperavam. Ele respondeu permanecendo “dois dias no lugar onde estava” (Jo 11:6), e permitindo que Lázaro morresse! Mas neste caso isso não foi tudo. Mais tarde, Ele viajou para Betânia e ressuscitou Lázaro dos mortos. Nosso propósito ao nos referirmos aqui a este caso é ilustrar a atitude apropriada para o crente tomar diante de Deus na hora da necessidade. O próximo exemplo enfatizará o método de Deus de responder ao Seu filho necessitado.

Leia 2 Coríntios 12. O apóstolo Paulo havia recebido um privilégio inédito. Ele havia sido transportado para o Paraíso. Seus ouvidos ouviram e seus olhos contemplaram o que nenhum outro mortal tinha ouvido ou visto deste lado da morte. A revelação maravilhosa foi mais do que o apóstolo poderia suportar. Ele corria o risco de ficar “inchado” por sua experiência extraordinária. Portanto, um espinho na carne, o mensageiro de Satanás, foi enviado para esbofeteá-lo para que não fosse exaltado acima da medida. E o Apóstolo estende sua necessidade diante do Senhor. Três vezes ele implora a Ele que este espinho na carne fosse removido. Sua oração foi respondida? Certamente, embora não da maneira que ele desejava. O “espinho” não foi removido, mas a graça foi dada para suportá-lo.

O fardo não foi retirado, mas a força foi concedida para carregá-lo.

Alguém objeta que é nosso privilégio fazer mais do que expor nossa necessidade diante de Deus? Somos lembrados de que Deus, por assim dizer, nos deu um cheque em branco e nos convidou a preenchê-lo? É dito

que as promessas de Deus são inclusivas, e que podemos pedir a Deus o que quisermos? Nesse caso, devemos chamar a atenção para o fato de que é necessário comparar Escritura com Escritura se quisermos aprender a mente plena de Deus sobre qualquer assunto, e que, ao fazer isso, descobrimos que Deus qualificou as promessas feitas às almas que oram, dizendo: “Se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1 Jo 5:14).

A verdadeira oração é a comunhão com Deus para que haja pensamentos comuns entre Sua mente e a nossa. O que é necessário é que Ele encha nossos corações com Seus pensamentos e então Seus desejos se tornarão nossos desejos fluindo de volta para Ele.

Eis então o ponto de encontro entre a Soberania de Deus e a oração cristã: Se pedirmos alguma coisa de acordo com a Sua vontade, Ele nos ouve, e se não pedirmos, Ele não nos ouve; como diz o apóstolo Tiago: “Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres” ou desejos (Tg 4:3).

Mas o Senhor Jesus não disse a Seus discípulos: “Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa

ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome” (Jo 16:23)? Sim, Ele disse; mas esta promessa não dá carta branca às almas que oram. Estas palavras de nosso Senhor estão em perfeita harmonia com as do apóstolo João: “Se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome”. O que é pedir em nome de Cristo? Certamente é muito mais do que uma fórmula de oração, a mera conclusão de nossas súplicas com as palavras “em nome de Cristo”. Para solicitar qualquer coisa a Deus em nome de Cristo, deve estar de acordo com o que Cristo é! Pedir a Deus em nome de Cristo é como se o próprio Cristo fosse o suplicante. Só podemos pedir a Deus o que Cristo pediria. Pedir em nome de Cristo é, portanto, deixar de lado nossas próprias vontades, aceitando a de Deus!

Vamos agora ampliar nossa definição de oração. O que é oração? A oração não é tanto um ato, mas uma atitude de dependência de Deus. A oração é uma confissão de fraqueza da criatura, sim, de desamparo. A oração é o reconhecimento de nossa necessidade e a divulgação dela diante de Deus. Não dizemos que isso é tudo que existe na oração, pois não é. Mas tal é o elemento essencial, o elemento primário na oração.

Admitimos livremente que somos incapazes de dar uma definição completa de oração dentro do compasso de uma breve frase, ou em qualquer número de palavras. A oração é tanto uma atitude quanto um ato, um ato humano, e, no entanto, há nela também o elemento Divino, e é isso que torna impossível uma análise exaustiva. Mas admitindo isso, insistimos novamente que a oração é fundamentalmente uma atitude de dependência de Deus. Portanto, a oração é exatamente o oposto de ditar a Deus. Porque a oração é uma atitude de dependência, quem realmente ora é submisso à vontade divina; e submissão à vontade divina significa que nos contentamos com o Senhor suprir nossas necessidades de acordo com os ditames de Seu próprio prazer Soberano. E é por isso que dizemos que cada oração que é oferecida a Deus neste espírito certamente encontrará uma resposta d'Ele.

Aqui, então, está a resposta à nossa pergunta inicial e a solução bíblica para a aparente dificuldade. A oração não é o pedido de Deus para alterar Seu propósito ou para Ele formar um novo. A oração é a tomada de uma atitude de dependência de Deus, a expansão de nossa necessidade diante d'Ele, o pedido de coisas que estão

de acordo com Sua vontade e, portanto, não há nada de inconsistente entre a Soberania Divina e a oração cristã.

Ao encerrar este capítulo, gostaríamos de proferir uma palavra de cautela para proteger o leitor contra tirar uma conclusão falsa do que foi dito. Não procuramos aqui sintetizar todo o ensino das Escrituras sobre o assunto da oração, nem mesmo tentamos discutir em geral o problema da oração. Em vez disso, nos limitamos, mais ou menos, a uma consideração da relação entre a Soberania de Deus e a oração cristã. O que escrevemos pretende principalmente ser um protesto contra grande parte do ensino moderno, que enfatiza tanto o elemento humano na oração que o lado Divino é quase totalmente perdido de vista.

Em Jeremias 10:23 nos é dito: “Não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos”; e, no entanto, em muitas de suas orações, o impulso do homem presume em dirigir o Senhor quanto ao Seu caminho e quanto ao que Ele deve fazer. Isso não pode ser negado, pois qualquer pessoa com algum discernimento espiritual não poderia deixar de detectar esse espírito em muitas de nossas reuniões de orações modernas, onde a carne domina.

Quão lentos todos nós somos para aprender a lição de que a criatura altiva precisa ser derrubada de joelhos e humilhada no pó. E é aqui que o próprio ato da oração pretende nos colocar. Mas o homem (em sua costumeira perversidade) transforma o banquinho em um trono de onde ele gostaria de direcionar o Todo-Poderoso sobre o que Ele deveria fazer, dando ao espectador a impressão de que se Deus tivesse metade da compaixão que aqueles que oram têm, tudo rapidamente estaria certo! Tal é a arrogância da velha natureza, mesmo em um filho de Deus.

Nosso objetivo principal neste capítulo foi enfatizar a necessidade de submeter, em oração, nossa vontade à vontade de Deus. Mas também deve ser acrescentado que a oração é muito mais do que um exercício piedoso, e muito mais do que um desempenho mecânico. A oração é, de fato, um meio divinamente designado pelo qual podemos obter de Deus as coisas que pedimos, desde que peçamos as coisas que estão de acordo com Sua vontade. Essas páginas terão sido escritas em vão, a menos que levem tanto o escritor quanto o leitor a clamar com uma sinceridade mais profunda do que antes: “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11:1).



A Soberania de Deus e a Nossa Atitude

“Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Mt 11:26).

No presente capítulo, consideraremos, um tanto brevemente, a aplicação prática a nós mesmos da grande verdade que ponderamos em suas várias ramificações nas páginas anteriores. No capítulo doze trataremos mais detalhadamente do valor dessa doutrina, mas aqui nos limitaremos a uma definição do que deve ser nossa atitude para com a soberania de Deus.

Toda verdade que nos é revelada na Palavra de Deus

existe não apenas para nossa informação, mas também para nossa inspiração. A Bíblia nos foi dada não para satisfazer uma curiosidade ociosa, mas para edificar as almas de seus leitores. A soberania de Deus é algo mais do que um princípio abstrato que explica a lógica do governo Divino. Ela foi projetada como um motivo para o temor piedoso, é dada a conhecer a nós para a promoção de uma vida justa, é revelada para trazer em sujeição nossos corações rebeldes. Um verdadeiro reconhecimento da soberania de Deus humilha como nada mais pode humilhar, e traz o coração a uma submissão humilde diante de Deus, levando-nos a abrir mão de nossa própria vontade e fazendo-nos deleitar na percepção e desempenho da vontade divina.

Quando falamos da soberania de Deus, queremos dizer muito mais do que o exercício do poder governamental de Deus, embora, é claro, isso esteja incluído na expressão. Como observamos em um capítulo anterior, a soberania de Deus significa a Divindade de Deus. Em seu significado mais completo e profundo, o título deste livro significa o caráter e o ser d'Aquele cujo prazer é realizado e cuja vontade é executada. Reconhecer verdadeiramente a soberania de

Deus é, portanto, contemplar o Próprio Soberano. É entrar na presença da Majestade nas alturas. É ter uma visão do Deus três vezes santo em Sua excelente glória. Os efeitos de tal visão podem ser aprendidos das Escrituras que descrevem a experiência de diferentes pessoas que obtiveram uma visão do Senhor Deus.

Marque a experiência de Jó, aquele de quem o próprio Senhor disse: “Ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal” (Jó 1:8). No final do livro que leva seu nome, vemos Jó na presença divina, e como ele se comporta quando confrontado com Jeová? Ouça o que ele diz: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:5,6). Assim, uma visão de Deus, Deus revelado em impressionante majestade, fez com que Jó se abominasse, e não apenas isso, mas se rebaixasse diante do Todo-Poderoso.

Atente-se no ocorrido com Isaías. No sexto capítulo de sua profecia nos é apresentada uma cena que tem poucas iguais nas Escrituras. O profeta contempla o Senhor sobre o Trono, um Trono alto e sublime. Acima deste Trono estavam os serafins com rostos velados,

clamando: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos” (Is 6:3). Qual é o efeito dessa visão sobre o profeta? Lemos: “Então, disse eu: ai de mim” (v. 5). A visão do Rei Divino humilhou Isaías no pó, levando-o, como fez, à compreensão de sua própria nulidade.

Veja o profeta Daniel. Perto do fim de sua vida, este homem de Deus contemplou o Senhor em manifestação teofânica. Ele apareceu ao Seu servo em forma humana “vestido de linho” e com lombos “cingidos de ouro puro”, símbolo de santidade e glória divina. Lemos que “o seu corpo era como o berilo, o seu rosto, como um relâmpago, os seus olhos, como tochas de fogo, os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como o estrondo de muita gente” (Dn 10:6). Daniel então conta o efeito que esta visão teve sobre ele e aqueles que estavam com ele: “Só eu, Daniel, tive aquela visão; os homens que estavam comigo nada viram; não obstante, caiu sobre eles grande temor, e fugiram e se esconderam. Fiquei, pois, eu só e contemplei esta grande visão, e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma. Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e,

ouvindo-a, caí sem sentidos, rosto em terra” (Dn 10:6-9). Mais uma vez, então, nos é mostrado que obter uma visão do Deus Soberano é para a força da criatura definhar, e resulta no homem ser humilhado no pó diante de seu Criador. Qual deve ser então a nossa atitude para com o Soberano Supremo?

D e v e m o s T e m e r a D e u s

Por que, hoje, as massas estão tão despreocupadas com as coisas espirituais e eternas, e por que são mais amantes dos prazeres do que amantes de Deus? Por que mesmo nos campos de batalha as multidões eram tão indiferentes ao bem-estar de suas almas? Por que a rebeldia contra o Céu está se tornando mais aberta, mais descarada, mais ousada? A resposta é: Porque “não há temor de Deus diante de seus olhos” (Rm 3:18). Novamente; por que a autoridade das Escrituras foi tão tristemente diminuída ultimamente? Por que é que mesmo entre aqueles que professam ser o povo do Senhor há tão pouca sujeição real à Sua Palavra, e que seus preceitos são tão pouco estimados e tão prontamente postos de lado? Ah! O que precisa ser

ênfâtizado hoje é que Deus é um Deus a ser temido.

“O temor do Senhor é o princípio do saber” (Pv 1:7). Feliz a alma que ficou impressionada com a visão da majestade de Deus, que teve uma visão da grandeza terrível de Deus, Sua santidade inefável, Sua justiça perfeita, Seu poder irresistível, Sua graça soberana. Alguém diz: “Mas são apenas os não salvos, aqueles fora de Cristo, que precisam temer a Deus”? Então a resposta suficiente é que os salvos, aqueles que estão em Cristo, são admoestados a operar sua própria salvação com “temor e tremor”. Houve um tempo em que era costume geral falar de um crente como um “homem temente a Deus”. Entretanto, tal denominação tornou-se quase extinta, o que serve apenas para mostrar para onde nos desviamos. No entanto, ainda está escrito: “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem” (Sl 103:13)!

Quando falamos de temor piedoso, é claro, não nos referimos a um temor servil, como o que prevalece entre os pagãos em relação a seus deuses. Não; queremos dizer aquele espírito que Jeová se comprometeu a abençoar, aquele espírito ao qual o profeta se referiu quando disse: “Mas o homem para

quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que treme da minha palavra” (Is 66:2). Era isso que o apóstolo tinha em vista quando escreveu: “Tratai todos com honra, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei” (1 Pe 2:17). E nada promoverá esse temor piedoso como o reconhecimento da Soberana Majestade de Deus.

O b e d i ê n c i a I m p l í c i t a

Uma visão de Deus leva a uma percepção de nossa pequenez. Tal percepção resulta em um sentimento de dependência e de nos lançarmos em Deus. Uma visão da Divina Majestade promove o espírito de temor piedoso e isso, por sua vez, gera uma caminhada obediente. Aqui, então, está o antídoto divino para o mal nativo de nossos corações. Naturalmente, o homem está repleto de um senso de sua própria importância, com sua grandeza e auto-suficiência; em uma palavra, com orgulho e rebeldia. Mas, como observamos, o grande corretivo é contemplar o Deus Poderoso, pois somente isso o humilhará realmente. O homem se gloriará ou em si mesmo ou em Deus. O homem viverá ou para servir e agradar a si mesmo, ou procurará servir e

agradar ao Senhor. Ninguém pode servir a dois senhores.

A irreverência gera desobediência. Disse o altivo monarca do Egito: “Quem é o Senhor para que lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir a Israel” (Ex 5:2). Para o faraó, o Deus dos hebreus era apenas um deus, um entre muitos, uma entidade impotente que não precisava ser temida ou servida. Quão tristemente enganado ele estava, e quão amargamente ele teve que pagar por seu erro, ele logo descobriu; mas o que procuramos aqui enfatizar é que o espírito desafiador de Faraó era fruto da irreverência, e essa irreverência era consequência de sua ignorância da majestade e autoridade do Ser Divino.

Agora, se a irreverência gera desobediência, a verdadeira reverência produzirá e promoverá a obediência. Perceber que as Sagradas Escrituras são uma revelação do Altíssimo, comunicando-nos Sua mente e definindo para nós Sua vontade, é o primeiro passo para a piedade prática. Reconhecer que a Bíblia é a Palavra de Deus, e que seus preceitos são os preceitos do Todo-Poderoso, nos levará a ver que coisa terrível é desprezá-los e ignorá-los. Receber a Bíblia como

dirigida às nossas próprias almas, dada a nós pelo próprio Criador, nos fará clamar com o salmista: “Inclina-me o coração aos teus testemunhos” (Sl 119:36). Uma vez apreendida a soberania do Autor da Palavra, não haverá mais uma questão de escolher entre os preceitos e estatutos dessa Palavra, selecionando aqueles que satisfaçam nossa aprovação; mas será visto que nada menos que uma submissão incondicional e sincera é necessária.

Renúncia Total

Um verdadeiro reconhecimento da soberania de Deus excluirá toda murmuração. Isso é auto evidente, mas o pensamento merece ser considerado. É natural murmurar contra aflições e perdas. É natural reclamar quando somos privados daquilo em que colocamos nossos corações. Estamos aptos a considerar nossas posses como nossas incondicionalmente. Sentimos que, quando executamos nossos planos com prudência e diligência, temos direito ao sucesso; que quando por força de trabalho árduo acumulamos uma “competência”, merecemos mantê-la e desfrutá-la; que

quando estamos cercados por uma família feliz, nenhum “poder” pode entrar legalmente no círculo encantado e derrubar um ente querido; e se em qualquer um desses casos o desapontamento, a falência, a morte realmente vierem, o instinto pervertido do coração humano é clamar contra Deus. Mas naquele que, pela graça, reconheceu a soberania de Deus, tal murmuração é silenciada e, em vez disso, há uma reverência à vontade divina e um reconhecimento de que Ele não nos afligiu tanto quanto merecemos.

Um verdadeiro reconhecimento da soberania de Deus confessará o perfeito direito de Deus de fazer conosco o que Ele quiser. Aquele que se curva ao prazer do Todo-Poderoso reconhecerá Seu direito absoluto de fazer conosco o que Lhe parecer bom. Se Ele escolher enviar pobreza, doença, luto doméstico, mesmo enquanto o coração está sangrando por todos os poros, ele dirá: “Por acaso, o Juiz de toda a terra não fará o que é certo”? Muitas vezes haverá uma luta, pois a mente carnal permanece no crente até o fim de sua peregrinação terrena. Mas, embora possa haver um conflito dentro de seu peito, no entanto, para aquele que realmente se rendeu a esta bendita verdade, logo será

ouvida aquela Voz dizendo, como antigamente disse ao turbulento Genesaré: “Acalme-te, emudece” (Mc 4:39); e a inundação tempestuosa interior será acalmada e a alma subjugada erguerá um olho lacrimoso, mas confiante, para o Céu e dirá: “Seja feita a tua vontade”.

Uma ilustração impressionante de uma alma curvando-se à vontade soberana de Deus é fornecida pela história de Eli, o sumo sacerdote de Israel. Em 1 Samuel 3, aprendemos como Deus revelou ao menino Samuel que Ele estava prestes a matar os dois filhos de Eli por causa de sua maldade, e no dia seguinte Samuel comunica esta mensagem ao sacerdote idoso. É difícil conceber uma mensagem mais terrível para o coração de um pai piedoso. O anúncio de que seu filho será atingido por uma morte súbita é, em qualquer circunstância, uma grande provação para qualquer pai, mas saber que seus dois filhos, no auge da idade adulta e totalmente despreparados para morrer, seriam cortados por um julgamento divino, deve ter sido esmagador.

No entanto, qual foi o efeito sobre Eli quando ele soube de Samuel as trágicas notícias? Que resposta ele deu quando ouviu a terrível notícia? “E disse Eli: É o

SENHOR; faça o que bem lhe aprouver” (1 Sm 3:18). E nenhuma outra palavra lhe escapou. Maravilhosa submissão! Sublime resignação! Adorável exemplificação do poder da graça divina para controlar as afeições mais fortes do coração humano e subjugar a vontade rebelde, levando-a à submissão irrestrita ao prazer Soberano de Jeová.

Outro exemplo, igualmente impressionante, é visto na vida de Jó. Como se sabe, Jó era alguém que temia a Deus e evitava o mal. Se alguma vez houve alguém que poderia razoavelmente esperar que a providência divina sorrisse para ele, falamos como um homem, foi Jó. No entanto, o que aconteceu com ele? Por um tempo as coisas caíram para ele em lugares agradáveis. O Senhor encheu sua aljava dando-lhe sete filhos e três filhas. Ele o fez prosperar em seus negócios temporais até que ele possuísse grandes posses. Mas de repente o sol da vida se escondeu atrás de nuvens escuras. Em um único dia Jó perdeu não apenas seus rebanhos e manadas, mas também seus filhos e filhas. Chegou a notícia de que seu gado havia sido levado por ladrões e seus filhos mortos por um ciclone.

E como ele recebeu essa inteligência? Ouça suas

sublimes palavras: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou”. Ele se curvou à vontade soberana de Jeová. Ele traçou suas aflições de volta à Primeira Causa. Ele olhou para trás dos que haviam roubado seu gado, e além dos ventos que destruíram seus filhos, e viu a mão de Deus. Mas Jó não só reconheceu a soberania de Deus, como também se regozijou nela. Às palavras: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou”, acrescentou, “bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1:21). Oh, que doce submissão! Sublime resignação!

Um verdadeiro reconhecimento da soberania de Deus nos leva a manter todos os nossos planos em suspensão à vontade de Deus. O escritor recorda bem um incidente ocorrido na Inglaterra há mais de vinte anos. A rainha *Vitória* estava morta e a data da coroação de seu filho mais velho, Eduardo, havia sido marcada para abril de 1902. Em todos os comunicados enviados foram omitidas duas letrinhas, *DV-Deo Volente* (Se Deus quiser). Planos foram feitos e todos os arranjos concluídos para as celebrações mais imponentes que a Inglaterra já havia testemunhado. Reis e imperadores de todas as partes da terra receberam convites para participar da cerimônia real. As proclamações do

príncipe foram impressas e exibidas, mas, até onde o escritor sabe, as letras DV não foram encontradas em nenhuma delas.

Um programa muito imponente havia sido arranjado, e o filho mais velho da falecida rainha seria coroado, *Edward VII*, na *Abadia de Westminster* a uma certa hora de um dia fixo. E então Deus interveio e todos os planos do homem foram frustrados. Uma voz mansa e delicada foi ouvida dizendo: “Você avaliou sem Mim”, e o príncipe *Edward* foi acometido de apendicite e sua coroação adiada por meses!

Como observado, um verdadeiro reconhecimento da soberania de Deus nos leva a manter nosso plano submisso à vontade de Deus. Faz-nos reconhecer que o Oleiro Divino tem poder absoluto sobre o barro e o molda de acordo com seu próprio prazer imperial. Isso nos leva a prestar atenção a essa advertência: “Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos,

como também faremos isto ou aquilo” (Tg 4:13-15).

Sim, é à vontade do Senhor que devemos nos curvar. Cabe a Ele dizer onde vou morar, se na América ou na África. Cabe a Ele determinar em que circunstâncias viverei, seja na riqueza ou na pobreza, seja na saúde ou na doença. Cabe a Ele dizer quanto tempo viverei, se serei cortado na juventude como a flor do campo, ou se continuarei por mais sessenta anos. Realmente aprender esta lição é, pela graça, alcançar uma forma elevada na escola de Deus, e mesmo quando pensamos que a aprendemos, descobrimos, repetidamente, que temos que reaprender.

Profunda Gratidão e Alegria

A apreensão desta verdade mais abençoada da soberania de Deus produz algo muito diferente do que uma reverência sombria ao inevitável. O reconhecimento da supremacia de Deus não deve apenas gerar em nós temor piedoso, obediência implícita e inteira resignação, mas deve nos levar a dizer com o salmista: “Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome” (Sl

103:1). Por acaso, o Apóstolo não nos diz: “Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 5:20)? Ah! É neste ponto que o estado de nossas almas é muitas vezes posto à prova. Infelizmente, há tanta vontade própria em cada um de nós! Quando as coisas correm como desejamos, parecemos estar muito gratos a Deus; mas e quando as coisas vão contra nossos planos e desejos?

Nós damos como certo quando o verdadeiro cristão faz uma viagem de trem que, ao chegar ao seu destino, ele devotamente retorna graças a Deus, o que, é claro, argumenta que Ele controla tudo; caso contrário, devemos agradecer ao maquinista, ao foguista, aos sinalizadores, etc. Ou, se nos negócios, no final de uma boa semana, a gratidão é expressa ao Doador de todo bem (temporal) e todo presente perfeito (espiritual), o que novamente argumenta que Ele direciona todos os clientes para sua loja. Até agora tudo bem. Tais exemplos não ocasionam nenhuma dificuldade. Mas imagine o oposto. Suponha que meu trem estivesse atrasado por horas. Suponha também que outro trem colida com ele e eu seja ferido! Ou, suponha que eu tenha tido uma semana ruim nos negócios, ou que um

raio atingiu minha loja e a incendiou, ou que ladrões arrombaram e saquearam. Por acaso, verei a mão de Deus nessas coisas?

Tomemos o caso de Jó mais uma vez. Quando perda após perda veio em seu caminho, o que ele fez? Lamentou sua “má sorte”? Amaldiçoou os ladrões? Murmurou contra Deus? Não; ele se curvou diante d’Ele em adoração. Ah! Caro leitor, não há descanso real para o seu pobre coração até que você aprenda a ver a mão de Deus em tudo. Mas para isso, a fé deve estar em constante exercício. E o que é fé? Uma credulidade cega? Uma submissão fatalista? Não, longe disso. A fé é um descanso na segura Palavra do Deus vivo. “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8:28); e, portanto, a fé dará graças sempre por todas as coisas. A fé operativa “Alegrai-vos sempre no Senhor” (Fp 4:4).

Voltamo-nos agora para assinalar como este reconhecimento da soberania de Deus, que é expresso em temor piedoso, obediência implícita, resignação total e profunda gratidão e alegria, foi supremo e perfeitamente exemplificado pelo Senhor Jesus Cristo.

Em todas as coisas o Senhor Jesus nos deixou um exemplo de que devemos seguir Seus passos. Mas isso é verdade em relação ao primeiro ponto feito acima? As palavras “temor piedoso” estão sempre ligadas ao Seu nome inigualável? Lembrando que “temor piedoso” não significa terror servil, mas sim sujeição e reverência filial, e lembrando também que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Pv 9:10), seria estranho se nenhuma menção fosse feita de “temor piedoso” em conexão com Aquele que era a sabedoria encarnada. Que palavra maravilhosa e preciosa é a de Hebreus 5:7: “Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade”.

O que foi, senão “temor piedoso” que fez com que o Senhor Jesus se sujeitasse a Maria e José nos dias de Sua infância? Por acaso, não foi “temor piedoso”, uma sujeição filial e reverência a Deus, que vemos quando lemos: “Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler” (Lc 4:16)? Não foi o “temor piedoso” que fez com que o Filho encarnado dissesse,

quando tentado por Satanás a prostrar-se e adorá-lo: “Está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele servirás”? Não foi o “temor piedoso” que O moveu a dizer ao leproso curado: “vai mostrar-te ao sacerdote e fazer a oferta que Moisés ordenou, para servir de testemunho ao povo” (Mt 8:4)?

Quão perfeita foi a obediência que o Senhor Jesus ofereceu a Deus Pai! E refletindo sobre isso, não percamos de vista aquela graça maravilhosa que fez com que Ele, que estava na própria forma de Deus, se rebaixasse a ponto de tomar sobre Ele a forma de um Servo. Como o Servo perfeito, Ele rendeu completa obediência ao Seu Pai. Quão absoluta e completa foi essa obediência, podemos aprender com as palavras que Ele “tornando-se obediente até à morte e morte de cruz” (Fl 2:8). Que esta foi uma obediência consciente e inteligente é claro em Sua própria linguagem: “Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai” (Jo 10:17,18).

E que diremos da resignação absoluta do Filho à

vontade do Pai? Entre eles havia inteira unidade de acordo. Ele disse: “Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou” (Jo 6:38); e pelo fato d’Ele ter plenamente fundamentado essa afirmação, todos souberam e seguiram atentamente o Seu caminho como assinalado nas Escrituras.

Contemple-o no Getsêmani! O cálice amargo, na mão do Pai, é apresentado à Sua vista. Marque bem Sua atitude. Aprenda d’Aquele que foi manso e humilde de coração. Lembre-se que lá no Jardim vemos o Verbo que se tornou carne, um Homem perfeito. Seu corpo estremeceu a cada nervo na contemplação dos sofrimentos físicos que o aguardavam; Sua natureza santa e sensível estava se retraindo das horríveis indignidades que seriam lançadas sobre Ele; Seu coração estava quebrando com a terrível “reprovação” que estava diante d’Ele; Seu espírito estava muito perturbado ao prever o terrível conflito com o Poder das Trevas; e acima de tudo, e supremamente, Sua alma estava cheia de horror com o pensamento de ser separado do próprio Deus. Por isso, Ele derrama Sua alma ao Pai, e com forte clamor e lágrimas Ele derrama,

por assim dizer, gotas de sangue.

Mas agora observe e ouça. Acalme as batidas do seu coração e ouça as palavras que saem de Seus lábios abençoados: “Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua” (Lc 22:42). Aqui está a submissão em pessoa. Aqui está a resignação ao prazer de um Deus Soberano superlativamente exemplificado. E Ele nos deixou um exemplo de que devemos seguir Seus passos. Aquele que era Deus se fez homem, e tirando o pecado, Ele foi tentado em todos os pontos como nós, para nos mostrar como usar nossa natureza de criatura!

Acima perguntamos: “O que diremos da absoluta resignação de Cristo à vontade do Pai”? Respondemos que em todos os lugares, Ele era único, inigualável. Em todas as coisas Ele tem a preeminência. No Senhor Jesus não havia vontade rebelde a ser quebrada. Em Seu coração não havia nada a ser subjugado. Não foi esta a razão pela qual, na linguagem da profecia, Ele disse: “Eu sou verme e não homem” (Sl 22:6). Um verme não tem poder de resistência! Foi porque n’Ele não havia resistência que Ele poderia dizer: “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e

realizar a sua obra” (Jo 4:34). Sim, foi porque Ele estava em perfeito acordo com o Pai em todas as coisas que Ele disse: “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (Sl 40:8). Observe a última cláusula aqui e contemple Sua excelência incomparável. Deus tem que colocar Suas leis em nossas mentes e escrevê-las em nossos corações (Hb 8:10), mas Suas leis já estavam no coração de Cristo!

Que bela e impressionante ilustração da gratidão e alegria de Cristo é encontrada em Mateus 11. Ali vemos, primeiro, o fracasso da fé de Seu precursor (vv. 22,23). A seguir, ficamos sabendo do descontentamento do povo; não satisfeito nem com a alegre mensagem de Cristo, nem com a de João (vv. 16-20). Terceiro, temos o não arrependimento daquelas cidades favorecidas nas quais as obras mais poderosas de nosso Senhor foram feitas (vv. 21-24). E então lemos: “Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos” (v. 25)! Observe a passagem paralela em Lucas 10:21 que começa dizendo: “Naquela hora, exultou Jesus no Espírito Santo e exclamou: Graças te dou”, etc. Ah! Aqui

estava a submissão em sua forma mais pura. Aqui estava Aquele por quem os mundos foram feitos, mas, nos dias de Sua humilhação e em face de Sua rejeição, curvou-se com gratidão e alegria à vontade do Senhor do Céu e da terra.

A d o r a ç ã o

Foi bem dito que “a verdadeira adoração é baseada na GRANDEZA reconhecida, e a grandeza é vista superlativamente na soberania, e em nenhum outro escabelo os homens realmente adorarão” (*JB Temperamental*). Na presença do Rei Divino em Seu trono até os serafins velam seus rostos.

A soberania Divina não é a soberania de um déspota tirânico, mas o prazer exercido de Alguém que é infinitamente sábio e bom! Porque Deus é infinitamente sábio, Ele não pode errar e porque Ele é infinitamente justo, Ele não cometerá erros. Aqui, então, está a preciosidade desta verdade. O mero fato de que a vontade de Deus é irresistível, me enche de medo, mas quando percebo que Deus quer apenas o que é bom, meu coração se alegra.

Aqui, então, está a resposta final para a pergunta deste capítulo: “Qual deve ser nossa atitude para com a soberania de Deus”? A atitude adequada que devemos tomar é a de um temor piedoso, obediência implícita e resignação e submissão sem reservas. Mas não apenas isso. A percepção de que o Próprio Soberano é meu Pai, deve sobrecarregar o coração e fazer com que eu me prostre diante d’Ele em adoração. Em todos os momentos devo dizer: “Ainda assim, Pai, porque assim parece bem aos Teus olhos”. Concluimos com um exemplo que ilustra bem nosso significado.

Cerca de duzentos anos atrás, a santa *Madame Cuyon*, depois de dez anos passados em uma masmorra muito abaixo da superfície do solo, iluminada apenas por uma vela na hora das refeições, escreveu estas palavras:

“Um passarinho eu sou, fechado dos campos de ar. No entanto, na minha jaula eu sento e canto para Aquele que me colocou aqui; Bem satisfeita, uma prisioneira eu sou, porque, meu Deus, isso Te agrada. Nada mais tenho a fazer. Eu canto o dia inteiro, e Aquele a quem mais gosto de agradar, ouve minha canção. Ele pegou e amarrou minha asa errante, mas mesmo assim Ele

se inclina para me ouvir cantar. Minha gaiola me confina; exteriormente não posso voar; mas embora minha asa esteja estreitamente ligada, meu coração está em liberdade. Minhas paredes da prisão não podem controlar a fuga, a liberdade da alma. Ah! Como é bom voar, por meio desses parafusos e barras que me cercam. Àquele cujo propósito eu adoro, cuja providência eu amo, em Tua poderosa vontade encontro alegria e liberdade”.



Dificuldades e Objecções

“Dizeis, porém: O caminho do Senhor não é justo. Ouvi, pois, ó casa de Israel: Acaso não é justo o meu caminho? não são os vossos caminhos que são injustos?” (Ez 18:25).

Chegamos a um ponto conveniente em que podemos agora examinar, mais definitivamente, algumas das dificuldades encontradas e as objeções que podem ser levantadas contra o que escrevemos nas páginas anteriores. O autor achou melhor reservá-las para uma consideração separada, em vez de tratá-las à medida que avançava, pois quebraria o curso do

pensamento e destruiria a estrita unidade de cada capítulo, ou então sobrecarregaria nossas páginas com numerosas e extensas notas de rodapé.

Que há dificuldades envolvidas na tentativa de expor a verdade da soberania de Deus é prontamente reconhecido. A coisa mais difícil de todas, talvez, seja manter o equilíbrio da verdade. É em grande parte uma questão de perspectiva. Que Deus é soberano é explicitamente declarado nas Escrituras. Que o homem é uma criatura responsável também é expressamente afirmado nas Sagradas Escrituras. Definir a relação dessas duas verdades, fixar a linha divisória entre elas, mostrar exatamente onde elas se encontram, exibir a perfeita consistência de uma com a outra, é a tarefa mais pesada de todas. Muitos declararam abertamente que é impossível para a mente finita harmonizá-las.

Outros nos dizem que não é necessário ou mesmo sábio tentar. Mas, como observamos em um capítulo anterior, parece-nos mais honroso a Deus buscar em Sua Palavra a solução para cada problema. O que é impossível para o homem é possível para Deus, e embora admitamos que a mente finita é limitada em seu alcance, ainda assim, lembramos que as Escrituras nos

são dadas para que o homem de Deus possa ser completamente equipado. Por isso, se abordarmos seu estudo com espírito de humildade e expectativa, então, de acordo com nossa fé, será de grande proveito para nós.

Como observado acima, a tarefa mais difícil neste contexto é preservar o equilíbrio da verdade enquanto insiste tanto na soberania de Deus quanto na responsabilidade da criatura. Para alguns de nossos leitores pode parecer que ao pressionar a soberania de Deus até o limite que temos, o homem é reduzido a um mero fantoche. Portanto, para se protegerem disso, eles modificariam suas definições e declarações relativas à soberania de Deus, e assim procurariam embotar a ponta afiada do que é tão ofensivo à mente carnal.

Outros, embora se recusem a pesar as evidências que apresentamos em apoio de nossas afirmações, podem levantar objeções que, em suas mentes, são suficientes para descartar todo o assunto. Não perderíamos tempo no esforço de refutar as objeções feitas com espírito carrasco e contencioso, mas desejamos enfrentar com justiça as dificuldades experimentadas por aqueles que estão ansiosos por

obter um conhecimento mais completo da verdade. Não que nos consideremos capazes de dar uma resposta satisfatória e final a todas as perguntas que possam ser feitas. Como o leitor, o escritor sabe apenas em parte e vê através de um espelho. Tudo o que podemos fazer é examinar essas dificuldades à luz que temos agora, na dependência do Espírito de Deus, para que possamos seguir em frente para conhecer melhor o Senhor.

Propomos agora refazer nossos passos e seguir a mesma ordem de pensamento que seguimos até aqui. Como parte de nossa “definição” da soberania de Deus, afirmamos:

Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é o Todo-Poderoso, o Possuidor de todo o poder no céu e na terra, para que ninguém possa derrotar Seus conselhos, frustrar Seu propósito ou resistir à Sua vontade... A soberania do Deus da Escritura é absoluta, irresistível, infinita.

Para colocar agora em sua forma mais forte, insistimos que Deus faz o que Lhe agrada, somente o que Lhe apraz, sempre como Lhe apraz; que tudo o que acontece no tempo é apenas o resultado daquilo que Ele

decretou na eternidade. Como prova desta afirmação, apelamos para a seguinte Escritura: “No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada” (Sl 115:3). “Porque o SENHOR dos Exércitos o determinou; quem, pois, o invalidará? A sua mão está estendida; quem, pois, a fará voltar atrás?” (Is 14:27). “Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?” (Dn 4:35). “Porque d’Ele, e por meio d’Ele, e para Ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11:36).

As declarações acima são tão claras e positivas que quaisquer comentários nossos sobre elas seriam simplesmente conselhos obscuros por palavras sem conhecimento. Tais declarações expressas como as que acabamos de citar são tão abrangentes e tão dogmáticas que toda controvérsia sobre o assunto de que tratam deveria estar para sempre encerrada.

No entanto, em vez de recebê-las pelo seu valor nominal, todos os artifícios da ingenuidade carnal são utilizados para neutralizar sua força. Por exemplo, foi perguntado: “Se o que vemos no mundo hoje é apenas

a realização do propósito eterno de Deus, se o conselho de Deus está sendo cumprido AGORA, então por que nosso Senhor ensinou Seus discípulos a orar: ‘Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu’? Não é uma clara implicação dessas palavras que a vontade de Deus não está sendo feita agora na terra”? A resposta é muito simples. A palavra enfática na cláusula acima é “como”. A vontade de Deus está sendo feita na terra hoje, se não for, então nossa terra não está sujeita ao governo de Deus, e se não estiver sujeita ao Seu governo, então Ele não é, como as Escrituras proclamam que Ele é: “O Senhor de toda a terra” (Js 3:13).

Mas a vontade de Deus não está sendo feita na terra como no céu. Como a vontade de Deus é feita no Céu? Conscientemente e com alegria, mas na terra os não salvos entre os homens cumprem Sua vontade cegamente e na ignorância. Como dissemos em páginas anteriores, quando Judas traiu o Senhor Jesus e quando Pilatos O sentenciou a ser crucificado, eles não tinham intenções conscientes de cumprir os decretos de Deus, no entanto, sem que soubessem, eles o fizeram!

Mas novamente, alguém pode argumentar: “Se tudo o que acontece na terra é o cumprimento do prazer do

Todo-Poderoso, se Deus preordenou, antes da fundação do mundo, tudo o que acontece na história humana, então por que lemos em Gênesis 6:6: ‘Arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração?’ Essa linguagem não indica que os antediluvianos seguiram um curso que seu Criador não havia marcado para eles, e que, em vista do fato de terem corrompido seu caminho na terra, o Senhor lamentou que Ele tivesse trazido tal criatura à existência”?

Antes de chegar a tal conclusão, observemos o que está envolvido em tal inferência. Se as palavras “Arrependeu o Senhor de ter feito o homem” são consideradas em sentido absoluto, então a onisciência de Deus seria negada, pois em tal caso o curso seguido pelo homem deve ter sido imprevisto por Deus no dia em que Ele o criou. Portanto, deve ser evidente para toda alma reverente que essa linguagem tem algum outro significado. Supomos que as palavras “Arrependeu o Senhor” são uma acomodação à nossa inteligência finita, e ao dizer isso não estamos procurando escapar de uma dificuldade ou cortar um nó, mas estamos avançando para uma interpretação que

procuraremos mostrar que está em perfeito acordo com a tendência geral das Escrituras.

A Palavra de Deus é dirigida aos homens e, portanto, fala a linguagem dos homens. Porque não podemos subir ao nível de Deus, Ele, em graça, desce ao nosso e conversa conosco de acordo com a nossa própria capacidade. O apóstolo Paulo nos conta como ele foi “arreatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir” (2 Co 12:4). Aqueles na terra não podiam entender o vernáculo do Céu. O finito não pode compreender o Infinito, por isso o Todo-Poderoso expressa Sua revelação em termos que possamos entender. É por esta razão que a Bíblia contém muitos antropomorfismos, isto é, representações de Deus na forma de homem. Deus é Espírito, mas as Escrituras falam d’Ele como tendo olhos, ouvidos, narinas, respiração, mãos, etc., o que certamente é uma acomodação de termos rebaixados ao nível da compreensão humana.

Novamente; lemos em Gênesis 18:20,21: “Disse mais o Senhor: Com efeito, o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado, e o seu pecado se tem agravado muito. Descerei e verei se, de fato, o que têm praticado

corresponde a esse clamor que é vindo até mim; e, se assim não é, sabê-lo-ei”. Agora, manifestamente, este é um antropomorfismo; Deus falando em linguagem humana. Deus conhecia as condições que prevaleciam em Sodoma, e Seus olhos testemunharam seus terríveis pecados, mas Ele se agrada de usar termos aqui que são tirados de nosso próprio vocabulário.

Novamente; em Gênesis 22:12 lemos: “Então, (Deus) lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho”. Aqui, novamente, Deus está falando na linguagem dos homens, pois Ele sabia antes de testar Abrão exatamente como o patriarca agiria. Também devemos entender várias outras expressões de Deus, usadas tantas vezes no livro de Jeremias (7:13 etc.) Quando nos é dito que Deus se “levantou cedo” é manifestamente uma acomodação de termos.

Na parábola da vinha, o próprio Cristo representa o Dono da vinha, dizendo: “Então, disse o dono da vinha: Que farei? Enviarei o meu filho amado; talvez o respeitem” (Lc 20:13); e, no entanto, é certo que Deus sabia perfeitamente bem que o “lavrador” da vinha (os

judeus) não iriam reverenciar Seu Filho, mas, em vez disso, desprezariam e rejeitariam Ele como Sua própria Palavra havia declarado!

Da mesma forma, entendemos as palavras de Gênesis 6:6: “Arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra”, como uma acomodação de termos à compreensão humana. Este versículo não ensina que Deus foi confrontado com uma contingência imprevista e, portanto, lamentou ter feito o homem, mas expressa a aversão de um Deus santo pela terrível maldade e corrupção em que o homem caiu. Se houver alguma dúvida remanescente nas mentes de nossos leitores quanto à legitimidade e solidez de nossa interpretação, um apelo direto às Escrituras deve removê-la imediata e inteiramente. “Também a Glória de Israel (um título divino) não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa” (1 Sm 15:29)! “Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tg 1:17)!

Atenção cuidadosa ao que dissemos acima lançará luz sobre inúmeras outras passagens que, se ignorarmos seu caráter figurativo e deixarmos de notar que Deus

aplica a Si mesmo modos humanos de expressão, serão obscuras e desconcertantes. Tendo comentado tão longamente sobre Gênesis 6:6, não haverá necessidade de dar uma exposição tão detalhada de outras passagens que pertencem à mesma classe. Mas para o benefício daqueles de nossos leitores que podem estar ansiosos para examinarmos vários outras Escrituras, nos voltamos para mais algumas passagens.

Uma passagem que muitas vezes encontramos citada para derrubar o ensino demonstrado neste livro é o lamento de nosso Senhor sobre Jerusalém: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!” (Mt 23:37). A pergunta que geralmente é feita é: “Essas palavras não mostram que o Salvador reconheceu a derrota de Sua missão? Não demonstram como o povo judeu resistiu a todas as Suas graciosas propostas para com eles”?

Ao responder a esta pergunta, deve-se primeiro apontar que nosso Senhor está aqui se referindo não tanto à Sua própria missão, mas repreende os judeus

por terem rejeitado Sua graça em todas as épocas; isso fica claro em Sua referência aos profetas. O Antigo Testamento dá pleno testemunho de quão graciosamente e pacientemente Jeová lidou com Seu povo, e com que extrema obstinação, do início ao fim, eles se recusaram a ser “reunidos” a Ele, e como no final Ele os abandonou para seguir seus próprios caminhos, no entanto, como as mesmas Escrituras declaram, o conselho de Deus não foi frustrado por sua maldade, pois havia sido predito (e, portanto, decretado) por Ele. (veja, por exemplo, 1 Reis 8:33).

Mateus 23:37 pode muito bem ser comparado com Isaías 65:2, onde o Senhor diz: “Estendi as mãos todo dia a um povo rebelde, que anda por caminho que não é bom, seguindo os seus próprios pensamentos”. Mas, pode-se perguntar, Deus procurou fazer o que estava em oposição ao Seu próprio propósito eterno? Em palavras emprestadas de Calvino, respondemos: “Embora, para nossa compreensão, a vontade de Deus seja múltipla e variada, Ele não quer em si mesmo as coisas que divergem umas das outras, mas surpreende nossas faculdades com Sua sabedoria variada e multiforme. De acordo com a expressão de Paulo, Ele

faz isso até que possamos entender que Ele misteriosamente quer o que agora parece contrário à Sua vontade”.

Como uma ilustração adicional do mesmo princípio, remetemos o leitor a Isaías 5:1-4: “Agora, cantarei ao meu amado o cântico do meu amado a respeito da sua vinha. O meu amado teve uma vinha num outeiro fertilíssimo. Sachou-a, limpou-a das pedras e a plantou de vides escolhidas; edificou no meio dela uma torre e também abriu um lagar. Ele esperava que desse uvas boas, mas deu uvas bravas. Agora, pois, ó moradores de Jerusalém e homens de Judá, julgai, vos peço, entre mim e a minha vinha. Que mais se podia fazer ainda à minha vinha, que eu lhe não tenha feito? E como, esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas?” Não é claro a partir desta linguagem que Deus considerou ter feito o suficiente para Israel para garantir uma expectativa, falando à maneira dos homens, de melhores retornos?

No entanto, não é igualmente evidente quando Jeová diz; “Ele esperava que desse uvas boas” que Ele está se acomodando a uma forma de expressão finita? E, assim também quando Ele diz: “Que mais se podia fazer

ainda à minha vinha, que eu lhe não tenha feito?” (Is 5:4). Ele se refere apenas a privilégios externos, meios e oportunidades, que foram concedidos a Israel, pois, é claro, Ele poderia até então tirar deles o coração de pedra e lhes dar um novo coração, se Ele assim o agradasse.

Talvez devêssemos relacionar com o lamento de Cristo sobre Jerusalém em Mateus 23:37; com Suas lágrimas sobre a cidade, registradas em Lucas 19:41: “Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou”. Nos versículos que se seguem imediatamente aprendemos o que foi que ocasionou Suas lágrimas: “Dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco (Lc 19:42,43). Era a perspectiva do terrível julgamento que Cristo sabia que estava iminente.

Mas essas lágrimas manifestaram um Deus desapontado? Não! Em vez disso, eles exibiram um Homem perfeito. O Homem Cristo Jesus não era um estoico sem emoção, mas Um “cheio de compaixão”. Essas lágrimas expressaram as simpatias sem pecado de

Sua humanidade real e pura. Se Ele não tivesse “chorado”, Ele teria sido menos que humano. Essas “lágrimas” foram uma das muitas provas de que “em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos” (Hb 2:17).

No primeiro capítulo afirmamos que Deus é soberano no exercício de Seu amor, e ao dizer isso estamos plenamente conscientes de que muitos se ressentirão fortemente da declaração e que, além disso, o que temos a dizer agora provavelmente encontrará mais críticas do que qualquer outra coisa demonstrada neste livro. No entanto, devemos ser fiéis às nossas convicções do que acreditamos ser o ensino da Sagrada Escritura, e só podemos pedir aos nossos leitores que examinem diligentemente à luz da Palavra de Deus o que aqui submetemos à sua atenção.

Uma das crenças mais populares da época é que Deus ama a todos, e o próprio fato de ser tão popular entre todas as classes deve ser suficiente para despertar as suspeitas daqueles que estão sujeitos à Palavra da Verdade. O Amor de Deus para com todas as Suas criaturas é o princípio fundamental e favorito dos Universalistas, Unitaristas, Teosofistas, Cientistas

Cristãos, Espiritualistas, etc. Não importa como um homem possa viver, desafiando abertamente o Céu, sem nenhuma preocupação pelos interesses eternos de sua alma, ainda menos pela glória de Deus, morrendo, talvez com um juramento em seus lábios; não obstante, muitos dizem, que Deus ama a todos. Tal dogma foi proclamado tão amplamente e traz tanto conforto para o coração que está em inimizade com Deus, que temos pouca esperança de convencer muitos de seu erro.

Que Deus ama a todos é, podemos dizer, uma crença bastante moderna. Os escritos dos pais da igreja, os reformadores ou os puritanos serão (acreditamos) pesquisados em vão por qualquer conceito desse tipo. Talvez o falecido D.L. *Moody*, cativado por “*A Maior Coisa do Mundo*” de *Drummond*, fez mais do que qualquer outra pessoa no século passado para popularizar esse conceito.

Costuma-se dizer que Deus ama o pecador embora odeie seu pecado. Mas essa é uma distinção sem sentido. O que há em um pecador além do pecado? Não é verdade que “toda a cabeça está doente” e “todo o coração enfermo” e que “desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã”? (Is 1:5,6). É verdade que

Deus ama aquele que despreza e rejeita Seu bendito Filho? Deus é Luz assim como Amor e, portanto, Seu amor deve ser um amor santo. Dizer ao rejeitador de Cristo que Deus o ama é cauterizar sua consciência, bem como dar-lhe uma sensação de segurança em seus pecados. O fato é que o amor de Deus é uma verdade somente para os santos, e apresentá-lo aos inimigos de Deus é pegar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.

Com exceção de João 3:16, nem uma vez nos quatro Evangelhos lemos sobre o Senhor Jesus, o Mestre perfeito, dizendo aos pecadores que Deus os amava! No livro de Atos, que registra os trabalhos evangelísticos e as mensagens dos Apóstolos, o amor de Deus nunca é mencionado! Mas quando chegamos às Epístolas, que são dirigidas aos santos, temos uma apresentação completa desta preciosa verdade; o amor de Deus pelos Seus. Procuremos dividir corretamente a Palavra de Deus e então não seremos encontrados pegando verdades que são dirigidas aos crentes e aplicando-as erroneamente aos incrédulos. O que os pecadores precisam trazer diante deles é a santidade infável, a justiça exata e inflexível e a terrível ira de Deus.

Arriscando o perigo de ser mal compreendido, digamos, a cada evangelista e pregador do país, que há muita apresentação de Cristo aos pecadores hoje (por aqueles são na fé), e muito pouco da necessidade deles de Cristo, isto é, sua condição absolutamente arruinada e perdida, seu perigo iminente e terrível de sofrer a ira vindoura, a terrível culpa que repousa sobre eles à vista de Deus. Apresentar Cristo àqueles que nunca foram mostrados sua necessidade d'Ele, parece nos fazer culpados de lançar pérolas aos porcos.²

Se é verdade que Deus ama cada membro da família humana, então por que nosso Senhor disse a Seus discípulos: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai... Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará” (Jo 14:21,23)? Por que

² Com relação ao jovem rico, de quem se diz que Cristo “o amou” (Marcos 10:21), acreditamos plenamente que ele era um dos eleitos de Deus e foi “salvo” algum tempo depois de sua conversa com nosso Senhor. Se for dito que esta é uma suposição e afirmação arbitrária que carece de qualquer coisa no registro do Evangelho para substanciar isso, nós respondemos: Está escrito: “Aquele que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”, e este homem certamente o foi até a Ele. Compare o caso de Nicodemos. Ele também veio a Cristo, mas não há nada em João 3 que indique que ele era um homem salvo quando a conversa terminou; no entanto, sabemos de sua vida posterior que ele não foi “expulso”.

dizer “Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará” se o Pai ama a todos? A mesma limitação é encontrada em Provérbios 8:17: “Eu amo os que me amam”. Novamente; lemos: “Aborreces a todos os que praticam a iniquidade” (Sl 5:5); não apenas as obras da iniquidade.

Aqui, então, está um repúdio ao ensino atual de que Deus odeia o pecado, mas ama o pecador. A Escritura diz: “Aborreces a todos os que praticam a iniquidade” (Sl 5:5)! “Deus é justo juiz, Deus que sente indignação todos os dias” (Sl 7:11). “o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”; não “permanecerá”, mas mesmo agora, “sobre ele permanece” (Jo 3:36). Deus pode “amar” aquele em quem sua “ira” permanece? Novamente; não é evidente que as palavras “o amor de Deus, que está em Cristo Jesus” (Rm 8:39) marca uma limitação, tanto na esfera quanto nos objetos de Seu amor? Novamente; não fica claro pelas palavras “Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú” (Rm 9:13) que Deus não ama a todos? Está escrito: “Porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe” (Hb 12:6). Este versículo não ensina que o amor de Deus é restrito aos

membros de Sua própria família? Se Ele ama todos os homens sem exceção, então a distinção e limitação aqui mencionadas são completamente sem sentido. Finalmente, perguntaríamos: “É concebível que Deus ame os condenados no Lago de Fogo”? No entanto, se Ele os ama agora, Ele deve amá-los no futuro, visto que Seu amor não conhece mudança, pois Ele é sem variação ou sombra de variação!

Voltando agora a João 3:16, deve ser evidente pelas passagens que acabamos de citar que este versículo não suportará a construção usualmente colocada sobre ele. “Deus amou o mundo de tal maneira.” Muitos supõem que isso significa toda a raça humana. Mas “toda a raça humana” inclui toda a humanidade desde Adão até o fim da história da terra. A raça humana se estende tanto para trás quanto para frente!

Considere, então, a história da humanidade antes do nascimento de Cristo. Incontáveis milhões viveram e morreram antes que o Salvador viesse à terra, viveram aqui “sem esperança e sem Deus no mundo” e, portanto, passaram para uma eternidade de aflição. Se Deus os “amou”, onde está a menor prova disso? As Escrituras declaram “o qual (Deus), nas gerações passadas,

permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos” (At 14:16). As Escrituras declaram que “por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes” (Rm 1:28). A Israel Deus disse: “somente a vós outros vos escolhi” (Am 3:2).

Em vista dessas passagens claras, quem será tão tolo a ponto de insistir que Deus no passado amou toda a humanidade! O mesmo se aplica com igual força ao futuro. Leia todo o livro de Apocalipse, observando especialmente os capítulos 8 a 19, onde são descritos os julgamentos que serão derramados do céu nesta terra. Leia sobre as terríveis aflições, as terríveis pragas, as taças da ira de Deus, que serão esvaziadas sobre os ímpios. Finalmente, leia o capítulo vinte de Apocalipse, o julgamento do grande trono branco e veja se você pode descobrir ali o menor traço de amor.

Mas o opositor volta a João 3:16 e diz: “Mundo significa mundo”. É verdade, mas mostramos que “o mundo” não significa toda a família humana. O fato é que “o mundo” nesse versículo é usado de maneira geral. Quando os irmãos de Cristo disseram:

“manifesta-te ao mundo” (Jo 7:4), eles queriam dizer: “apresenta-te a toda a humanidade”? Quando os fariseus disseram: “Eis aí vai o mundo após ele” (Jo 12:19), eles queriam dizer que “toda a família humana” estava se reunindo atrás dele? Quando o Apóstolo escreveu: “Em todo o mundo, é proclamada a vossa fé” (Rm 1:8), ele quis dizer que a fé dos santos em Roma era assunto de conversa por todo homem, mulher e criança na terra? Quando, nos é informado no livro de Apocalipse 13:3 que “toda a terra se maravilhou, seguindo a besta”, devemos entender que não haverá exceções? Essas e outras passagens que podem ser citadas mostram que o termo “o mundo” muitas vezes tem uma conotação relativa e não absoluta.

Agora, a primeira coisa a notar em relação a João 3:16 é que nosso Senhor estava falando com Nicodemos, um homem que acreditava que as misericórdias de Deus estavam confinadas à sua própria nação. Cristo anunciou ali que o amor de Deus ao dar Seu Filho tinha um objetivo maior em vista, que fluía além dos limites da Palestina, alcançando outras regiões. Em outras palavras, este foi o anúncio de Cristo de que Deus tinha um propósito de graça tanto para os gentios quanto para

os judeus. “Deus amou o mundo de tal maneira”, então, significa que o amor de Deus é internacional em seu escopo. Mas isso significa que Deus ama cada indivíduo entre os gentios? Não necessariamente, pois, como vimos, o termo “mundo” é geral e não específico, relativo e não absoluto. O termo “mundo” em si mesmo não é conclusivo. Para averiguar quem são os objetos do amor de Deus, outras passagens onde Seu amor é mencionado devem ser consultadas.

Em 2 Pedro 2:5 lemos sobre “o mundo dos ímpios”. Se, então, existe um mundo de ímpios, deve haver também um mundo de piedosos. São os últimos que estão em vista nas passagens que agora consideraremos brevemente. “Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6:33). Agora observe bem, Cristo não disse: “Oferece vida ao mundo”, mas “dá”. Qual a diferença entre os dois termos? Uma coisa que é “oferecida” pode ser recusada, mas uma coisa “dada” implica necessariamente sua aceitação. Se não for aceito, e por isso não for “dado”, é simplesmente uma oferta. Aqui, então, está uma Escritura que afirma positivamente que Cristo dá vida (espiritual, vida eterna) “ao mundo”. Agora Ele não dá a vida eterna ao

“mundo dos ímpios” porque eles não a terão; eles não a querem. Portanto, somos obrigados a entender a referência em João 6:33 como sendo “o mundo dos piedosos”, ou seja, o próprio povo de Deus.

Em 2 Coríntios 5:19 lemos: “A saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo”. O que se quer dizer com isso está claramente definido nas palavras imediatamente seguintes; “não imputando aos homens as suas transgressões”. Aqui, novamente, “o mundo” não pode significar “o mundo dos ímpios”, pois suas “transgressões são imputadas” a eles, como o julgamento do Senhor mostrará. Mas 2 Coríntios 5:19 ensina claramente que há um “mundo” que é “reconciliado” com Deus porque suas ofensas não são imputadas em sua conta, tendo sido suportadas por seu Substituto. Quem são eles então? Apenas uma resposta é razoavelmente possível; o mundo do povo de Deus!

Da mesma forma, o “mundo” em João 3:16 deve, em última análise, referir-se ao mundo do povo de Deus, pois não há outra solução alternativa. Não pode significar toda a raça humana, pois metade da raça já estava no inferno quando Cristo veio à terra. É injusto insistir que isso significa todo ser humano que vive

agora, pois todas as outras passagens do Novo Testamento em que o amor de Deus é mencionado o limitam ao Seu próprio povo. Procure e veja! Os objetos do amor de Deus em João 3:16 são precisamente os mesmos que os objetos do amor de Cristo em João 13:1: “Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”. Podemos admitir que nossa interpretação de João 3:16 não é um romance inventado por nós, mas um dado quase uniformemente pelos reformadores e puritanos, e muitos outros desde então.

Chegando agora ao Capítulo Quatro, “A Soberania de Deus na Salvação”. Inúmeras são as questões que podem ser levantadas sobre esse tema. É estranho, mas é verdade, que muitos que reconhecem o governo soberano de Deus sobre as coisas materiais vão criticar e discutir quando insistimos que Deus também é Soberano no reino espiritual. Mas a briga deles é com Deus e não conosco. Apresentamos as Escrituras em apoio a tudo o que foi apresentado nestas páginas, e se isso não satisfizer nossos leitores, é inútil tentarmos convencê-los. O que escrevemos agora é destinado

àqueles que se curvam à autoridade das Sagradas Escrituras, e para seu benefício propomos examinar várias outras Escrituras que foram propositadamente mantidas para este capítulo.

Talvez a única passagem que apresentou a maior dificuldade para aqueles que viram que passagem após passagem nas Sagradas Escrituras ensina claramente a eleição de um número limitado para a salvação é 2 Pedro 3:9: “Não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”.

A primeira coisa a ser dita sobre a passagem acima é que, como todas as outras Escrituras, ela deve ser compreendida e interpretada à luz de seu contexto. Certamente deve ser permitido por todos que a primeira metade do versículo precisa ser levada em consideração. A fim de estabelecer o que essas palavras devem significar por muitos, a saber, que as palavras “qualquer” e “todos” devem ser recebidas sem qualquer qualificação, deve ser mostrado que o contexto está se referindo a toda a raça humana! Se isso não pode ser demonstrado, se não há premissa para justificar isso, então a conclusão também deve ser injustificada. Vamos então refletir sobre a primeira parte do versículo.

“Não retarda o Senhor a sua promessa” (2 Pe 3:9). Observe “promessa” no singular, não “promessas”. Que promessa está em vista? A promessa de salvação? Onde, em toda a Escritura, Deus prometeu salvar toda a raça humana? Onde mesmo? Não, a “promessa” aqui mencionada não é sobre salvação. O que é então? O contexto nos diz.

“Tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda” (vv. 3,4). O contexto então se refere à promessa de Deus de enviar de volta Seu Filho amado. Mas muitos longos séculos se passaram e essa promessa ainda não foi cumprida. É verdade, mas por mais que a demora nos pareça, o intervalo é curto no cômputo de Deus. Como prova disso, somos lembrados: “Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia é para o Senhor como mil anos, e mil anos como um dia” (v. 8). Na contagem de tempo de Deus, menos de dois dias se passaram desde que Ele prometeu enviar Cristo de volta.

Mas, mais ainda, a demora do Pai em enviar de volta Seu Filho amado não se deve apenas a nenhuma

“frouxidão” de Sua parte, mas também é ocasionada por Sua “longanimidade”. Sua longanimidade para quem? O versículo que estamos considerando agora nos diz: “pelo contrário, ele é longânimo para convosco”. E quem são os mencionados quando usa-se a palavra “convosco”? A raça humana, ou o próprio povo de Deus? À luz do contexto, esta não é uma questão aberta sobre a qual cada um de nós é livre para formar uma opinião. O Espírito Santo já definiu o significado. O versículo de abertura do capítulo diz: “Esta é, agora, a segunda epístola que vos escrevo” (2 Pe 3:1). E novamente, o versículo imediatamente anterior declara: “Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer” (v. 8). Os “convosco” então são os “amados” de Deus. Aqueles a quem esta epístola é dirigida são “que conosco obtiveram (não por meio de obras) mas por meio do dom soberano de Deus, a fé preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo” (2 Pe 1:1). Portanto, dizemos que não há espaço para dúvidas, ambiguidades ou argumentos. Nós somos os eleitos de Deus.

Vamos agora citar o versículo como um todo: “Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para

convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”. Algo poderia ser mais claro? O “nenhum” que Deus não deseja que pereça é o “para nós” para quem Deus é “longânimo”. O “amado” dos versículos anteriores 2 Pedro 3:9 significa, então, que Deus não enviará Seu Filho de volta até que “haja entrado a plenitude dos gentios” (Rm 11:25). Deus não enviará Cristo de volta até que aquele “povo” que Ele agora está “tirando dos gentios” (At 15:14) esteja reunido. Deus não enviará Seu Filho de volta até que o Corpo de Cristo esteja completo, e isso não acontecerá até que aqueles que Ele escolheu para serem salvos nesta dispensação sejam trazidos a Ele.

Agradeça a Deus por Sua “longanimidade para conosco”. Se Cristo tivesse voltado vinte anos atrás, o escritor teria sido deixado para trás para perecer em Seus pecados. Mas não poderia ser assim, pois Deus graciosamente atrasou a Segunda Vinda. Pela mesma razão, Ele ainda está atrasando Seu Advento. Seu propósito decretado é que todos os Seus eleitos venham ao arrependimento. E tais eleitos, com toda a certeza, se arrependerão. O presente intervalo de graça não terminará até que a última das “outras ovelhas” de João

10:16 seja conduzida com segurança. Só então, Cristo retornará.

Ao expor a soberania de Deus Espírito na Salvação, mostramos que Seu poder é irresistível, que, por Suas graciosas operações sobre e dentro deles, Ele compele os eleitos de Deus a virem a Cristo. A soberania do Espírito Santo é apresentada não apenas em João 3:8, onde nos é dito: “O vento sopra onde quer... assim é todo o que é nascido do Espírito”, mas também é afirmado em outras passagens. Em 1 Coríntios 12:11 lemos: “Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente”. E de novo; lemos em Atos 16:6,7 “E, percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu”. Assim vemos como o Espírito Santo interpôs Sua vontade imperial em oposição à determinação dos Apóstolos.

Mas, contra a afirmação de que a vontade e o poder do Espírito Santo são irresistíveis, objeta-se que aqui há duas passagens, uma no Antigo Testamento e outra no Novo, que parecem militar contra tal conclusão. Deus

disse “O meu Espírito não agirá para sempre no homem” (Gn 6:3), e aos judeus, Estevão declarou: “Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis. Qual dos profetas vossos pais não perseguiram?” (At 7:51,52). Se então os judeus “resistiram” ao Espírito Santo, como podemos dizer que Seu poder é irresistível? A resposta é encontrada em Neemias 9:30: “Os aturaste por muitos anos e testemunhaste contra eles pelo teu Espírito, por intermédio dos teus profetas; porém eles não deram ouvidos”. Foram as operações externas do Espírito que Israel “resistiu”. Era o Espírito falando por e através dos profetas aos quais eles “não deram ouvidos”. Não foi nada que o Espírito Santo operou neles que eles “resistiram”, mas foram os motivos apresentados a eles pelas mensagens inspiradas dos profetas.

Talvez ajude o leitor a captar melhor nosso pensamento se compararmos Mateus 11:20,21: “Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida”, etc. Nosso Senhor aqui pronuncia: “Ai” sobre essas cidades

por seu fracasso em se arrepender por causa dos “numerosos milagres” que Ele havia feito à vista delas, e não por causa de quaisquer operações internas de Sua graça! O mesmo se aplica a Gênesis 6:3. Ao comparar 1 Pedro 3:18-20, veremos que foi por e através de Noé que o Espírito de Deus “lutou” com os antediluvianos. A distinção mencionada acima foi habilmente resumida por *Andrew Fuller* (outro escritor falecido há muito tempo de quem nossos modernos podem aprender muito) assim: “Há dois tipos de influências pelas quais Deus opera na mente dos homens. Primeiro, aquilo que é comum e que é efetuado pelo uso ordinário dos motivos apresentados à mente para consideração. E em segundo lugar, aquilo que é especial e sobrenatural. O primeiro não contém nada de misterioso, mais do que a influência de nossas palavras e ações umas sobre as outras. Mas o segundo é um mistério tão grande que nada sabemos dele a não ser por seus efeitos”. A obra do Espírito Santo sobre ou em direção aos homens é sempre “resistida” por eles; mas Seu trabalho interno, no povo de Deus, é sempre bem sucedido. O que dizem as Escrituras? Isto: “Aquele que começou boa obra”, a terminará (Fp 1:6).

A próxima questão a ser considerada é: “Por que pregar o Evangelho a toda criatura? Se Deus Pai predestinou apenas um número limitado para ser salvo, se Deus Filho morreu para efetuar a salvação somente daqueles dados a Ele pelo Pai, e se Deus Espírito não está procurando vivificar ninguém exceto os eleitos de Deus; então o que é o uso de dar o Evangelho ao mundo em geral, e por que devemos dizer aos pecadores que ‘todo aquele que crê em Cristo não perecerá, mas terá a vida eterna’?”?

Primeiro; é de grande importância que tenhamos clareza sobre a natureza do próprio Evangelho. O Evangelho é a boa notícia de Deus a respeito de Cristo e não a respeito dos pecadores: “Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus a respeito de seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1:1).

Deus teria proclamado amplamente o fato surpreendente do Seu próprio Filho abençoado, que se tornou “obediente até à morte e morte de cruz” (Fl 2:8). Um testemunho universal deve ser dado ao valor incomparável da Pessoa e obra de Cristo. Observe a palavra testemunha em Mateus 24:14. O Evangelho é a

“testemunha” de Deus das perfeições de Seu Filho. Observe as palavras do Apóstolo: “Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem” (2 Co 2:15).

No que diz respeito ao caráter e conteúdo do Evangelho, a maior confusão prevalece hoje. O Evangelho não é uma “oferta” para ser cogitada por mascates evangélicos. O Evangelho não é um mero convite, mas uma proclamação, uma proclamação a respeito de Cristo; quer os homens acreditem ou não. A nenhum homem é pedido que acredite que Cristo morreu por ele em particular. O Evangelho, em resumo, é este: Cristo morreu pelos pecadores. Você é um pecador, creia em Cristo e será salvo. No Evangelho, Deus simplesmente anuncia os termos sobre os quais os homens podem ser salvos (ou seja, arrependimento e fé) e, indiscriminadamente, todos são ordenados a cumpri-los.

Segundo, arrependimento e remissão de pecados devem ser pregados em nome do Senhor Jesus “entre todas as nações” (Lc 24:47), porque os eleitos de Deus estão “dispersos” (Jo 11:52) entre todas as nações, e é pela pregação e audição do Evangelho que eles são

chamados para fora do mundo. O Evangelho é o meio que Deus usa na salvação de Seus próprios escolhidos. Por natureza, os eleitos de Deus são filhos da ira “assim como os outros”; eles são pecadores perdidos que precisam de um Salvador, e sem Cristo não há salvação para eles. Portanto, o Evangelho deve ser crido por eles antes que eles possam se alegrar no conhecimento dos pecados perdoados. O Evangelho é o leque de Deus, pois ele separa o joio do trigo e o reúne em seu celeiro.

Terceiro; deve-se notar que Deus tem outros propósitos na pregação do Evangelho além da salvação de Seus próprios eleitos. O mundo existe por causa dos eleitos, mas outros se beneficiam disso. Assim, a Palavra é pregada por causa dos eleitos, mas outros têm o benefício de um chamado externo. O sol brilha embora os cegos não o vejam. A chuva cai sobre montanhas rochosas e desertos, bem como sobre vales férteis; assim também, Deus permite que o Evangelho caia nos ouvidos dos não eleitos.

O poder do Evangelho é um dos instrumentos de Deus para controlar a maldade do mundo. Muitos que nunca são salvos por ele, ainda são “reformados”, suas concupiscências são refreadas e impedidas de piorar.

Além disso, a pregação do Evangelho aos não eleitos é uma prova admirável de seu caráter. Exibe a inevitabilidade de seu pecado, pois demonstra que seus corações estão em inimizade contra Deus, justificando assim a declaração de Cristo de que “os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (Jo 3:19).

Finalmente; basta-nos saber que somos chamados a pregar o Evangelho a toda criatura. Não cabe a nós raciocinar sobre a consistência entre isso e o fato de que “poucos são escolhidos”. Cabe a nós obedecer. É uma questão simples fazer perguntas relacionadas aos caminhos de Deus que nenhuma mente finita pode compreender completamente. Nós também podemos nos voltar e lembrar ao objetor que nosso Senhor declarou: “Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias que proferirem. Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno” (Mc 3:28,29), e não pode haver dúvida alguma, exceto que alguns dos judeus eram culpados desse mesmo pecado (veja Mateus 12:24) e, portanto, sua destruição era inevitável.

No entanto, não obstante, apenas dois meses depois, Ele ordenou a Seus discípulos que pregassem o Evangelho a toda criatura. Quando o objetor puder nos mostrar a consistência dessas duas coisas, o fato de que alguns dos judeus cometeram o pecado para o qual nunca há perdão, e o fato de que para eles o Evangelho deveria ser pregado, nos comprometemos a fornecer uma solução mais satisfatória do que a dada acima para a harmonia entre uma proclamação universal do Evangelho e uma limitação de seu poder salvífico apenas àqueles que Deus predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho.

Mais uma vez, dizemos, não nos compete raciocinar sobre o Evangelho; é nosso negócio pregá-lo. Quando Deus ordenou que Abraão oferecesse seu filho como sacrifício, ele poderia ter objetado que essa ordem era inconsistente com Sua promessa: “Em Isaque será chamada a tua descendência”. Mas, em vez de argumentar, ele obedeceu e deixou que Deus harmonizasse Sua promessa e Seu preceito.

Jeremias poderia ter argumentado que Deus o havia ordenado a fazer algo totalmente irracional quando disse: “Dir-lhes-ás, pois, todas estas palavras, mas não te

darão ouvidos; chamá-los-ás, mas não te responderão” (Jr 7:27); mas em vez disso, o profeta obedeceu. Ezequiel, também, pode ter reclamado que o Senhor estava lhe pedindo uma coisa difícil quando disse: “Disse-me ainda: Filho do homem, vai, entra na casa de Israel e dize-lhe as minhas palavras. Porque tu não és enviado a um povo de estranho falar nem de língua difícil, mas à casa de Israel; nem a muitos povos de estranho falar e de língua difícil, cujas palavras não possas entender; se eu aos tais te enviasse, certamente, te dariam ouvidos. Mas a casa de Israel não te dará ouvidos, porque não me quer dar ouvidos a mim; pois toda a casa de Israel é de frente obstinada e dura de coração” (Ez 3:4-7).

“Mas, ó minha alma, se a verdade tão brilhante deve ofuscar e confundir a tua vista, ainda assim Sua Palavra escrita obedece, e espere o grande dia em que tudo será revelado” (Watts).

“O Evangelho não perdeu nada de seu antigo poder. É, tanto hoje como quando foi pregado pela primeira vez, ‘o poder de Deus para a salvação’. Não precisa de piedade, nem de ajuda, nem de servo. Ele pode

superar todos os obstáculos e derrubar todas as barreiras. Nenhum artifício humano precisa ser tentado para preparar o pecador para recebê-lo, pois se Deus o enviou, nenhum poder pode impedi-lo; e se Ele não o enviou, nenhum poder pode torná-lo eficaz” (Dr. Bullinger).

Este capítulo pode ser estendido indefinidamente, mas já é muito longo, então uma ou duas palavras a mais devem ser suficientes. Várias outras questões serão tratadas nas páginas que se seguem, e aquelas que deixamos de tocar, o leitor deve levar ao próprio Senhor que disse: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida” (Tg 1:5).



O Valor Desta Doutrina

“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Tm 3:16,17).

“Doutrina” significa “ensino”, e é por doutrina ou ensino que as grandes realidades de Deus e de nossa relação com Ele; de Cristo, o Espírito, salvação, graça, glória, nos são reveladas. É pela doutrina (através do poder do Espírito) que os crentes são nutridos e edificados, e onde a doutrina é negligenciada, o

crescimento na graça e o testemunho efetivo de Cristo necessariamente cessam. Quão triste, então, essa doutrina é agora condenada como sendo um assunto “não prático” quando, de fato, a doutrina é a própria base da vida prática.

Há uma conexão inseparável entre crença e prática: “Como imagina em sua alma, assim ele é” (Pv 23:7). A relação entre a verdade divina e o caráter cristão é de causa e efeito: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8:32). Livre da ignorância, livre de preconceitos, livre do erro, livre das ciladas de Satanás, livre do poder do mal; e se a verdade não for “conhecida”, então tal liberdade não será desfrutada.

Observe a ordem de menção na passagem com a qual abrimos. Toda a Escritura é proveitosa primeiro para a “doutrina”! A mesma ordem é observada em todas as epístolas, particularmente nos grandes tratados doutrinários do apóstolo Paulo. Leia a Epístola aos Romanos e verá que não há uma única advertência nos primeiros cinco capítulos. Na Epístola aos Efésios não há exortações até que o quarto capítulo seja alcançado. A ordem é primeiro a exposição doutrinária e depois a admoestação ou exortação para o regulamento da

caminhada diária.

A substituição da assim chamada pregação “prática” pela exposição doutrinária que ela suplantou é a raiz de muitas das doenças malignas que agora afligem a Igreja de Deus. A razão pela qual há tão pouca profundidade, tão pouca inteligência, tão pouca compreensão das verdades fundamentais do Cristianismo é porque tão poucos crentes foram estabelecidos na fé através do ouvir e através de seu próprio estudo pessoal das doutrinas da graça.

Enquanto sua alma não está estabelecida na doutrina da Inspiração Divina da Escritura, na sua inspiração plena e verbal, não pode haver base firme para a fé repousar. Enquanto a alma é ignorante da doutrina da Justificação, não pode haver garantia real e inteligente de sua aceitação no Amado. Enquanto a alma não está familiarizada com o ensino da Palavra sobre a Santificação, ela está aberta para receber todas as cruezas e erros dos perfeccionistas ou dos legalistas. Embora a alma não saiba o que as Escrituras têm a dizer sobre a doutrina do Novo Nascimento, não pode haver compreensão adequada das duas naturezas no crente; e a ignorância aqui inevitavelmente resulta na perda da

paz e da alegria. E assim podemos prosseguir na lista de doutrinas cristãs.

É a ignorância da doutrina que tornou a igreja professa impotente para lidar com a crescente onda de infidelidade. É a ignorância da doutrina que é a principal responsável por milhares de cristãos professos serem cativados pelos numerosos falsos ismos da época. É porque agora chegou o tempo em que a maior parte de nossas igrejas “não suportará a sã doutrina” (2 Tm 4:3) que eles tão prontamente recebem falsas doutrinas.

Claro que é verdade que a doutrina, como qualquer outra coisa nas Escrituras, pode ser estudada a partir de um ponto de vista meramente intelectual frio, e assim abordado, o ensino doutrinário e o estudo doutrinário deixarão o coração intocado. Tal abordagem naturalmente não terá proveito algum. Mas, doutrina devidamente recebida, estudada com um coração exercitado, sempre levará a um conhecimento mais profundo de Deus e das insondáveis riquezas de Cristo.

A doutrina da soberania de Deus, então, não é um mero dogma metafísico que é desprovido de valor prático, mas é calculado para produzir um efeito poderoso sobre o caráter cristão e sobre a caminhada

diária. A doutrina da soberania de Deus está na base da teologia cristã, e em importância talvez só perde para a doutrina da Inspiração Divina das Escrituras. É o centro de gravidade no sistema da verdade cristã. É o sol em torno do qual todos os planetas menores estão agrupados. É o marco de ouro para o qual todas as estradas do conhecimento conduzem e de onde todas elas irradiam. É o cordão sobre o qual todas as outras doutrinas são amarradas como pérolas, mantendo-as no lugar e dando-lhes unidade. É o prumo pelo qual todo credo precisa ser medido, a balança na qual todo dogma humano deve ser pesado. Tal doutrina é projetada como a âncora para nossas almas em meio às tempestades da vida.

A doutrina da soberania de Deus é um cordial Divino para refrescar nossos espíritos. Ela é projetada e adaptada para moldar as afeições do coração e dar uma direção correta à conduta. Produz gratidão na prosperidade e paciência na adversidade. Proporciona conforto para o presente e uma sensação de segurança em relação ao futuro desconhecido. É, e faz tudo, e muito mais do que acabamos de dizer, porque atribui a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, a glória que Lhe é

devida, e coloca a criatura no pó, que é seu devido lugar diante de Deus.

Vamos agora considerar o valor da doutrina em detalhes.

*Aprofunda Nossa Veneração ao
Caráter Divino*

A doutrina da soberania de Deus, conforme é desdobrada nas Escrituras, oferece uma visão exaltada das perfeições divinas. Mantém Seus direitos de criação. Insiste que “para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele” (1 Co 8:6). Declara que Seus direitos são os do “oleiro” que molda o barro em vasos de qualquer tipo e para qualquer uso que Ele queira. Seu testemunho é: “todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4:11).

Argumenta que ninguém tem o direito de se atrever a responder a Deus, e que a única atitude adequada para a criatura é uma submissão reverente. Assim, a apreensão da supremacia absoluta de Deus é de grande importância prática, pois a menos que tenhamos a

devida consideração por Sua alta Soberania, Ele nunca será honrado em nossos pensamentos sobre Ele, nem terá Seu devido lugar em nossos corações e vidas.

Tal doutrina também exhibe a inescrutabilidade de Sua sabedoria. Mostra que enquanto Deus é imaculado em Sua santidade, Ele permitiu que o mal entrasse em Sua bela criação; que enquanto Ele é o Possuidor de todo o poder, Ele permitiu que o Diabo travasse guerra contra Ele por pelo menos seis mil anos; que enquanto Ele é a personificação perfeita do amor, Ele não poupou Seu próprio Filho; que enquanto Ele é o Deus de toda graça, multidões serão atormentadas para todo o sempre no Lago de Fogo. Altos mistérios são esses. A Escritura não os nega, mas reconhece a existência de tais mistérios: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11:33).

A doutrina vista também torna conhecida a irreversibilidade de Sua vontade. “Conhecidas por Deus são todas as suas obras desde o princípio do mundo” (At 15:18 - ACF). Desde o princípio, Deus se propôs glorificar a Si mesmo “na igreja e em Cristo Jesus, por

DEUS É SOBERANO

todas as gerações, para todo o sempre” (Ef 3:21). Para este fim Ele criou o mundo e formou o homem. Seu plano onisciente não foi derrotado quando o homem caiu, pois no Cordeiro “morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8) vemos o plano de Deus. Nem o propósito de Deus será frustrado pela maldade dos homens desde a Queda, como fica claro nas palavras do salmista: “Até a ira humana há de louvar-te” (Sl 76:10). Porque Deus é o Todo-Poderoso, Sua vontade não pode ser resistida.

“Seus propósitos se originaram na eternidade e são levados adiante sem mudança para a eternidade. Eles se estendem a todas as Suas obras e controlam todos os eventos. Ele ‘faz todas as coisas segundo o conselho de sua vontade’. Nem o homem nem o diabo podem resistir a Ele com sucesso, pois está escrito: ‘Reina o Senhor; tremam os povos (Sl 99:1)’” (Dr. Rice).

A soberania de Deus também magnifica Sua graça. A graça é favor imerecido, e porque a graça é mostrada aos indignos e merecedores do inferno, àqueles que não

têm direito, até mesmo o pior dos pecados, recebe a graça. Mas porque a graça é exercida para aqueles que são destituídos de dignidade ou mérito, a graça é soberana; isto é, Deus concede graça a quem lhe agrada.

A soberania Divina ordenou que alguns fossem lançados no Lago de Fogo para mostrar que todos mereciam tal condenação. Mas a graça vem como uma rede e extrai de uma humanidade perdida um povo para Deus, para ser por toda a eternidade os monumentos de Seu inescrutável favor. A graça soberana revela Deus derrubando a oposição do coração humano, subjugando a inimizade da mente carnal e levando-nos a amá-Lo porque Ele nos amou primeiro.

*É a Base Sólida de Toda a
Verdadeira Religião*

Isso decorre naturalmente do que dissemos acima sob o primeiro título. Se somente a doutrina da soberania Divina dá a Deus Seu lugar de direito, então também é verdade que somente ela pode fornecer uma base firme para a religião prática. Não pode haver progresso nas coisas divinas até que haja o reconhecimento pessoal de que Deus é Supremo, que

Ele deve ser temido e reverenciado e que Ele deve ser reconhecido e servido como Senhor.

Lemos as Escrituras em vão, a menos que cheguemos a elas desejando sinceramente um melhor conhecimento da vontade de Deus para nós. Qualquer outro motivo é egoísta, totalmente inadequado e indigno. Toda oração que enviamos a Deus é apenas presunção carnal, a menos que seja oferecida “segundo a Sua vontade”. Qualquer coisa menos que isso é pedir por mal, para que possamos consumir em nossas próprias concupiscências a coisa solicitada! Todo serviço em que nos envolvemos é apenas uma obra morta, a menos que seja feito para a glória de Deus.

A religião experimental consiste principalmente na percepção e execução da vontade divina, ativa e passivamente. Estamos predestinados a ser “conformados à imagem do Filho de Deus”, cujo alimento sempre foi fazer a vontade d’Aquele que O enviou, e a medida em que cada santo está se “conformando” a imagem de Cristo, em sua vida diária, é em grande parte determinada por sua resposta à palavra de nosso Senhor: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de

coração” (Mt 11:29).

*Repudia a Heresia da Salvação
Pelas Obras*

“Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte” (Pv 14:12). O caminho que “parece direito” e que termina em “morte”, morte eterna, é a suposta salvação pelo esforço e mérito humano. A crença na salvação pelas obras é comum à natureza humana. Nem sempre pode assumir a forma mais grosseira de penitências papistas, ou mesmo de “arrependimento” protestante, isto é, pesar pelo pecado, que nunca é o significado de arrependimento nas Escrituras. Qualquer coisa que dê ao homem um lugar de conquista é apenas uma variedade do mesmo gênero maligno.

Infelizmente, muitos pregadores, estão dizendo: Deus está disposto a fazer Sua parte se você fizer a sua. Tal afirmação é uma negação miserável e indesculpável do Evangelho de Sua graça. Declarar que Deus ajuda aqueles que se ajudam é repudiar uma das mais preciosas verdades ensinadas na Bíblia. Dizer que a salvação do pecador depende da ação de sua própria

vontade é outra forma do dogma da salvação pelos esforços humanos que desonra a Deus.

Em última análise, qualquer movimento da vontade é uma obra, pois é algo de mim, algo que faço. Mas a doutrina da soberania de Deus põe o machado na raiz deste mal ao declarar: “Não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia” (Rm 9:16). Alguém diz: “Tal doutrina levará os pecadores ao desespero”. A resposta deve ser: “Que assim seja”. É exatamente esse desespero que o escritor deseja ver prevalecer. Não é até que o pecador se desespere de qualquer ajuda de si mesmo que ele cairá nos braços da misericórdia soberana; mas se uma vez o Espírito Santo o convencer de que não há ajuda em si mesmo, então ele reconhecerá que está perdido e clamará: “Deus, tenha misericórdia de mim, pecador”, e tal clamor será ouvido.

Eu lhes afirmo, em meu testemunho ministerial, que descobri que durante o curso de meu ministério, os sermões que preguei sobre a depravação humana, a impotência do pecador para fazer qualquer coisa por ele mesmo, e a salvação da alma voltando-se para a misericórdia soberana de Deus, foram os mais

possuídos e abençoados na salvação dos perdidos. Repetimos, então, que uma sensação de total desamparo é o primeiro pré-requisito para qualquer conversão sadia. Não há salvação para nenhuma alma até que ela olhe para longe de si mesma, olhe para algo, sim, para Alguém, fora de si mesma.

*É Profundamente Humilde Para
a Criatura*

Esta doutrina da soberania absoluta de Deus é uma grande proteção contra o orgulho humano, e nisso está em nítido contraste com as “doutrinas dos homens”. O espírito de nossa época é essencialmente o de vangloriar-se e gloriar-se na carne. As conquistas do homem, seu desenvolvimento e progresso, sua grandeza e auto-suficiência, são o santuário no qual o mundo presta adoração nos dias de hoje.

Mas a verdade da soberania de Deus, com as suas implicações, remove toda base para a jactância humana e implanta o espírito de humildade. Tal doutrina declara que a salvação é do Senhor, do Senhor em sua origem, em sua operação e em sua consumação. Ela insiste que o Senhor tem que aplicar tanto quanto

suprir, que Ele tem que completar e começar Sua obra salvadora em nossas almas, que Ele tem que não apenas recuperar, mas também nos manter e sustentar até o fim.

Ensina que a salvação é pela graça por meio da fé, e que todas as nossas obras (antes da conversão), boas e más, não contam para a salvação. Ela nos diz que nascemos, não da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus (Jo 1:13). E tudo isso é mais humilhante para o coração do homem que quer contribuir com algo para o preço de sua redenção e fazer aquilo que lhe dará motivo para jactância e auto-satisfação.

Mas se esta doutrina nos humilha, conseqüente ela resulta em louvor a Deus. Se, à luz da soberania de Deus, vemos nossa própria inutilidade e desamparo, devemos de fato clamar com o salmista: “Todas as minhas fontes são em Ti” (Sl 87:7). Se por natureza éramos “filhos da ira”, e por prática nos rebelamos contra o governo divino e justamente expostos à maldição da Lei, e sabendo que Deus não tinha obrigação de nos resgatar da indignação ardente e, no entanto, Ele entregou Seu Filho amado por todos nós; então como tal graça e amor

derreterão nossos corações. Como a apreensão disso nos fará dizer em adoração de gratidão: “Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade” (Sl 115:1). Quão prontamente cada um de nós deve reconhecer que “pela graça de Deus, sou o que sou” (1 Co 15:10). Com que admiração maravilhosa devemos dizer:

“Por que fui feito para ouvir Sua voz, quando milhares fazem uma escolha miserável, e preferem morrer de fome do que vir? Foi o mesmo amor que espalhou a festa, que docemente nos forçou a entrar. Caso contrário, ainda nos recusaríamos a provar e pereceríamos em nosso pecado”.

*D á U m a S e n s a ç ã o d e S e g u r a n ç a
A b s o l u t a*

Deus é infinito em poder e, portanto, é impossível resistir à Sua vontade ou resistir à execução de Seus decretos. Uma declaração como essa é bem calculada para encher o pecador de alarme, mas do santo não evoca nada além de elogios. Meu Deus é infinito em poder, por isso “não temerei o que o homem possa fazer

comigo”. Meu Deus é infinito em poder, por isso “quando tiver medo, confiarei n’Ele”. Meu Deus é infinito em poder, por isso eu me deitarei em paz e dormirei, “porque, Senhor, só tu me fazes repousar seguro” (Sl 4:8).

Ao longo das eras, esta tem sido a fonte da confiança dos santos. Não foi esta a garantia de Moisés quando, em suas palavras de despedida para Israel, ele disse: “Não há outro, ó amado, semelhante a Deus, que cavalga sobre os céus para a tua ajuda e com a sua alteza sobre as nuvens. O Deus eterno é a tua habitação e, por baixo de ti, estende os braços eternos” (Dt 33:26,27)? Não foi essa sensação de segurança que fez com que o salmista, movido pelo Espírito Santo, escrevesse: “O que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio. Pois ele te livrará do laço do passarinho e da peste perniciososa. Cobrir-te-á com as suas penas, e, sob suas asas, estarás seguro; a sua verdade é pavês e escudo. Não te assustarás do terror noturno, nem da seta que voa de dia, nem da peste que se propaga nas trevas, nem da mortandade que assola ao meio-dia. Caiam mil ao teu lado, e dez mil, à tua direita;

tu não serás atingido. Pois disseste: O Senhor é o meu refúgio. Fizeste do Altíssimo a tua morada. Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda” (Sl 91:1-7,9-10)?

“Morte e pragas ao meu redor voam, mas até que Ele permita, eu não posso morrer; nem uma única flecha pode atingir, até que o Deus do amor ache adequado.”

Oh, quão preciosa é essa verdade! Aqui estou eu, uma “ovelha” pobre, indefesa e insensata, mas estou seguro nas mãos de Cristo. E por que estou seguro? Ninguém pode me arrancar das mãos d’Ele, porque a mão que me segura é a do Filho de Deus, e todo o poder no céu e na terra é d’Ele! Eu não tenho forças próprias. O mundo, a carne e o diabo se armam contra mim, mas eu me entrego aos cuidados e guarda do Senhor e digo com o apóstolo: “Sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia” (2 Tm 1:12). E qual é o fundamento da minha confiança? Como eu sei que Ele é capaz de manter o que eu confiei a Ele? Eu sei disso porque Deus é Todo-Poderoso, o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Fornece Conforto na Tristeza

A doutrina da soberania de Deus é cheia de consolação e dá grande paz ao cristão. A soberania de Deus é um fundamento que nada pode abalar e é mais firme que os céus e a terra. Quão abençoado é saber que não há canto do universo que esteja fora de Seu alcance! Escute as palavras do salmista: “Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá. Se eu digo: as trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite, até as próprias trevas não te serão escuras: as trevas e a luz são a mesma coisa” (Sl 139:7-12).

Quão abençoado é saber que a mão forte de Deus está sobre tudo e todos! Quão abençoado é saber que nenhum pardal cai no chão sem Seu aviso! Quão abençoado é saber que nossas próprias aflições não vêm por acaso, nem do diabo, mas são ordenadas por Deus. “A fim de que ninguém se inquiete com estas tribulações. Porque vós mesmos sabeis que estamos

designados para isto” (1 Ts 3:3)!

Mas nosso Deus não é apenas infinito em poder, Ele também é infinito em sabedoria e bondade. E aqui está a preciosidade desta verdade. Deus quer apenas o que é bom e Sua vontade é irreversível e irresistível!

Deus é sábio demais para errar e amoroso demais para causar lágrimas desnecessárias em Seu filho.

Portanto, se Deus é perfeito em sabedoria e perfeito em bondade, quão abençoada é a certeza de que tudo está em Suas mãos e moldado por Sua vontade de acordo com Seu propósito eterno! “Eis que arrebatou a presa! Quem o pode impedir? Quem lhe dirá: Que fazes?” (Jó 9:12). Como é reconfortante saber que é Ele, e não o Diabo, quem “leva” nossos entes queridos! Ah! Que paz para nossos pobres e frágeis corações saber que o número de nossos dias está de acordo com a Sua vontade (Jó 7:1; 14:5). Que paz temos ao saber que a doença e a morte são Seus mensageiros e sempre marcham sob Suas ordens. Que paz temos ao saber que é o Senhor quem dá e o Senhor quem tira!

*Gera um Espírito de Doce
Renúncia*

Curvar-se diante da vontade soberana de Deus é um dos grandes segredos da paz e da felicidade. Não pode haver submissão real com contentamento até que estejamos quebrantados em espírito, isto é, até que estejamos dispostos e contentes pelo Senhor ter Seu caminho conosco. Não que estejamos insistindo em um espírito de submissão fatalista. Longe disso! Os santos são exortados a provar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12:2).

Tocamos neste assunto de resignação à vontade de Deus no capítulo sobre nossa Atitude para com a Soberania de Deus; e ali, além do Padrão Supremo, citamos os exemplos de Eli e Jó. Agora complementaremos seus casos com outros exemplos. “Porém Arão se calou”. Veja as circunstâncias: “Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e sobre este, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do Senhor, o que lhes não ordenara. Então, saiu fogo de diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor... Porém Arão se calou” (Lv 10:1-3) Dois dos filhos do

sumo sacerdote foram mortos, mortos por uma visitação do julgamento divino, e provavelmente estavam intoxicados na época; além disso, este julgamento veio sobre Arão de repente, sem nada para prepará-lo para isso; no entanto, ele “se calou”. Preciosa exemplificação do poder da graça todo-suficiente de Deus!

Considere agora uma declaração que saiu dos lábios de Davi: “Então, disse o rei a Zadoque: Torna a levar a arca de Deus à cidade. Se achar eu graça aos olhos do Senhor, ele me fará voltar para lá e me deixará ver assim a arca como a sua habitação. Se ele, porém, disser: Não tenho prazer em ti, eis-me aqui; faça de mim como melhor lhe parecer” (2 Sm 15:25,26). Aqui, as circunstâncias que confrontaram o orador foram extremamente difíceis para o coração humano. Davi estava inundado com tristeza. Seu próprio filho o estava tirando do trono e buscando sua própria vida. Ele não sabia se veria Jerusalém e o Tabernáculo novamente. Mas ele estava tão rendido a Deus, ele estava tão plenamente seguro de que Sua vontade era a melhor, que mesmo que isso significasse a perda do trono e a perda de sua vida, ele estava contente por Ele ter o Seu

caminho. “Deixe-o fazer para mim como lhe parece bom”.

Não há necessidade de multiplicar os exemplos, mas será feita uma reflexão sobre o último caso. Se em meio às sombras da dispensação do Antigo Testamento, Davi se contentava com o Senhor seguir o Seu caminho, agora que o coração de Deus foi plenamente revelado na Cruz, quanto mais devemos nos deleitar na execução de Sua vontade! Certamente não hesitaremos em dizer:

“O mal que Ele abençoa é o nosso bem, E está tudo certo, se o que parece mais errado, for Sua doce vontade”.

E v o c a u m a C a n ç ã o d e L o u v o r

Não poderia ser de outra forma. Isso deve resultar em louvor, porque eu, que por natureza não sou diferente das multidões descuidadas e ímpias ao redor, fui escolhido em Cristo antes da fundação do mundo e agora abençoado com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais n’Ele. Porque eu, que já fui um estrangeiro e um rebelde, fui escolhido para tais favores maravilhosos! Ah! Isso é algo que eu não consigo

entender. Tal graça, tal amor, “excede o conhecimento”. Mesmo se minha mente é incapaz de discernir uma razão, meu coração ainda assim pode expressar sua gratidão em louvor e adoração. Mas não só devo ser grato a Deus por Sua graça para comigo no passado, pois Suas ações atuais e futuras também me enchem e encherão de ações de graças.

Qual é a força dessa frase: “Alegrai-vos sempre no Senhor” (Fp 4:4)? Observe que não é “alegrai-vos no Salvador”, mas devemos “alegrar-nos no Senhor” como “Senhor”, como o Mestre de todas as circunstâncias. Precisamos lembrar ao leitor que, quando o apóstolo escreveu essas palavras, ele próprio era um prisioneiro nas mãos do governo romano. Um longo curso de aflição e sofrimento ficou para trás. Perigos em terra e perigos no mar, fome e sede, flagelação e apedrejamento, todos haviam sido experimentados. Ele havia sido perseguido por aqueles dentro da igreja, bem como por aqueles de fora, por aqueles que deveriam estar ao seu lado. Eles o abandonaram. E ainda assim ele escreve: “Alegrai -vos sempre no Senhor”!

Qual era o segredo de sua paz e felicidade? Ah! Por acaso, não foi este mesmo Apóstolo que escreveu:

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8:28)? Mas como ele, e como nós, “sabemos” que todas as coisas cooperam para o bem? A resposta é pelo fato de que todas as coisas estão sob o controle e estão sendo reguladas pelo Supremo Soberano, e porque Ele não tem nada além de pensamentos de amor para com os Seus. Por isso, “todas as coisas” são tão ordenadas por Ele que são feitas para o nosso bem supremo. É por esta causa que devemos dar “sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 5:20). Sim, agradeça por tudo, porque como foi bem-dito, “nossas decepções são apenas Seus compromissos”. Para aquele que se deleita na soberania de Deus, as nuvens não apenas têm um forro de prata, mas são de prata por toda parte. A escuridão serve apenas para evidenciar mais a luz.

“Vós, temerosos santos, com coragem renovada, tomai as nuvens que tanto temeis, pois elas estão cheias de misericórdia e quebrarão em bênçãos sobre sua cabeça”.

*Garante o Triunfo Final do
Bem Sobre o Mal*

Desde o dia em que Caim matou Abel, o conflito na terra entre o bem e o mal tem sido um problema doloroso para os santos. Em todas as épocas, os justos parecem desafiar a Deus com impunidade. O povo do Senhor, em sua maioria, tem sido pobre no bem deste mundo, enquanto os ímpios em sua prosperidade temporal florescem como o loureiro verde.

Quando se olha ao redor e observa a opressão dos crentes e o sucesso terreno dos incrédulos, e observa quão poucos são os primeiros e quão numerosos são os últimos; quando se observa a aparente derrota do certo e o triunfo do poder e do errado; o rugido da batalha, os gritos dos feridos e as lamentações dos enlutados; parece que Satanás está levando a melhor sobre o conflito. Mas quando se olha para cima, em vez de ao redor, é claramente visível aos olhos da fé, um Trono, um Trono não afetado pelas tempestades da terra, um Trono que está fixado, estável e seguro; e sobre ele está sentado Aquele cujo nome é o Todo-Poderoso, e que “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:11).

Esta então é a nossa confiança. Deus está no trono. O leme está em Suas mãos, e sendo Todo-Poderoso, Seu propósito não pode falhar, pois quem pode persuadi-lo de algo? Embora a mão governante de Deus seja invisível aos olhos dos sentidos, é real para a fé, aquela fé que repousa com segurança em Sua Palavra e, portanto, é assegurada de que Ele não pode falhar. O que segue abaixo é da pena de nosso irmão, *Sr. A. C. Gaebelien*.

“Não pode haver fracasso com Deus. ‘Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?’ (Nm 23:19). Tudo será realizado. A promessa feita ao Seu próprio povo amado de vir buscá-los e levá-los para a glória não falhará. Ele certamente virá e os reunirá em Sua própria presença. As solenes palavras ditas às nações da terra pelos diferentes profetas também não falharão. ‘Chegai-vos, nações, para ouvir, e vós, povos, escutai; ouça a terra e a sua plenitude, o mundo e tudo quanto produz. Porque a indignação do Senhor está contra todas as nações, e o seu furor, contra todo o exército delas; ele as destinou para a destruição e as entregou à matança’ (Is

34:1,2). Tampouco faltará aquele dia em que ‘os olhos altivos do homem serão humilhados, e a altivez dos homens será humilhada, e somente o Senhor será exaltado’ (Is 2:11). O dia em que Ele se manifestar, quando Sua glória cobrir os céus e Seus pés se firmarem novamente nesta terra, certamente virá. Seu reino não falhará, nem todos os eventos prometidos relacionados com o fim dos tempos e a consumação.

Nestes tempos sombrios e difíceis, como é bom lembrar que Ele está no trono. O trono que não pode ser abalado, e que Ele não falhará em fazer tudo o que falou e prometeu. ‘Buscai no livro do SENHOR e lede: Nenhuma destas criaturas falhará’ (Is 34:16). Credo, abençoada antecipação, podemos olhar para o tempo de glória quando Sua Palavra e Sua Vontade forem cumpridas, quando por meio da vinda do Príncipe da Paz, a justiça e a paz vierem até nós. E enquanto aguardamos o momento supremo e abençoado em que Sua promessa para nós se cumprirá, confiamos n’Ele, caminhando em Sua comunhão e descobrindo diariamente que Ele não deixa de nos sustentar e guardar em todos os nossos caminhos”.

Proporciona um Lugar de Descanso Para o Coração

Muito do que poderia ter sido dito aqui já foi antecipado sob títulos anteriores. Aquele sentado no Trono do Céu, Aquele que é Governador sobre as nações e que ordenou e agora regula todos os eventos, é infinito não apenas em poder, mas também em sabedoria e bondade. Aquele que é Senhor sobre toda a criação é Aquele que se manifestou “na carne” (1 Tm 3:16). Ah! Aqui está um tema ao qual nenhuma caneta humana pode fazer justiça. A glória de Deus consiste não apenas no fato de que Ele é o Altíssimo, mas no fato de que, sendo elevado, Ele se rebaixou em humilde amor para carregar o fardo de Suas próprias criaturas pecaminosas, pois está escrito que “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Co 5:19).

A Igreja de Deus foi comprada “com Seu próprio Sangue” (At 20:28). É sobre a graciosa auto humilhação do próprio Rei que Seu reino é estabelecido. Ó Cruz maravilhosa! Por ela, Aquele que sofreu nela se tornou não o Senhor de nossos destinos (Ele era isso antes), mas o Senhor de nossos corações. Portanto, não é com terror abjeto que nos curvamos diante do Soberano Supremo,

mas em adoração clamamos: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor” (Ap 5:12).

Aqui, então, está a refutação da acusação perversa de que esta doutrina é uma terrível calúnia contra Deus e perigosa de expor ao Seu povo. Pode ser “horrível” e “perigosa” uma doutrina que dá a Deus Seu verdadeiro lugar, que mantém Seus direitos, que magnifica Sua graça, que atribui toda glória a Ele e remove todo motivo de jactância da criatura? Pode ser “horrível” e “perigosa” uma doutrina que dê aos santos uma sensação de segurança no perigo, que lhes dê conforto na tristeza, que gere paciência dentro deles na adversidade, que evoque deles louvor em todos os momentos? Pode ser “horrível” e “perigosa” uma doutrina que nos assegure o certo triunfo do bem sobre o mal e que forneça um lugar de descanso seguro para nossos corações, e esse lugar, as perfeições do próprio Soberano?

Não; mil vezes, não! Em vez de ser “horrível e perigosa” esta doutrina da Soberania de Deus é gloriosa e edificante, e uma devida apreensão dela servirá apenas para nos fazer exclamar com Moisés: “Ó Senhor , quem

DEUS É SOBERANO

é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?” (Ex 15:11).



Conclusão

“Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso” (Ap 19:6).

Em nosso Prefácio à Segunda Edição, reconhecemos a necessidade de preservar o equilíbrio da Verdade. Duas coisas são indiscutíveis: Deus é soberano, o homem é responsável. Neste livro procuramos expor o primeiro; em nossos outros trabalhos, frequentemente pressionamos o segundo. Que existe um perigo real de enfatizar demais um e ignorar o outro, admitimos prontamente; sim, a história fornece numerosos exemplos. Enfatizar a soberania de

DEUS É SOBERANO

Deus sem também manter a responsabilidade da criatura tende ao fatalismo; estar tão preocupado em manter a responsabilidade do homem a ponto de perder de vista a soberania de Deus é exaltar a criatura e desonrar o Criador.

Quase todos os erros doutrinários são, na verdade, verdade pervertida, verdade equivocadamente dividida, verdade desproporcionalmente mantida e ensinada. A face mais bela da terra, com as feições mais graciosas, logo se tornaria feia e sem graça se um membro continuasse crescendo enquanto os outros permanecessem subdesenvolvidos. A beleza é, antes de mais nada, uma questão de proporção. Assim é com a Palavra de Deus. Sua beleza e bem-aventurança são melhor percebidas quando sua multiforme sabedoria é exibida em suas verdadeiras proporções. Aqui é onde tantos falharam no passado.

Uma única faceta da Verdade de Deus pode abduzir tanto um homem que ele pode correr o risco de excluir todo o resto. Alguma parte da Palavra de Deus se tornou uma “doutrina predileta”, e muitas vezes isso se tornou o distintivo de algum partido. Mas é dever de cada servo de Deus “anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20:27).

É verdade que nos dias degenerados em que nossa sorte é lançada, quando por todos os lados o homem é exaltado, se tornou uma expressão comum, e fica claro que há necessidade real de uma ênfase especial no fato glorioso da supremacia de Deus. Tanto mais quando isso é expressamente negado. No entanto, mesmo aqui é necessário muita sabedoria para que nosso zelo não seja “segundo o conhecimento”. As palavras “comida a seu tempo” devem estar sempre diante do servo de Deus. O que é necessário principalmente para uma congregação pode não ser especificamente necessário para outra. Se chamados para trabalhar onde os pregadores arminianos precederam, então a verdade negligenciada da soberania de Deus deve ser exposta, embora com cautela e cuidado para que “alimento sólido” não seja dado a “bebês”. O exemplo de Cristo em Jo 16:12: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora”; deve ser lembrado.

Por outro lado, se eu for chamado para assumir um púlpito distintamente calvinista, então a verdade da responsabilidade humana (em seus muitos aspectos) pode ser apresentada com proveito. O que o pregador precisa dar não é o que seu povo mais gosta de ouvir,

mas o que eles mais precisam, ou seja, aqueles aspectos da verdade com os quais estão menos familiarizados em sua caminhada.

Levar à prática o que inculcamos acima, muito provavelmente, deixará o pregador exposto à acusação de ser um vira-casaca. Mas o que importa se ele tem a aprovação de seu Mestre? Ele não é chamado a ser “consistente” consigo mesmo nem com quaisquer regras elaboradas pelo homem. Seu negócio é ser consistente com as Sagradas Escrituras. E nas Escrituras cada parte ou aspecto da Verdade é equilibrado por outro aspecto da Verdade. Há dois lados para tudo, até mesmo para o caráter de Deus, pois Ele é “luz” (1 Jo 1:5), bem como “amor” (1 Jo 4:8). A Palavra também nos diz: “Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus” (Rm 11:22). Estar o tempo todo pregando sobre um excluindo o outro, caricatura o caráter Divino.

Quando o Filho de Deus se encarnou, Ele veio aqui “na forma de servo” (Fp 2:7); não obstante, na manjedoura Ele era “Cristo, o Senhor” (Lc 2:11)! Todas as coisas são possíveis para Deus (Mt 19:26), mas Deus “não pode mentir” (Tt 1:2). A Escritura diz: “Levai as cargas uns dos outros” (Gl 6:2), mas o mesmo capítulo

insiste que “cada um levará o seu próprio fardo” (Gl 6:5). Somos ordenados a não preocuparmos “com o dia de amanhã” (Mt 6:34), mas “se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente” (1 Tm 5:8). Nenhuma ovelha de Cristo pode perecer (Jo 10:28, 29), mas o cristão é convidado a confirmar a eleição (2 Pe 1:10). E assim podemos continuar multiplicando as ilustrações. Essas coisas não são contradições, mas complementares. Uma “equilibra a outra”. Assim, as Escrituras apresentam tanto a soberania de Deus quanto a responsabilidade do homem. Assim, também, todo servo de Deus deve fazer isso, em sua devida proporção.

Mas voltamos agora a algumas reflexões finais sobre nosso tema presente: “Pôs-se Josafá em pé, na congregação de Judá e de Jerusalém, na Casa do Senhor, diante do pátio novo, e disse: Ah! Senhor, Deus de nossos pais, porventura, não és tu Deus nos céus? Não és tu que dominas sobre todos os reinos dos povos? Na tua mão, está a força e o poder, e não há quem te possa resistir” (2 Cr 20:5,6). Sim, o Senhor é Deus, governando em suprema majestade e poder. No entanto, em nossos dias, um dia de iluminação e progresso alardeados, isso

é negado por todos os lados. Uma ciência materialista e uma filosofia ateísta afastaram Deus de Seu próprio mundo, e tudo é regulado, na verdade, por leis (impessoais) da “Natureza”.

Assim também é nos assuntos humanos. Na melhor das hipóteses, Deus é um espectador distante e indefeso. Deus não pôde evitar o lançamento da terrível guerra e, embora desejasse pôr um fim a ela, foi incapaz de fazê-lo, e isso em face de 1 Crônicas 5:22; 2 Crônicas 24:24! Tendo dotado o homem com “livre-arbítrio”, Deus é obrigado a deixar o homem fazer sua própria escolha e seguir seu próprio caminho, e Ele não pode interferir, caso contrário sua responsabilidade moral seria destruída! Essas são as crenças populares da época. Não é surpresa encontrar esses sentimentos emanados de teólogos alemães; mas quão triste eles devem ser ensinados em muitos de nossos seminários, ecoados em muitos de nossos púlpitos e aceitos por muitos cristãos professos.

Um dos pecados mais flagrantes de nossa época é o da irreverência. Há um grande fracasso em atribuir a glória que é devida à majestade de Deus. Os homens limitam o poder e as atividades do Senhor em seus

conceitos degradantes de Seu ser e caráter. Originalmente, o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, mas hoje somos solicitados a acreditar em um deus feito à imagem e semelhança do homem. O Criador é reduzido ao nível da criatura. Sua onisciência é questionada, sua onipotência não é mais acreditada e sua soberania absoluta é categoricamente negada. Os homens afirmam ser os arquitetos de suas próprias fortunas e os determinantes de seus próprios destinos. Eles não sabem que suas vidas estão à disposição do Divino Déspota. Eles não sabem que não têm mais poder para frustrar Seus decretos secretos do que um verme tem para resistir ao passo de um elefante. Eles não sabem que “nos céus, estabeleceu o SENHOR o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo” (Sl 103:19).

Nas páginas anteriores, procuramos repudiar visões pagãs e nos esforçamos para mostrar pelas Escrituras que Deus é Deus, no trono; e que tão longe da guerra recente ser uma evidência de que o leme havia escorregado fora de Sua mão, ela é a prova segura de que Ele ainda vive e reina, e está realizando o que Ele havia predeterminado e anunciado (Mt 24:6-8).

Que a mente carnal é inimizada contra Deus, que o

homem não regenerado é um rebelde contra o governo Divino, que o pecador não se preocupa com a glória de seu Criador, e pouco ou nenhum respeito por Sua vontade revelada, é concedido livremente. Mas, no entanto, nos bastidores, Deus está governando e cumprindo Seu propósito eterno, não apenas a despeito, mas também por meio daqueles que são Seus inimigos.

Quão fervorosamente são as reivindicações do homem contestadas contra as reivindicações de Deus! O homem não tem poder e conhecimento, mas e daí? Deus não tem vontade, poder ou conhecimento? Suponha que a vontade do homem entre em conflito com a de Deus, e daí? Volte-se para a Escritura para obter a resposta.

Os homens tinham uma vontade nas planícies de *Sinar* e determinaram construir uma torre cujo topo deveria alcançar o céu, mas qual foi o propósito deles? Faraó tinha uma vontade quando Ele endureceu seu coração e Faraó se recusou a permitir que o povo de Jeová fosse e O adorasse no deserto, mas o que aconteceu com sua rebelião? Balaque tinha uma vontade quando contratou Balaão para vir e amaldiçoar

os hebreus, mas de que adiantou? Os cananeus tinham vontade quando decidiram impedir que Israel ocupasse a terra de Canaã, mas até que ponto eles conseguiram? Saul tinha vontade quando arremessou seu dardo em Davi, mas, em vez disso, ele penetrou na parede! Jonas tinha uma vontade quando se recusou a ir pregar aos ninivitas, mas o que aconteceu? Nabucodonosor tinha vontade quando pensou em destruir os três filhos hebreus, mas Deus tinha vontade também, e o fogo não os prejudicou. Herodes tinha vontade quando procurou matar o Menino Jesus, e se não houvesse Deus vivo e reinante, seu desejo maligno teria sido realizado, mas ousando opor sua vontade insignificante contra a vontade irresistível do Todo-Poderoso, seus esforços foram nada. Sim, meu leitor, e você também teve uma vontade quando formou seus planos sem primeiro buscar o conselho do Senhor, por isso Ele os derrubou! “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá” (Pv 19:21).

Que demonstração da irresistível soberania de Deus é fornecida por essa maravilhosa declaração encontrada em Apocalipse 17:17: “Porque em seu coração incutiu Deus que realizem o seu pensamento, o executem à

uma e deem à besta o reino que possuem, até que se cumpram as palavras de Deus”. O cumprimento de qualquer profecia é apenas a soberania de Deus em operação. É a demonstração de que o que Ele decretou, Ele também é capaz de realizar. É a prova de que ninguém pode resistir à execução de Seu conselho ou impedir a realização de Seu prazer. É evidência de que Deus inclina os homens a cumprir o que Ele ordenou e realizar o que Ele predeterminou. Se Deus não fosse o Soberano absoluto, então a profecia divina não teria valor, pois nesse caso não restaria nenhuma garantia de que o que Ele havia predito certamente aconteceria.

“Porque em seu coração incutiu Deus que realizem o seu pensamento, o executem à uma e deem à besta o reino que possuem, até que se cumpram as palavras de Deus” (Ap 17:17). Não podemos fazer melhor do que citar aqui os excelentes comentários de nosso estimado amigo, *Sr. Walter Scott*, sobre este versículo: “Deus opera invisível, mas não menos verdadeiramente, em todas as mudanças políticas do dia. O estadista astuto, o diplomata inteligente, é simplesmente um agente nas mãos do Senhor. Eles não sabem disso. A vontade própria e os motivos da política podem influenciar a

ação, mas Deus está trabalhando firmemente para o fim de exhibir as glórias celestiais e terrenas de Seu Filho. Assim, em vez de reis e estadistas frustrarem o propósito de Deus, eles inconscientemente o levam adiante. Deus não é indiferente, mas está nos bastidores da ação humana. As ações dos futuros dez reis em relação à Babilônia, a Besta, os poderes eclesiásticos e seculares, não estão apenas sob o controle direto de Deus, mas tudo é feito em cumprimento de Suas palavras”.

Intimamente conectado com Apocalipse 17:17 está o que é apresentado a nós em Miquéias 4:11,12: “Acham-se, agora, congregadas muitas nações contra ti, que dizem: Seja profanada, e vejam os nossos olhos o seu desejo sobre Sião. Mas não sabem os pensamentos do SENHOR, nem lhe entendem o plano que as ajuntou como feixes na eira”. Esta é outra declaração notável, inspirada por Deus, e três coisas nela merecem atenção especial. Primeiro, está chegando o dia em que “muitas nações” se “reunirão contra” Israel com o propósito expresso de humilhá-la. Em segundo lugar, inconscientemente para si mesmos, pois eles não entendem Seu conselho, eles serão reunidos por Deus,

pois Ele os reunira. Terceiro, Deus reúne essas “muitas nações” contra Israel para que a filha de Sião possa vencer muitos povos (v. 13). Aqui, então, está outro exemplo que demonstra o controle absoluto de Deus sobre as nações, de Seu poder para cumprir Seu conselho ou decretos secretos através deles e por meio deles, e de Seus homens inclinados a realizar Seu prazer, embora seja realizado cega e inconscientemente por eles.

Mais uma vez. Que palavra foi a do Senhor Jesus quando estava diante de Pilatos! Quem pode retratar a cena? Havia o oficial romano e o Servo de Jeová diante dele. Disse Pilatos: “Donde és Tu?” E lemos “Jesus não lhe deu resposta”. Então Pilatos lhe disse: “Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?” (Jo 19:10). Ah! Foi o que Pilatos pensou. Isso é o que muitos outros pensaram. Ele estava meramente expressando a convicção comum do coração humano, o coração que deixa Deus fora de suas contas. Mas ouça o Senhor Jesus como Ele corrige Pilatos e, ao mesmo tempo, repudia a orgulhosa jactância dos homens em geral: “Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse

dada” (Jo 19:11). Quão arrebatadora é esta afirmação!

O homem, embora seja um funcionário proeminente no império mais influente de sua época, não tem poder exceto aquele que lhe é dado de cima, nenhum poder, mesmo, para fazer o que é mau, isto é, realizar seus próprios desígnios malignos, a menos que Deus o capacite para que Seu propósito possa ser encaminhado. Foi Deus quem deu a Pilatos o poder de sentenciar à morte Seu Filho bem-amado! E como isso repreende os sofismas e raciocínios de homens que argumentam que Deus não faz nada além de permitir o mal! Ora, volte às primeiras palavras ditas pelo Senhor Deus ao homem após a Queda e ouça-O dizendo: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente” (Gn 3:15). A simples permissão do pecado não cobre todos os fatos que são revelados nas Escrituras sobre este mistério. Como Calvino observou sucintamente: “Mas que razão devemos atribuir para Ele permitir isso, senão porque é Sua vontade?”

No final do capítulo onze prometemos dar atenção a uma ou duas outras dificuldades que não foram examinadas naquele momento. A eles nos voltamos agora. Se Deus não apenas predeterminou a salvação

dos Seus, mas também preordenou as boas obras nas quais eles devem andar (Ef 2:10), então que incentivo resta para nos esforçarmos pela piedade prática? Se Deus fixou o número daqueles que devem ser salvos, e os outros são vasos de ira preparados para a destruição, então que encorajamento temos para pregar o Evangelho aos perdidos? Retomemos essas questões na ordem mencionada.

*A Soberania de Deus e o
Crescimento do Crente na
Graça*

Se Deus preordenou tudo o que acontece, de que serve para nós “exercitamo-nos na piedade” (1 Tm 4:7)? Se Deus de antemão ordenou as boas obras em que devemos andar (Ef 2:10), então por que devemos ser cuidadosos em manter boas obras (Tt 3:8)? Isso só levanta mais uma vez o problema da responsabilidade humana. Realmente, deve ser suficiente para nós respondermos, Deus nos ordenou a seguir assim.

Em nenhum lugar as Escrituras inculcam ou encorajam um espírito de indiferença fatalista. O contentamento com nossas realizações atuais é

expressamente proibido. A palavra para todo crente é: Prossiga “para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3:14). Este era o objetivo do Apóstolo, e deveria ser o nosso. Em vez de impedir o desenvolvimento do caráter cristão, uma apreensão e apreciação apropriada da soberania de Deus deve nos fazer andar no caminho do Senhor.

Assim como o desespero do pecador por qualquer ajuda de si mesmo é o primeiro pré-requisito de uma conversão sadia, assim a perda de toda confiança em si mesmo é o primeiro elemento essencial no crescimento do crente na graça. O cristão, consciente de sua própria fragilidade, se voltará para o Senhor em busca de poder, pois quando somos fracos que somos fortes (2 Co 12:10).

Deve haver consciência de nossa fraqueza antes de nos voltarmos para o Senhor em busca de ajuda. Enquanto o cristão permite o pensamento de que ele é suficiente em si mesmo, enquanto ele imagina que por mera força de vontade ele resistirá à tentação, enquanto ele tem alguma confiança na carne, então, como Pedro que se gabou de que, embora todos abandonassem o Senhor, ainda assim não deveria ele, então certamente falharemos e cairemos. Longe de Cristo, nada podemos

fazer (Jo 15:5). A promessa de Deus é que Ele “faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor” (Is 40:29).

A questão agora diante de nós é de grande importância prática, e estamos profundamente ansiosos para nos expressar de forma clara e simples. O segredo do desenvolvimento do caráter cristão é a percepção de nossa própria impotência e a conseqüente busca do Senhor em procura de ajuda. O fato claro é que por nós mesmos não podemos fazer isso. “Em nada andeis ansioso”, mas quem pode evitar e prevenir a ansiedade quando as coisas dão errado? “Acorde para a justiça e não peque”, mas quem pode evitar o pecado? Estes são apenas exemplos selecionados aleatoriamente entre dezenas de outros. Então Deus zomba de nós mandando-nos fazer o que Ele sabe que somos incapazes de fazer? A resposta de Agostinho a esta pergunta é a melhor que encontramos:

“Deus dá ordens que não podemos cumprir, para que possamos saber o que devemos pedir a Ele”.

A consciência de nossa impotência deve nos lançar sobre Aquele que tem todo o poder. Aqui, então, é onde

uma visão da soberania de Deus é de extrema ajuda, pois revela Sua suficiência e nos mostra nossa insuficiência.

*A Soberania de Deus e o
Serviço Cristão*

Se Deus determinou antes da fundação do mundo o número exato daqueles que serão salvos, então por que devemos nos preocupar com o destino eterno daqueles com quem entramos em contato? Que lugar resta para o zelo no serviço cristão? A doutrina da soberania de Deus e seu corolário da predestinação não desencorajarão os servos do Senhor da fidelidade no evangelismo? Não; em vez de desencorajar Seus servos, o reconhecimento da soberania de Deus é uma fonte de encorajamento. Aqui está alguém, por exemplo, que é chamado para fazer o trabalho de um evangelista, e ele sai crendo na liberdade da vontade e na capacidade do pecador de vir a Cristo.

Ele prega o Evangelho tão fiel e zelosamente quanto sabe; mas ele descobre que a grande maioria de seus ouvintes é totalmente indiferente e não tem nenhum coração por Cristo. Ele descobre que os homens estão, em sua maioria, completamente envolvidos nas coisas

do mundo, e que poucos se preocupam com o mundo vindouro. Ele suplica aos homens que se reconciliem com Deus e suplica pela salvação de suas almas. Mas não adianta. Ele fica completamente desanimado e se pergunta: “Qual é a utilidade de tudo isso”? Ele deve desistir ou é melhor mudar sua missão e mensagem? Se os homens não respondem ao Evangelho, não seria melhor ele se engajar naquilo que é mais popular e aceitável para o mundo? Por que não se ocupar com esforços humanitários, com trabalho de elevação social, ou com campanhas de santidade? Infelizmente, tantos homens que uma vez pregaram o Evangelho estão agora engajados nessas atividades.

Qual é então o corretivo de Deus para Seu servo desanimado? Primeiro, ele precisa aprender com as Escrituras que Deus não está procurando converter o mundo, mas que nesta era Ele está tirando dos gentios um povo para o Seu nome (At 15:14). Qual é então o corretivo de Deus para Seu servo desanimado? Ele quer que tenhamos uma compreensão adequada de Seu plano para esta Dispensação. Qual é o remédio de Deus para o desânimo no aparente fracasso em nossos trabalhos? A certeza de que o propósito de Deus não

pode falhar, que os planos de Deus não podem falhar, que a vontade de Deus deve ser feita.

Nossos trabalhos não se destinam a realizar o que Deus não decretou. Qual é a palavra de ânimo de Deus para aquele que está completamente desanimado com a falta de resposta aos seus apelos e a ausência de frutos, para o seu trabalho? O Seu conselho é que não somos responsáveis pelos resultados, pois isso pertence a Deus. Paulo pode “plantar” e Apolo pode “regar”, mas é Deus quem dá o crescimento (1 Co 3:6). Nosso negócio é obedecer a Cristo e pregar o Evangelho a toda criatura, enfatizar o “Todo aquele que crê” e então deixar as operações soberanas do Espírito Santo para aplicar a Palavra com poder vivificador a quem Ele quiser, descansando na promessa segura de Jeová: “Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei” (Is 55:10,11).

Por acaso, não foi essa garantia que sustentou o

amado Apóstolo quando declarou: “Portanto (veja o contexto) tudo suporte por causa dos eleitos” (2 Tm 2:10)? Sim, não é esta mesma lição a ser aprendida com o exemplo abençoado do Senhor Jesus! Quando lemos que Ele disse ao povo: “Embora me tenhais visto, não credes”, Ele recorreu ao prazer soberano daquele que o enviou, dizendo: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6:37). Ele sabia que Seu trabalho não seria em vão. Ele sabia que a Palavra de Deus não retornaria a Ele “vazia”. Ele sabia que “os eleitos de Deus” viriam a Ele e creriam n’Ele. E esta mesma certeza enche a alma de todo servo que inteligentemente repousa sobre a bendita verdade da soberania de Deus.

Ah, companheiro de trabalho cristão, Deus não nos enviou para puxar o arco em uma aventura. O sucesso do ministério que Ele confiou em nossas mãos não depende da inconstância das vontades daqueles a quem pregamos. Quão gloriosamente encorajadoras, quão sustentadoras da alma são essas palavras de nosso Senhor, se descansarmos nelas com fé simples: “Ainda tenho outras ovelhas (“tenho”; não “tereí”; “tenho” porque foi dado a Ele pelo Pai antes da fundação do

mundo), não deste aprisco (ou seja, o aprisco judaico então existente); a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz” (Jo 10:16). Não simplesmente, “eles devem ouvir a Minha voz”, não simplesmente “eles podem ouvir a Minha voz”, nem “eles ouvirão se quiserem”. Não há “se”, não há nenhuma incerteza sobre isso. “Eles ouvirão minha voz” é Sua própria promessa positiva, incondicional e absoluta. Aqui, então, é onde a fé deve descansar!

Continue sua busca, caro amigo, pelas “outras ovelhas” de Cristo. Não desanime porque os “bodes” não atendem à Sua voz enquanto você prega o Evangelho. Seja fiel, seja perseverante, e Cristo o usará para ser Seu porta-voz ao chamar algumas de Suas ovelhas perdidas para Si mesmo. “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1 Co 15:58).

Resta-nos agora oferecer algumas reflexões finais e nossa feliz tarefa está terminada.

A eleição soberana de Deus de alguns para a salvação é uma provisão MISERICORDIOSA. A resposta suficiente para todas as acusações perversas de que a

doutrina da Predestinação é cruel, horrível e injusta é que, a menos que Deus tivesse escolhido alguns para a salvação, ninguém teria sido salvo, pois “não há quem busque a Deus” (Rm 3:11). Esta não é uma mera inferência nossa, mas o ensino definido da Sagrada Escritura. Preste atenção às palavras do apóstolo em Romanos 9, onde este tema é amplamente discutido: “Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo... e como Isaías já disse: Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado descendência, ter-nos-íamos tornado como Sodoma e semelhantes a Gomorra” (Rm 9:27, 29).

O ensino desta passagem é inconfundível. Se não fosse a interferência divina, Israel teria se tornado como Sodoma e Gomorra. Se Deus tivesse deixado Israel sozinho, a depravação humana teria seguido seu curso até seu próprio fim trágico. Mas Deus deixou a Israel um “remanescente” ou “semente”. Antigamente, as cidades da planície haviam sido destruídas por seus pecados e não restava ninguém. Assim teria sido no caso de Israel se Deus não tivesse “deixado” ou poupado um remanescente. Assim também é com a raça humana, mas pela graça soberana de Deus em poupar um

remanescente, nem todos os descendentes de Adão pereceram em seus pecados.

Portanto, dizemos que a eleição soberana de Deus de certos para a salvação é uma provisão misericordiosa. E, note-se, ao escolher os que Ele fez, Deus não cometeu injustiça aos outros que foram deixados de lado, pois ninguém tinha direito à salvação. A salvação é pela graça, e o exercício da graça é uma questão de pura soberania. Deus pode salvar todos ou nenhum, muitos ou poucos, um ou dez mil. Ele pode e salvará a quantidade de pessoas que Lhe agradar.

Se fosse respondido, “mas certamente seria ‘melhor’ salvar a todos”, a resposta seria: Não somos capazes de julgar. Poderíamos ter pensado que era “melhor” nunca ter criado Satanás, nunca ter permitido que o pecado entrasse no mundo, ou ter entrado para acabar com o conflito entre o bem e o mal há muito tempo. Ah! Os caminhos de Deus não são os nossos, e os Seus caminhos são “incompreensíveis”.

Deus preordena tudo o que acontece. Seu governo soberano se estende por todo o Universo e está sobre todas as criaturas. “Porque d’Ele, e por meio d’Ele, e para Ele, são todas as coisas” (Rm 11:36). Deus inicia todas as

coisas, regula todas as coisas, e todas as coisas estão trabalhando para Sua glória eterna. “Há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele” (1 Co 8:6). E novamente: “Segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:11). Certamente, se alguma coisa pode ser atribuída ao acaso, é o sorteio, mas ainda assim a Palavra de Deus declara expressamente: “A sorte se lança no regaço, mas do SENHOR procede toda decisão” (Pv 16:33).

A sabedoria de Deus no governo de nosso mundo ainda será completamente vindicada diante de todas as inteligências criadas. Deus não é um Espectador ocioso, olhando de um mundo distante para os acontecimentos em nossa terra, mas Ele mesmo está moldando tudo para a promoção final de Sua própria glória. Mesmo agora Ele está realizando Seu propósito eterno, não apenas apesar da oposição humana e satânica, mas por meio deles. Quão perversos e fúteis têm sido todos os esforços para resistir à Sua vontade que um dia serão tão plenamente evidentes quanto quando Ele derrubou o rebelde Faraó e suas hostes no Mar Vermelho.

Segue algumas palavras de *Grant*: “O fim e o objetivo de tudo é a glória de Deus. É perfeitamente, divinamente verdadeiro, que Deus ordenou para Sua própria glória tudo o que acontece. A fim de proteger isso de toda possibilidade de erro, temos apenas que lembrar quem é esse Deus e qual é a glória que Ele busca. É Ele que é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, d’Aquele em quem o amor divino veio buscando o seu próprio interesse, mas veio entre nós como um servo. É Ele que, suficiente em Si mesmo, não pode receber nenhum acesso real de glória de Suas criaturas, mas de quem, o “Amor” e a “Luz”, desce todo bem e todo dom perfeito, em quem não há variação nem sombra de variação. Somente do que é Seu, Suas criaturas podem dar a Ele.”

“A glória de tal pessoa é encontrada na demonstração de Sua própria bondade, justiça, santidade, verdade; em manifestar-se como em Cristo Ele se manifestou e manifestará para sempre. A glória deste Deus é o que necessariamente todas as coisas devem servir, adversários e mal, bem como tudo o mais. Ele o ordenou; Seu poder assegurará. Quando todas as aparentes nuvens e obstruções forem removidas, então

Ele descansará; ‘descansará em Seu amor’ para sempre, embora somente a eternidade seja suficiente para a apreensão da revelação. ‘Deus será tudo em todos’” (F.W. Grant em “Expição”).

Que o que escrevemos dá apenas uma apresentação incompleta e imperfeita deste assunto tão importante, devemos confessar com tristeza. No entanto, se resultar em uma compreensão mais clara da majestade de Deus e Sua misericórdia soberana, seremos amplamente recompensados por nossos trabalhos. Se o leitor recebeu a bênção da leitura destas páginas, não deixe de agradecer ao Doador de todo o bem e de todo dom perfeito, atribuindo todo o louvor à Sua graça inimitável e soberana.

O Senhor, nosso Deus, está vestido de força, os ventos e as ondas obedecem à sua vontade; Ele fala, e na altura resplandecente o sol e os mundos param. Rebeldes são as ondas, e se apresentam sobre a terra com aspecto ameaçador, espumante e furioso, mas o Senhor pronunciou Sua ordem, e tal ordem quebra a ira das ondas. Vós, ventos da noite, por mais forte que sejam, sem Seu santo e alto comando, vocês não

podem perturbar o ninho da andorinha. Sua voz sublime é ouvida de longe, em repiques distantes ela se desvanece e morre.

Deus usa o ciclone como seu carro, e varre os céus sombrios uivantes. Bom Deus! Quão infinito és Tu, e quão vermes fracos e inúteis somos nós. Deixe toda a raça de criaturas se curvar e buscar a salvação em Ti. A eternidade, com todos os seus anos, está sempre presente à Tua visão. Para Ti não há nada velho. Bom Deus! Também, perante Ti, não pode haver nada de novo. Nossas vidas através de cenas variadas são desenhadas, e vexadas com cuidados mesquinhos e insignificantes; enquanto Teu pensamento eterno se move, enquanto Teus assuntos se mantêm fixos e imperturbados.

“Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso” (Ap 19:6).



Quem foi A. W. Pink?

Arthur Walkington Pink nasceu em *Nottingham*, Inglaterra. Era filho de um comerciante de milho, um devoto não-conformista de denominação incerta, embora provavelmente um congregacionalista. Quase nada se sabe sobre a infância ou educação de Pink, exceto que ele tinha habilidade e treinamento em música. Quando jovem, Pink se juntou à Sociedade Teosófica, um grupo gnóstico ocultista na Inglaterra contemporânea, e alcançou proeminência suficiente dentro de suas fileiras que *Annie Besant*, sua chefe, admitiu-o em seu círculo de liderança. Em 1908 ele renunciou à Teosofia para seguir o cristianismo.

Desejando se tornar um ministro, mas não querendo frequentar uma faculdade teológica liberal na Inglaterra, Pink estudou muito brevemente no *Moody Bible Institute* em Chicago em 1910 antes de assumir o pastorado da igreja Congregacional em *Silverton*, Colorado. Em 1912 Pink deixou *Silverton*, provavelmente para ir à Califórnia, e então assumiu um pastorado em um conjunto de igrejas na zona rural de *Burkesville* e *Albany, Kentucky*. Em 1916, ele se casou com *Vera E. Russell* (1893-1962), que havia sido criada em *Bowling Green, Kentucky*, e o próximo pastorado de Pink foi na Igreja Batista de *Scottsville, Kentucky*. Em seguida, os recém-casados se mudaram em 1917 para *Spartanburg*, Carolina do Sul, onde Pink se tornou pastor da *Igreja Batista Northside*.

A essa altura, Pink havia se familiarizado com proeminentes fundamentalistas dispensacionalistas, como *Harry Ironside* e *Arno C. Gaebelin*, e seus dois primeiros livros, publicados em 1917 e 1918, estavam de acordo com essa posição teológica. No entanto, os pontos de vista de Pink estavam mudando, e durante esses anos ele também escreveu a primeira edição de *The Sovereignty of God* [A Soberania de Deus] (1918), que

argumentava que Deus não amava os pecadores que não haviam sido predestinados para a salvação, e que Ele havia deliberadamente criado “para condenação” aqueles que não confessaram a Cristo. Seja por causa de seu ponto de vista calvinista, sua dedicação aos estudos, sua saúde debilitada ou sua falta de sociabilidade, Pink deixou *Spartanburg* em 1919 acreditando que Deus “faria que eu me entregasse à escrita”. Continuou ensinando a Bíblia - com algum sucesso - na Califórnia para um evangelista de tenda chamado Thompson enquanto continuava seu intenso estudo dos escritos puritanos.

Em janeiro de 1922, Pink começou a publicar uma série de *Studies in the Scriptures* [Estudando as Escrituras], que no final do ano seguinte tinha cerca de mil assinantes, que ocuparia a maior parte de seu tempo pelo resto de sua vida e se tornaria a fonte de dezenas de livros. Em 1923, Pink sofreu um colapso nervoso e ele e sua esposa foram morar com amigos na Filadélfia até que ele recuperasse a saúde. Em 1925, os Pinks embarcaram para Sydney, Austrália, onde serviu como evangelista e professor da Bíblia no *Ashfield Tabernacle*. Mas sua pregação impolítica da doutrina calvinista resultou em uma resolução unânime do Fraterno

Batista de Nova Gales do Sul de não o endossar. De 1926 a 1928, Pink serviu como pastor de dois grupos de Batistas Particulares.

Voltando à Inglaterra, Pink foi convidado a pregar em uma igreja sem pastor em Seaton, Devon; mas embora ele tenha sido bem recebido por alguns membros, os supervisores pensaram que sua posse como pastor dividiria a igreja. Na primavera de 1929, Pink e sua esposa retornaram ao seu estado natal, Kentucky, onde ele pretendia se tornar pastor da igreja batista em *Morton's Gap*. Mais uma vez suas esperanças não foram concretizadas. Para um amigo, ele escreveu:

“Estou mais firmemente convencido hoje do que há 14 meses de que nosso lugar é ‘fora do campo’. Esse é o lugar da ‘censura’, da solidão e do teste.”

Em 1930 Pink conseguiu iniciar um curso bíblico em Glendale, Califórnia, enquanto também recusava oportunidades de falar em algumas igrejas fundamentalistas. No ano seguinte, os *Pinks* alugaram uma casa de madeira, sem pintura, em *Union County*, Pensilvânia, onde um pequeno grupo se reunia; então, em 1933, eles se mudaram para York, Pensilvânia.

Pink decidiu que se seu ministério fosse totalmente escrito, ele poderia fazer isso estando na Inglaterra. Em setembro de 1934, ele e sua esposa mudaram-se para *Cheltenham, Gloucestershire*. Pink parece ter finalmente dado lugar ao desespero. A um amigo, ele escreveu “que aqueles de meus amigos que gostariam muito de me ajudar são impotentes para fazê-lo; enquanto aqueles que poderiam, não o farão. E em poucos anos, será tarde demais. Nos últimos sete anos está se evidenciando tanto em minha constituição física e mental, que em breve estarei incapacitado mesmo que as portas se abrissem para mim. Mas assim, ainda irei dizer: ‘Não a minha vontade, mas a tua seja feita.’”

Em 1936, os Pinks mudaram-se para *Hove*, na costa sul, perto de *Brighton*. Após a morte de seu pai em 1933, Pink recebeu o suficiente da propriedade para permitir que ele e sua esposa vivessem de forma muito simples, sem preocupações financeiras; e entre 1936 até sua morte em 1952, Pink se dedicou totalmente aos Estudos das Escrituras. *Vera* acreditava que o horário de trabalho quase implacável de seu marido era insalubre, e ela notavelmente conseguiu que ele adotasse a coleção de selos como um hobby. Em 1940, *Hove* tornou-se um

alvo regular de ataques aéreos alemães, e os Pinks se mudaram para *Stornoway, Ilha de Lewis, Hébridias Exteriores, Escócia*, onde permaneceram pelo resto de suas vidas.

A ilha era um bastião do calvinismo, mas os cultos da igreja eram realizados principalmente em gaélico escocês, e os visitantes não eram bem recepcionados. Pink governava seu tempo de estudo e escrita com “precisão militar”. A um amigo, ele escreveu que saía para fazer compras e se exercitar por uma hora, seis dias por semana, mas que, de outra forma, nunca deixava seu escritório, exceto quando trabalhava em um pequeno jardim. Enquanto estava em *Hove*, ele até publicou uma nota em *Studies* falando aos assinantes de que “não é conveniente para nós recebermos visitantes e respeitosa e pedimos aos leitores que visitem nossa região, que se abstenham de nos visitar, mas observe que estamos sempre felizes em ter notícias de amigos cristãos”. Em vez de ir à igreja, nas manhãs de domingo, Pink passava algum tempo ministrando aos leitores por meio de suas cartas.

Em 1951, Vera percebeu que Pink estava enfraquecendo. Ele perdia peso e sentia dores, mas

recusou-se a tomar qualquer remédio que pudesse entorpecer sua mente e impedi-lo de completar seu trabalho. Ele morreu em 15 de julho de 1952. Suas últimas palavras foram “**As Escrituras se explicam**”. Pink deixou material escrito suficiente para permitir a publicação de *Estudies* até dezembro de 1953. *Vera Pink* viveu por mais dez anos após a morte de seu marido, fazendo assim novos amigos e se misturando mais com os outros.

I n f l u ê n c i a

Alega-se que a personalidade de Pink tornou difícil para ele ter um ministério pastoral de sucesso. Ele foi criticado por ser muito individualista e por ter temperamento muito crítico. Um jovem pastor, *Rev. Robert Harbach*, que se correspondeu com Pink durante anos, mencionava um *Pink* muito diferente, que possuía um “coração de pastor”. A correspondência de Pink com *Harbach* (até que a saúde debilitada de Pink encerrou sua correspondência em 1949) foi calorosa, sincera e paternal. No início de sua correspondência, Pink escreveu: “Quero que você se sinta perfeitamente à vontade para me chamar para qualquer ajuda que eu

possa prestar a você. Estou em contato com vários jovens pastores e considero como parte do meu trabalho, um privilégio oferecer o conselho que eu puder oferecer.”

O aclamado contemporâneo de Pink, *Dr. Martyn Lloyd-Jones*, recebeu benefícios espirituais ao ler Pink e o recomendou a outras pessoas. Para um jovem ministro, ele disse: “Não perca seu tempo lendo *Barth* e *Brunner*. Você não obterá nada deles para ajudá-lo na pregação. Leia Pink”.

Teologicamente Pink foi rejeitado durante sua vida por causa de sua oposição ao Arminianismo; mas após sua morte, houve uma grande mudança de opinião evangélica em direção à teologia calvinista. Em 1982, a *Baker Book House* publicou 22 livros de Pink e vendeu 350.000 cópias no total. No entanto, foi o livro *a Soberania de Deus* de Pink que fez “mais do que qualquer outro livro em redirecionar o pensamento de uma geração mais jovem”. Depois que *Banner of Truth Trust* o republicou em 1961 - modificando-o para remover o suposto hiper calvinismo de *Pink* - o livro vendeu 177.000 cópias em 2004.

DEUS É SOBERANO

*Outros títulos
produzidos por nós*



A Cruz
J.C. Ryle

O que você pensa e sente a respeito da cruz de Cristo? As vezes você vive em uma nação cristã. Provavelmente frequenta o culto de uma igreja cristã. Talvez tenha sido batizado em nome de Cristo. Professa e pensa ser um cristão. Tudo isto é o que se pode dizer de milhões no mundo. Mas tudo isto não é resposta à minha pergunta: "O que você pensa e sente sobre a cruz de Cristo"?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Um Guia Seguro para o Céu Joseph Allaine

Alguns de vocês não sabem o que quero dizer com conversão, e em vão tentarei persuadi-los a algo que vocês não entendem. Portanto, para o seu bem, vou mostrar **o que é conversão**.

Outros nutrem esperanças secretas de misericórdia, embora continuem como estão. Para eles devo mostrar a **necessidade da conversão**.

Outros tendem a se endurecer com a vã presunção de que já estão convertidos. A eles devo mostrar **as marcas dos não convertidos**.

Outros, porque não sentem nenhum mal, não temem nenhum, e dormem como no topo de um mastro. A eles mostrarei a **miséria dos não convertidos**.

CLIQUE AQUI PARA LER

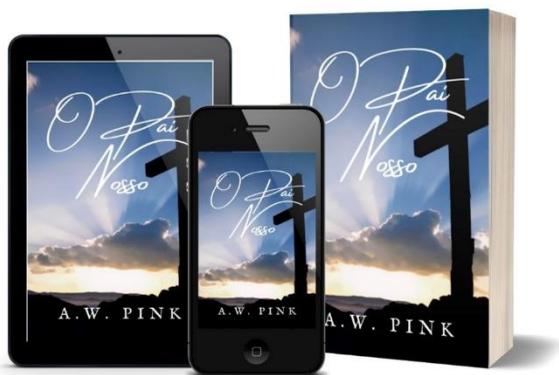


Satanás e Seu Evangelho

A.W. Pink

Tendo sido frustrado e derrotado então, em todos os pontos; tendo falhado em impedir a encarnação de nosso abençoado Senhor, tendo falhado em impedi-Lo de oferecer a Si mesmo como sacrifício pelo pecado, tendo falhado em manter Seu corpo nos confins da sepultura, cabe a nós indagar se Satanás desistiu em desespero ou não, se ele deixou de atacar a pessoa e a obra do Senhor Jesus, se ele mudou sua atitude em relação ao Filho amado de Deus; ou, se ele ainda está processando seus desígnios perversos, ainda se esforçando para frustrar os propósitos de Deus e se ele está ou não, agora, visando anular as virtudes da morte expiatória de Cristo.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Pai Nosso
A.W.Pink

"Santificado seja o Teu nome". Como é fácil proferir estas palavras sem pensar em sua importância solene! Ao procurar ponderá-las, quatro questões são naturalmente levantadas em nossas mentes. Primeiro, o que significa a palavra "santificado"? Em segundo lugar, o que significa o nome de Deus? Terceiro, qual é a importância de "santificado seja o Teu nome"? Quarto, por que esta petição vem em primeiro lugar?

CLIQUE AQUI PARA LER



A Rara Joia do Contentamento Cristão Jeremiah Burroughs

O mistério do contentamento cristão será a obrigação, a glória e a excelência de um cristão.

- A natureza do contentamento cristão: O que é isso (Cap.1)
- A arte e o mistério disso (Cap.2)
- Quais lições devem ser aprendidas para trazer contentamento ao coração. (Cap. 3)
- No que principalmente consiste a gloriosa excelência dessa graça. (Cap.4)

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



A Importância da Bíblia **J.C. Ryle**

Ao lado da oração não há nada tão importante na religião prática como a leitura da Bíblia. Deus misericordiosamente nos deu um livro que é "tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Timóteo 3:15). Lendo esse livro podemos aprender sobre o que acreditar, o que ser e o que fazer; como viver com conforto, e como morrer em paz. Feliz é aquele homem que possui uma Bíblia! Mais feliz ainda é aquele que a lê! O mais feliz de todos é aquele que não só lê, mas o obedece, e faz dela a regra de sua fé e prática!

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Atleta Celestial **John Bunyan**

Amigos, Salomão diz que “O preguiçoso morre desejando” (Pv 21:25); e se assim for, o que a própria preguiça fará com aqueles que a entretêm? O provérbio é: “o que dorme na sega é filho que envergonha.” (Pv 10:5). E isto ousou dizer: nenhuma vergonha maior pode acontecer a um homem do que ver que ele enganou sua alma e pecou a vida inteira. E tenho certeza de que esta é a próxima maneira de fazer isso; ou seja, ser preguiçoso – preguiçoso, eu digo, na obra da salvação. A vinha do homem preguiçoso, em referência às coisas desta vida, não está mais cheia de sarças, urtigas e ervas daninhas fétidas do que aquele que é preguiçoso para o céu, tendo seu coração e alma sufocados; maldito pecado.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Deus Acima do Tempo
Angus Stewart

É claro e repetidamente ensinado na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que Deus é eterno. Existe, porém, uma diferença de opiniões no significado da eternidade de Deus. Basicamente existem duas visões. Uma é que a eternidade de Deus significa que Ele é desde a infinidade passada e será na infinidade futura. Esta é a visão da eternidade de Deus como eterna ou sempiterna. A outra posição, defendida neste artigo, é que Deus está acima do tempo, que Ele não está no tempo e nem o tempo no Seu Ser.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Nas Pegadas do Cordeiro
George Steinberge

Na vida cristã nossa relação é com uma pessoa, não com uma doutrina. Ele nos deixou um exemplo. Podemos ser desviados pelas doutrinas, e podemos nos cansar delas [embora devamos nos esforçar para não fazê-lo], mas nunca nos cansamos de olhar para o Cordeiro e caminhar em Seus passos. Vamos passar toda a eternidade adorando o Pai porque Ele nos deu o Cordeiro, não só como uma oferta ao pecado, mas também como guia! E como isso é abençoador para nós, especialmente em nosso tempo em que tantas vozes conflitantes chamam: "Aqui está o Cristo!" e "Veja! Ele está lá!"

CLIQUE AQUI PARA LER



Orgulho e Humildade **C.H. Spurgeon**

Quase todo evento tem seu prelúdio profético. É um ditado antigo e comum, que “os próximos eventos lançam suas sombras antes de acontecer”; o homem sábio nos ensina a mesma lição no versículo diante de nós. Quando a destruição caminha pela terra, ela lança sua sombra; está na forma de orgulho. Quando a honra visita a casa de um homem, ela lança sua sombra; está na forma da humildade. “Antes da ruína, gaba-se o coração do homem”.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Praticando a Presença de Deus **Irmão Lawrence**

Durante o inverno, vendo uma árvore despojada de sua folhagem, e considerando que em breve voltariam a brotar as suas folhas e depois apareceriam as flores e os frutos, Irmão Lourenço recebeu uma visão da Providência e do Poder de Deus que nunca se apagou de sua alma. Esta visão o liberou totalmente do mundo, e incendiou nele um grande amor por Deus. Tão grande era esse amor que ele não podia se dizer que tinha aumentado nos quarenta anos que se passaram.

CLIQUE AQUI PARA LER